

Série de textos “Como num filme”



**SÉRIE DE TEXTOS
“COMO NUM FILME”**

FONTE DOS TEXTOS E IMAGENS

opusdei.org/pt-pt/

IMAGEM DA CAPA

pt.pngtree.com/freepng

SÉRIE DE TEXTOS
“COMO NUM FILME”

São Josemaria convidava-nos a contemplar a vida de Jesus “como num filme”. Sem muitos livros nem demasiadas palavras, mas deixando voar a imaginação: olhar para a oficina em que trabalhou junto de José, ouvir a sua voz no monte das bem-aventuranças, tocar ao pé de Tomé o seu lado aberto... Em suma, procurar entrar nos seus pensamentos e nos das pessoas que estiveram ao seu lado.

Nesta série de artigos, apresentamos o Evangelho narrado *como num filme*. A partir da Anunciação, percorremos a vida não só de Jesus, mas também de algumas personagens que nos facilitaram o caminho para cultivar em nós os mesmos sentimentos de Cristo (cf. Flp 2, 5), vivendo cada cena como uma personagem mais.

ÍNDICE

1. A vocação de Maria: a Anunciação
2. Fazer transbordar a alegria: a Visitação
3. Protagonistas inesperados: os pastores de Belém
4. Buscadores de Deus: os reis magos
5. O carpinteiro de Nazaré: os anos de vida corrente
6. Uma viagem à vontade do Pai: a Sagrada Família em Jerusalém
7. Retrospectiva de uma vida: a morte de São José
8. «O Meu Filho amado»: o Batismo de Jesus
9. A experiência de Jesus no deserto
10. Começa a contagem decrescente: as bodas de Caná
11. Confiar na palavra que salva: a pesca milagrosa
12. A felicidade que nada pode tirar: as bem-aventuranças
13. Viver de fé: a multiplicação dos pães e dos peixes
14. Ainda não compreendeis?
15. Luz que nunca se apaga: a confissão em Cesareia e a Transfiguração
16. Fazer do mundo um lar: a parábola do bom Samaritano
17. No refúgio de Jesus: a casa de Betânia

18. Abraçar a condição de filhos: a parábola do filho pródigo
19. Para além do enredo: parábola do fariseu e do publicano
20. Entrar na Vida: o jovem rico
21. Na Casa de Zaqueu
22. À beira do caminho: o cego Bartimeu
23. Um perfume com valor de eternidade: a unção em Betânia
24. A nova força de Pedro: «Senhor, Tu sabes que eu Te amo»
25. Corações de Fogo: Pentecostes
26. NOTAS

ÍNDICE

1. “A vocação de Maria”

Há filmes que vimos tantas vezes que somos capazes de repetir alguns diálogos de cor. Muitos são ambientados em lugares onde nunca estivemos, mas tornam-se-nos muito familiares. A Anunciação é um desses filmes em que nos sentimos como numa segunda casa.

20/07/2023



Há dois mil anos existiu uma pequena casa de tijolo incrustada na rocha, numa aldeia remota da Palestina, que foi o palco onde teve lugar o maior acontecimento da história da humanidade. Mesmo que não tenhamos viajado até lá, esse cantinho – que nunca teria passado para os livros e nem sequer para os mapas – foi objeto da imaginação de gerações de cristãos e são incontáveis os artistas que, com maior ou menor verosimilhança, o refletiram nas suas obras.

Teremos certamente escutado muitas vezes o diálogo (cf. Lc 1, 26-38) mantido entre essas paredes por uma jovem chamada Maria e o Arcanjo Gabriel, enviado por Deus. Uma troca de palavras a que podemos sempre voltar (fazemo-lo todos os dias ao rezar o *Angelus*), pois trata-se de um momento culminante no pacto entre Deus e os homens.

Um coração orante

Podemos entrar com a imaginação num dia que começa a clarear. É uma manhã temperada de primavera e o silêncio ainda reina entre as ruelas de Nazaré, interrompido só esporadicamente por uns passos, pelo trotar de um burrinho ou por um diálogo mantido em voz baixa. Tal como noutras manhãs, Maria acordou cedo. Antes de ir ao poço buscar água, gosta de reservar uns minutos para os dedicar à oração. Assim pode elevar o seu coração a Javé e dar-lhe graças pelo dom de um novo dia. A sua meditação flui como um rio, «em caudal manso e largo»^[1], sem ruído de palavras. Repete o *Shemá Israel* (cf. Dt 6, 4) e os salmos do rei David são em muitas ocasiões inspiração para a sua súplica.

Maria sabe que a memória é uma componente essencial da fé do povo eleito. É constante na Bíblia a exortação dos escritores sagrados a Israel para que conserve a recordação da providência divina (cf. Sl 78 ou Dt 4, 9). Ela tinha refletido em numerosas ocasiões sobre esses textos: «A nossa Mãe meditou longamente as palavras das mulheres e dos homens santos do Antigo Testamento, que esperavam o Salvador, e os acontecimentos de que foram protagonistas. Admirou o cúmulo de prodígios e o excesso da misericórdia de Deus com o seu povo»^[2]. Habituada como estava desde criança a conversar com Javé na intimidade do seu coração, considerava a sua proteção paterna e como o seu desígnio de salvação se tinha ido mostrando desde o início dos tempos. Na sua oração, havia pedido com insistência pela chegada do Messias prometido.

Apesar da sua juventude, Maria aprendeu a fazer silêncio para contemplar a presença divina na sua alma. Gosta de ponderar no seu coração (cf. Lc 2, 19.51) os acontecimentos grandes e pequenos, para os calibrar sob o prisma da Providência. Por isso, não surpreende pensar que o anjo Gabriel, quando se apresentou diante dela para lhe fazer a maior

proposta que se pode apresentar a uma criatura, a encontrasse recolhida em oração^[3]. «Não há melhor maneira de rezar do que colocar-se, como Maria, em atitude de abertura, de coração aberto a Deus: “Senhor, o que Tu quiseres, quando Tu quiseres e como Tu quiseres!”. Ou seja, o coração aberto à vontade de Deus»^[4].

A humildade da cheia de graça

O mensageiro divino saúda Maria com reverência e entusiasmo: «Ave, ó cheia de graça, o Senhor é contigo» (Lc 1, 28). O texto sagrado afirma que «ela se perturbou ao ouvir estas palavras, e interrogava-se a si própria sobre o que significaria aquela saudação» (Lc 1, 29). A Virgem não se surpreende pela visita de um ser angélico, mas sim pelas palavras com que a ela se dirige: «O mensageiro, efetivamente, saúda Maria como “cheia de graça”; e chama-lhe assim, como se este fosse o seu verdadeiro nome. Não chama a sua interlocutora com o nome que lhe é próprio segundo o registo terreno: “*Miryam*” (Maria), mas sim com este nome novo: “cheia de graça”»^[5]. É-lhe revelado o nome que Javé pensou para a sua Mãe desde toda a eternidade, o que melhor a descreve. Ela, por contraste, sabe-se tão pequena diante da grandeza do Criador! E é precisamente esta humildade de Maria que enamora Deus e a torna objeto da Sua predileção: «O segredo de Maria é a humildade. Foi a humildade que atraiu o olhar de Deus sobre ela. O olhar humano procura sempre a grandeza e fica deslumbrado com o que é ostensivo. Deus, ao contrário, não olha para as aparências, Deus olha para o coração (cf. 1Sm 16, 7) e encanta-se com a humildade: a humildade do coração encanta Deus»^[6].

Gabriel continua a sua embaixada: «Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai, David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu Reino não terá fim» (Lc 1, 30-33). «*Ne timeas, Maria!* Não temas, Maria! Também hoje podemos considerar como dirigidas a nós essas palavras: não tenhas medo. S. João escreve na sua primeira carta uma frase surpreendente: “quem teme não é perfeito no amor” (1Jo 4, 17), que S. Josemaria traduzia assim: “quem tem medo, não

sabe amar” (S. Josemaria, *Forja*, n. 260). Senhor, nós queremos saber querer-te, crescer no amor»^[7].

A jovem, que escutou desde a infância a promessa messiânica, compreende bem as palavras do mensageiro celeste. E, apesar de ter feito a promessa de entregar a Deus por inteiro a sua alma e o seu corpo, descobre nesse momento que foi a escolhida, entre todas as mulheres de Israel, para se tornar mãe do Messias. Como é habitual nela, põe em jogo todos os seus talentos para discernir a vontade divina. Aplica a sua inteligência à mensagem recebida, e procura compreender como compatibilizar esse pedido de Deus com o desejo de ser inteiramente para Ele que sente no seu coração: «Maria disse ao anjo: «Como será isso, se eu não conheço homem?» (Lc 1, 34). Não duvida de que o plano divino se vai realizar. Desejou sempre secundar a vontade de Javé, mas quer entender de que modo a Providência resolverá os acontecimentos e como pode ela responder com generosidade e adesão de coração. «Maria não foi um instrumento puramente passivo nas mãos de Deus, mas cooperou na salvação dos homens com fé e obediência livres»^[8].

A espera de um sim

Gabriel prossegue: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é santo e será chamado Filho de Deus» (Lc 1, 35). E acrescenta um dado espantoso: «Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, porque nada é impossível a Deus» (Lc 1, 36-37). O anjo resolve a questão: o fruto do ventre de Maria será obra do Espírito Santo. Nestas palavras simples está contida a primeira revelação da fé trinitária no Novo Testamento. E a Virgem é o primeiro ser criado a prestar assentimento a esta verdade, que formula o conteúdo central do dogma cristão. Como pregou Sto. Agostinho, antes de conceber no seu seio, Maria concebe Jesus no seu coração: «Cristo é crido e concebido mediante a fé. A fé desceu ao coração da Virgem e depois a fecundidade desceu ao ventre materno»^[9]. O anjo dá um sinal à Senhora ao falar-lhe da sua prima Isabel, esposa de Zacarias, sacerdote, que vive em Ain-Karim. Isabel foi também destinatária de uma grande graça divina e está prestes a dar à luz um filho, apesar de ser estéril e de ter

ultrapassado há tempos a idade de ser mãe. Maria compreende que Isabel, além de necessitar da sua ajuda na etapa final da sua gravidez, é a confidente ideal com quem compartilhar a maravilha que Javé está prestes a realizar no seu ventre e na sua vida.

A seguir, faz-se silêncio. São apenas uns segundos, mas parece que o tempo e a eternidade confluíram nesse quarto pequeno, ultrapassando os limites do possível. Dos lábios de Maria pende toda a história da salvação, a redenção de milhões de almas, desde Adão até ao último homem que pisar esta terra. O anjo aguarda expectante que dê o seu consentimento^[10]. Maria fecha os olhos por um instante e recolhe-se em oração. Compreende agora como os acontecimentos da sua breve existência se encaminharam para aquele momento e todas as peças da sua vida, cada talento e graça recebidos, e até a dor, ganham novo sentido ao escutar esta proposta divina. Sabe que não será fácil, pensa em José e também intui que muitos entenderão mal a sua situação, mas já comprovou bem que Deus é capaz de resolver cada prova ou obstáculo, como fez com o seu povo durante a travessia pelo deserto do Sinai, quando separou as águas do Mar Vermelho. Não se sente digna de um dom de tal magnitude, mas alegra-se ao comprovar mais uma vez como o Senhor tem predileção pelos *anawin*, pelos mais pequenos. «É a primeira entre os humildes e pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem a salvação de Deus»^[11].

Se não tivesses aberto...

Maria de Nazaré levanta o olhar e fixa-se em Gabriel, ao mesmo tempo que se desenha um sorriso nos seus lábios. A surpresa, a ternura e um gesto subtil de emoção assomam-lhe ao semblante, ao responder: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). «Ao encanto destas palavras virginais, o Verbo se fez carne»^[12]. Maria disse que sim, e embora aparentemente nada tenha mudado, a partir desse instante o Filho do Altíssimo foi concebido no seu seio. «Nesse momento, produz-se o enorme milagre: Deus faz-se homem»^[13]. O céu entra em festa. E é tal a felicidade e a urgência de Gabriel, que parece partir, sem se despedir: «E o anjo retirou-se de junto dela» (Lc 1, 38).

Esta cena revela-nos o amor imenso de Deus pelas suas criaturas, mas também como Ele conta com a correspondência humana para levar a cabo o seu plano de salvação. Maria faz-nos ver até que ponto Deus ama e respeita a liberdade humana e deseja a sua cooperação para que a redenção se continue a realizar em todas as almas. «Também em ti, ó Maria, se manifesta hoje a fortaleza e a liberdade do homem. Após a deliberação de tão grande desígnio foi-te enviado o anjo e anuncia-te a mensagem da divina decisão pedindo o teu consentimento; e o Filho de Deus não desce ao teu seio antes de dares o consentimento da tua vontade. Estava à espera das portas da tua vontade para abrires ao que queria vir a ti; nunca teria entrado enquanto não abriesses a porta ao dizer: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). Batia à tua porta, ó Maria, a eterna Deidade, mas se não tivesses aberto as portas da tua vontade, Deus não teria adquirido carne humana»^[14].

O nosso agradecimento à santíssima Virgem por ter dito que sim à chamada de Deus nunca será suficiente. Em *Cristo que passa*, refletindo sobre «a realidade do carinho de tantos cristãos pela Mãe de Jesus», S. Josemaria comenta: «E sempre pensei que esse carinho é uma correspondência de amor, uma prova de gratidão filial. Porque Maria está bem unida à maior manifestação de amor de Deus, a Encarnação do Verbo»^[15].

María Candela

ÍNDICE

2. “Fazer transbordar a alegria”

A Visitação de Nossa Senhora à sua prima Santa Isabel. És um figurante no set de um grande filme. A protagonista acaba de receber o maior anúncio da história... e leva-O dentro de si. Não consegue ficar parada: alguma coisa arde nela, empurra-a, fá-la correr. Assim começa esta cena: Maria a caminho, e tu com Ela.

03/06/2025



Gabriel acaba de sair. Maria está a procurar assimilar o que presenciou. A estranha saudação. A promessa do nascimento do Messias. A chegada do Espírito Santo. A sua vida mudou de forma inesperada. Com o seu sim aceitou a proposta do anjo, mas ainda não está consciente de todas as implicações daquele «faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Pelo menos de uma coisa tem a certeza: no seu seio habita agora o Filho de Deus. E a sua felicidade é tal que ainda não sabe como expressá-la.

Meditando sobre o que acaba de presenciar, não pode esquecer a notícia que o arcanjo lhe deu: «A tua parenta Isabel, que já está em idade avançada, concebeu também um filho e este é o sexto mês daquela a quem chamavam estéril» (Lc 1, 36). Não sabemos ao certo qual era o grau de parentesco entre elas, mas habitualmente pensa-se que Isabel era sua prima. Provavelmente Maria estava a par de que ela não tinha podido ter filhos. Mas o anúncio de Gabriel mostrou-lhe claramente que «a Deus nada é impossível» (Lc 1, 37).

Maria compreendeu que não podia ficar de braços cruzados. O anjo tinha-lhe dito que a sua prima estava grávida como sinal da onipotência divina, mas não tinha comentado nada sobre se estaria a precisar de ajuda. Maria, porém, sabia colocar-se no lugar dos outros e reconhecer as suas necessidades, como o demonstraria anos mais tarde em Caná (cf. Jo 2, 1-12). Se a sua prima era idosa, era natural que a sua gravidez não fosse fácil e que qualquer apoio seria bem-vindo. Além disso, a própria Maria sentiria a necessidade de partilhar com alguém o dom que recebera. E seguramente Isabel, a quem estava unida por um carinho e uma confiança profundos, e que também acabava de ser testemunha do poder de Deus, era a pessoa indicada.

Por isso, Maria tomou a decisão de se pôr a caminho. E não de qualquer maneira. São Lucas especifica que «se pôs apressadamente a caminho» (Lc 1, 39). Não tinha tempo a perder. Sabia que o melhor que podia fazer naquele momento era ir ver Isabel. Intuíu que isso fazia parte dos planos de Deus. E queria secundá-los com a iniciativa e o entusiasmo do amor, de quem sabe que está a fazer o melhor para si e para os outros, não com a relutância de quem cumpre uma obrigação porque não tem outro remédio.

Essa pressa com que Maria parte não é superficial. Poderíamos dizer que não é movida pela curiosidade, nem pelo simples desejo de *fazer coisas* para evitar enfrentar a sua própria solidão. «A pressa da jovem de Nazaré é a de quem recebeu dons extraordinários do Senhor e não pode deixar de partilhar, de fazer transbordar a imensa graça que experimentou. É a pressa de quem sabe colocar as necessidades dos outros acima das suas. Maria é um exemplo de pessoa jovem que não perde tempo em busca da atenção ou aprovação dos outros – como acontece quando dependemos dos *likes* nas

redes sociais –, mas move-se para buscar a ligação mais genuína, a que nasce do encontro, da partilha, do amor e do serviço aos outros»^[16].

O privilégio de servir

Ain Karim, a cidade de Judá tradicionalmente identificada com o lar de Zacarias e Isabel, fica a cerca de 130 quilómetros de Nazaré. Situada no meio das montanhas, não devia ser fácil chegar lá. Maria teve de viajar durante vários dias numa caravana provavelmente cheia de desconhecidos. Deixava por um tempo a segurança da sua casa para levar à prima o que tinha de mais valioso «É uma viagem que a leva longe de casa, que a impulsiona para o mundo, para lugares distantes dos seus costumes diários; que a faz chegar, em certo sentido, até confins por Ela inalcançáveis. Consiste precisamente nisto, também para todos nós, o segredo da nossa vida de homens e de cristãos. A nossa existência, como pessoas e como Igreja, é projetada para fora de nós»^[17]. Muitas vezes, o Senhor pede-nos que saíamos dos nossos próprios projetos, daquilo com que talvez estejamos mais familiarizados, para comunicar aos outros a felicidade de acolher a palavra divina. «Maria leva a alegria ao lar da sua prima, porque “leva” Cristo»^[18]. Durante a viagem deve seguramente ter refletido sobre essa alegria. Talvez lhe viessem à mente expressões da Escritura que se aproximavam do que Ela sentia nesses momentos.

Logo que Maria chegou a casa de Zacarias e a sua prima ouviu a saudação, «o menino exultou-lhe no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo» (Lc 1, 41). A visita de Maria não era simplesmente um detalhe de cortesia: levava nada menos que a presença de Cristo. Gerações de judeus tinham sonhado com a chegada do Messias, e agora Isabel recebe-O na sua própria casa. «As duas mulheres, ambas grávidas, encarnam, de facto, a expectativa e o Esperado. A idosa Isabel simboliza Israel que espera o Messias, enquanto a jovem Maria traz em si a realização dessa expectativa, em benefício de toda a humanidade. Nas duas mulheres encontram-se e reconhecem-se, antes de tudo, os frutos do seio de ambas, João e Cristo»^[19].

«Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre», exclama Isabel. «Donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu

Senhor?». Isabel fica espantada, porque não se considera merecedora de tal privilégio. Enche-a de admiração o facto de a mãe do Salvador ter feito uma longa viagem para vir acompanhá-la. Maria inaugura uma nova forma – que Jesus porá em prática – de entender a honra e sente-se, na sua generosidade, a mais beneficiada das duas mulheres presentes na cena. «Se queres ser o primeiro, tens de ir para o fim da fila, ser o último e servir a todos. (...) E isto custa, sabemos-lo, porque “sabe a cruz”. Mas, à medida que crescemos no cuidado e na disponibilidade para com os outros, tornamo-nos mais livres por dentro, mais parecidos com Jesus. Quanto mais servimos, mais sentimos a presença de Deus. Sobretudo quando servimos aqueles que nada têm para nos devolver, os pobres, abraçando as suas dificuldades e necessidades com terna compaixão: e aí descobrimos que, por nossa vez, somos amados e abraçados por Deus»^[20]. Maria não foi *menos* por querer servir a sua prima. Assim, depois de ter ouvido as palavras de louvor de Isabel – «bendita és tu entre as mulheres», «feliz és tu, que acreditaste» –, sentiu «o desejo de cantar, de proclamar as maravilhas de Deus, para que toda a humanidade participasse da sua felicidade»^[21].

Um coração que desata a cantar

«A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador» (Lc 1, 46-47). Maria fala do seu mundo interior. Não há nenhum mais rico do que o dela. E a sua característica principal é a alegria. Se uns dias antes, ao ouvir a saudação do anjo, como primeiro movimento, se tinha assustado, o que ficou e que agora possui é uma profunda alegria, fruto de ter dito *sim* aos planos divinos.

Maria conquistou Deus com a sua simplicidade. «Pôs os olhos na humildade da sua serva: de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações» (Lc 1, 48). Ela não se sentia uma pessoa especial. Vivia numa aldeia desconhecida, que nem sequer era mencionada nas Escrituras. O seu noivo era um artesão, com um ofício como muitos outros. Ela passava grande parte do seu tempo a fazer as mesmas tarefas que as outras jovens desse tempo. A maior parte dos seus dias deve ter decorrido do mesmo modo. Nada nas suas circunstâncias externas sugeria que viesse a ser lembrada *de geração em geração*. Mas o Senhor não Se fixa nas

aparências ou no que os homens consideram grande: sabe olhar para o coração de cada um e apreciar o que passa despercebido.

«Ao meditar nestas verdades, percebemos um pouco mais a lógica de Deus. Comprendemos que o valor sobrenatural da nossa vida não depende de que se tornem realidade as grandes façanhas que por vezes forjamos com a imaginação, mas da aceitação fiel da vontade divina, da disposição generosa nos pequenos sacrifícios diários. Para sermos divinos, para nos “endeusarmos”, temos de começar por ser muito humanos, vivendo diante de Deus a nossa condição de homens correntes, santificando a nossa aparente pequenez»^[22]. Maria viveu assim. Considerava-se pouca coisa, mas reconheceu que tudo o que era grande na sua vida era fruto da ação do Todo-Poderoso. Sabia que era Ele quem operaria os prodígios e manifestaria o seu poder, pois Ela tinha consciência das suas próprias limitações. Por isso, os humildes como Maria serão exaltados, porque o Senhor poderá fazer neles maravilhas.

«Maria, na sua pequenez, é a primeira a conquistar os céus. O segredo do seu sucesso reside precisamente em reconhecer-se pequena, em reconhecer-se necessitada. Com Deus, só quem se reconhece como nada é capaz de receber tudo. Só aqueles que se esvaziam de si mesmos são preenchidos por Ele. E Maria é a “cheia de graça” precisamente pela sua humildade»^[23]. Durante a sua vida, a Mãe de Deus não alcançou nenhuma glória humana. A única aclamação pública de que temos conhecimento foi a de uma mulher anónima que disse a Jesus: «Feliz Aquela que Te trouxe no seu ventre e Te amamentou ao seu peito» (Lc 11, 27). E nada mais. Mas hoje, séculos mais tarde, podemos comprovar a justeza daquelas palavras de Maria: milhões de pessoas ao longo da história mostraram-lhe veneração e fixaram-se na grandeza da sua vida.

A normalidade do lar

Maria ficou com a sua prima durante três meses. O Evangelho não diz o que aconteceu durante esse tempo, mas podemos supor que foi marcado pela tranquilidade. Passeios ao redor da casa. Tempos de silêncio. Conversas à volta de uma mesa. Oração. Horas dedicadas a costurar a roupa do menino. Tarefas domésticas. Aquela família encontrava uma alegria

profunda na normalidade desses momentos, saboreando a discreta proximidade de Deus no meio de todos os seus afazeres. «O segredo da felicidade conjugal está no quotidiano, não em devaneios. Está em encontrar a alegria escondida que dá a chegada a casa; no tratamento carinhoso dos filhos; no trabalho quotidiano, em que toda a família colabora; no bom humor perante as dificuldades, que devem ser enfrentadas com desportivismo»^[24].

É provável que Isabel tivesse de guardar repouso nas semanas que antecederam o parto, e Maria seguramente teve cuidados redobrados com ela. Procuraria antecipar-se às suas necessidades com a prontidão e a criatividade próprias do carinho. Com a mesma pressa com que partira de Nazaré, adianta-se agora às solicitações de Isabel. Podemos imaginar Maria focada em tornar agradável a vida da sua prima: prepararia a comida de que mais gostava, arranjaria maneira de a fazer rir, contaria histórias para a entreter... Deste modo, Maria ajudou a aliviar o fardo emocional e físico que Isabel suportava, oferecendo-lhe a tranquilidade necessária para enfrentar o parto.

Quando João finalmente nasceu, todos os vizinhos e parentes de Isabel «ouviram falar da grande misericórdia que o Senhor lhe tinha mostrado e congratulavam-se com ela» (Lc 1, 58). Todos queriam ver aquele bebé: era evidente que se tratava de um dom de Deus. Maria, depois de se regozijar com a alegria desses dias e de se ter certificado de que tudo estava em ordem, decidiu regressar a Nazaré. Seguramente Isabel e Zacarias teriam desejado que ficasse mais tempo, mas compreenderam que tinha chegado a hora.

Durante o caminho de regresso, Maria deve ter refletido no seu coração sobre tudo o que tinha vivido. Com o seu Magnificat tinha expressado em palavras a profunda alegria que sentira desde o anúncio do anjo. Ao cuidar de Isabel, tinha experimentado a satisfação de seguir os projetos de Deus e de se entregar aos outros. Os primeiros meses de Deus feito homem foram marcados pela alegria e pela atenção a uma pessoa necessitada. Se o que uma mulher come e faz durante a gravidez se transmite ao filho, podemos dizer que Jesus, desde que está no seio de Maria, se *nutre* da atitude de serviço de sua Mãe e do seu desejo de fazer a vontade de Deus em cada

momento. Por isso, quando mais tarde disser que o seu alimento é cumprir a vontade do Pai (cf. Jo 4, 34) e que veio para servir (cf. Mt 20, 28), talvez pensasse na sua Mãe: nenhuma criatura tinha compreendido como Ela a felicidade de escutar e acolher a palavra de Deus.

José María Álvarez de Toledo

ÍNDICE

3. “Protagonistas inesperados”

Os pastores de Belém que estavam a cuidar dos seus rebanhos e a dormir ao ar livre foram os primeiros a receber o anúncio do anjo e a ver e adorar o Filho de Deus na terra.

09/04/2021



Conta São Lucas que no dia em que Jesus nasceu, «havia uns pastores naquelas paragens, que dormiam ao relento e vigiavam o seu rebanho à noite» (Lc 2, 8). Sabemos pouco sobre estas pessoas. Não sabemos os seus nomes, nem temos a certeza de quantos eram, embora não devessem ter sido muitos. Belém não era uma cidade muito grande, e não parece que na área houvesse grandes rebanhos de ovelhas. Atualmente, um único pastor é capaz de cuidar de mais de cem ovelhas, pelo que podemos imaginar que se tratava de um grupo bastante pequeno.

Quando chega o cansaço

Quando Jesus nasceu, o povo estava retirado nas suas casas, a jantar ou a descansar. Os pastores, pelo contrário, vigiavam o rebanho por turnos. Foi por isso que o anjo os encontrou: porque estavam a trabalhar. Era um trabalho muito pobre e provavelmente não muito bem visto na sociedade do seu tempo. Além disso, aqueles que trabalham à noite, fazem-no frequentemente porque não têm outra escolha. A experiência dos pastores ensina-nos que o Senhor pode vir quando estamos mais cansados, ou quando estamos a fazer um trabalho menos relevante, sem qualquer brilho. O mesmo aconteceria anos mais tarde, quando Jesus chamou alguns dos seus apóstolos depois do insucesso na pesca noturna. É que para um filho de Deus, o cansaço e a contradição podem ser companheiros ao longo do caminho:

«Ao considerar a beleza, a grandeza e a eficácia da tarefa apostólica, asseguras que te chega a doer a cabeça, pensando no caminho que falta percorrer – quantas almas esperam! – e sentes-te muito feliz, oferecendo-te a Jesus como seu escravo. Anseias pela Cruz e pela dor e pelo Amor e pelas almas. Sem querer, num movimento instintivo – que é o Amor – estendes os braços e abres as palmas das mãos, para que Ele te prenda à sua Cruz bendita: para seres seu escravo – "serviam" – que é reinar^[25]

Os pastores nem sequer tinham um lugar para descansar, «dormiam ao relento» (Lc 2, 8), diz São Lucas. E talvez tenha sido também por isso que o anjo os encontrou. Não teve de dar voltas e voltas ou bater a uma porta. Os pastores estavam lá, disponíveis, quando todos os outros estavam a dormir, quando muitos pensavam que a jornada tinha terminado.

Em vez disso, tinha ocorrido o acontecimento mais extraordinário desse dia e de todos os tempos: o nascimento do Messias. Porque Deus não se faz notar. Ele quis manifestar-se de noite, quando apenas uns poucos estavam acordados. Deus faz as coisas desta forma, gosta de passar despercebido, sem ser notado. Ele chega de forma insuspeitada entre aqueles que menos têm e menos podem. E ali, no meio desse nada, Deus manifesta toda a sua grandeza.

Na mesa de trabalho

No meio da pobreza dos pastores, «de repente apareceu-lhes um Anjo do Senhor, e a glória do Senhor resplandeceu à sua volta. E encheram-se de grande temor» (Lc 2, 9). É incrível pensar que o Anjo veio à procura de uns pastores em Belém, em vez de ir anunciar a Boa Nova, por exemplo, aos sacerdotes no templo de Jerusalém. No templo encontrava-se a glória do Senhor e parecia lógico que o anjo tivesse ido para lá. Em vez disso, no campo de Belém e a meio da noite, «a glória do Senhor resplandeceu à sua volta» (Lc 2, 9). Que maravilha deve ter sido! Os pastores faziam o que fazem todos os dias: um dormia, outro jantava, outro vigiava... E, no meio destas tarefas normais, a glória do Senhor manifestou-se. É compreensível que tenham sentido «grande temor» (Lc 2, 9). Maria também ficou perturbada com o anúncio do anjo Gabriel. É um temor de se saber indignos de participar nas coisas de Deus, mas é bom, porque nos leva a apurar os nossos ouvidos, a estar atentos, a ser delicados e a sentir admiração pelo que o Senhor manifesta.

O Anjo, sabendo o que os pastores estavam a sentir, disse-lhes: «Não tenhais medo. Eis que venho anunciar-vos uma grande alegria, que será para todo o povo: nasceu-vos hoje na cidade de David um Salvador, que é Cristo, o Senhor; e isto será para vós um sinal: encontrareis um menino envolto em faixas e deitado numa manjedoura» (Lc 2, 10-12). Ao medo inicial dos pastores sobrepõe-se o anúncio de paz e alegria feito pelo anjo.

É impressionante que um presépio seja o trono do Senhor. Para os pastores, era um instrumento de trabalho muito comum. De certa forma, é como se o anjo nos dissesse hoje que o menino nos espera à mesa do escritório, na cozinha ou no carro. Por isso é que os pastores ficaram um pouco surpreendidos. A mesma manjedoura que enchiam todos os dias com comida para as ovelhas servia agora para acolher o Filho de Deus. Colocado num local que é utilizado para alimentação, mostra-nos que veio para se dar como alimento para cada um de nós:

Deus faz-se pequeno para ser nosso alimento. Ao alimentarmo-nos dele, o Pão da Vida, podemos renascer no amor e quebrar a espiral da ganância e da cobiça. (...) Ante o presépio, compreendemos que o que alimenta a vida não são os bens, mas o amor; não é a ganância, mas a caridade; não é a abundância ostensiva, mas a simplicidade que deve ser preservada^[26].

Conquistar Maria

Após o anúncio, os pastores «foram apressados e encontraram Maria, José e o menino reclinado no presépio» (Lc 2, 16). É lógico que neste versículo o evangelista nomeia Maria primeiro, antes de José... e antes do Menino! Quando uma criança nasce, a mãe não tira os olhos dela e, se quisermos acariciá-la, pedimos-lhe autorização. Os pastores tiveram de ganhar a simpatia de Maria para se aproximarem do Menino. Sim, tinham trazido o que tinham à mão naquele momento: um pouco de comida, algum abrigo, uma ovelha... Mas, o que era tudo isso quando o Rei dos Reis se encontrava à sua frente? Podia parecer insignificante, mas Maria, como boa mãe, olha acima de tudo para o afeto com que eles ofereceram estes presentes. E os pastores, depois de terem conquistado a Mãe de Deus, aproximaram-se do Menino e diziam algo semelhante ao que tantas vezes ouvimos dos lábios do nosso Padre:

«Eu olho para Deus reclinado num lugar onde só habitam os animais, e exclamo, Jesus, onde está a tua realeza? Meu filho, já viste a grandeza de Deus que se fez Menino? Porque o seu Pai é Deus, e os seus criados, as criaturas angélicas. E ele está aqui numa manjedoura, envolto em paninhos...»^[27].

* * *

Os pastores nunca esqueceriam o que experimentaram nessa noite. Nada prenunciava, uma vez que começaram uma noite como qualquer outra, as maravilhas que estavam prestes a testemunhar. Um anjo tinha-lhes aparecido e juntos tinham ido adorar o Messias recém-nascido. Por conseguinte, não nos surpreende o que fica registado no final da história, depois de terem estado com a Sagrada Família: «Eles reconheceram as coisas que lhes tinham sido ditas sobre este menino. E todos os que o ouviram ficaram espantados com o que os pastores lhes tinham dito» (Lc 2, 20.18).

Estes homens simples, habituados apenas a lidar com animais, tornaram-se arautos da vinda do Salvador. Ver o Menino realizou neles uma pequena grande mudança. Se antes trabalhavam um pouco cada um por si,

agora já não. Agora atravessarão a comarca de Belém, não só pastoreando as ovelhas, mas também anunciando o que viram. Esta missão dos pastores é difícil, porque não tinham recebido uma formação específica para proclamar a Palavra. Mas aqui o poder de Deus ganha vida, «pois a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens» (1Cor 1, 25). Os pastores não precisavam de grandes dotes para falar do Menino: bastava-lhes transmitir o encontro pessoal que tinham tido com Ele.

Eusebio González

Fotografia: Dan Kiefer (Unsplash)

ÍNDICE

4. “Buscadores de Deus”

Os Magos deixaram muitas coisas para trás para procurar o Rei dos Judeus: casa, amigos, as suas próprias seguranças... Mas o desejo interior que os levou a partir terminou num gesto com o qual manifestaram a única coisa importante nas suas vidas: «e, caindo de joelhos, prostraram-se diante d’Ele e adoraram-n’O» (Mt 2, 11).

03/01/2024



Uma vistosa comitiva acaba de chegar a Jerusalém. Os forasteiros percorrem as ruas estreitas enquanto observam a azáfama e a agitação da cidade. Provavelmente já tinham ouvido falar das façanhas que o povo judeu tinha realizado. E agora estas personagens misteriosas podem ver com os seus próprios olhos os símbolos deste lugar: a muralha e o templo. Eles, contudo, não vieram até aqui por curiosidade. Viajaram centenas de

quilómetros porque querem adorar o rei dos judeus que acaba de nascer. É por isso que se dirigem ao lugar onde creem encontrá-lo: o palácio real.

«Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-l'O» (Mt 2, 2). Com estas palavras, eles apresentaram-se no palácio. Talvez tenham imaginado que a sua presença ali seria bastante normal. Se acabava de nascer aquele que se esperava há tanto tempo, seria natural que as pessoas viessem ao seu encontro. No entanto, «ao ouvir tal notícia, o rei Herodes ficou perturbado e, com ele, toda a cidade de Jerusalém» (Mt 2, 3). A notícia espalhou-se de boca em boca. A visita destes estrangeiros exóticos causou um pequeno alvoroço. Por isso Herodes decidiu reunir os sacerdotes e escribas do povo para tentar compreender o que estava a acontecer.

Herodes não estava interessado neste suposto rei. Ele tinha conseguido tomar o poder sob a supervisão de Octávio Augusto, porque isso lhe proporcionava segurança e impostos. Qualquer sobressalto poderia ameaçar a sua continuidade. Assim, a sua prioridade era manter as coisas como estavam. Essas promessas de Deus registadas pelos profetas eram boas para assegurar a identidade nacional dos judeus, desde que se mantivessem distantes ou pouco concretas. Mas Cristo perturbou os seus planos. E reconhecê-l'O como Rei implicava um risco, deixar para trás a segurança do seu próprio raciocínio e aceitar «o inesperado que não aparece no mapa de uma vida tranquila. Jesus permite-se ser encontrado por aqueles que O procuram, mas para O procurar é preciso mover-se, sair. Não esperar; arriscar. Não ficar parado; seguir em frente. Jesus é exigente: àqueles que O procuram, Ele propõe que deixem a poltrona do conforto mundano e o calor agradável das suas cozinhas^[28] Em última análise, significa pôr-se a caminho, como fizeram os magos.

Uma visão esperançosa do mundo

Os escribas e sacerdotes não hesitaram em afirmar que o Cristo nasceria em Belém, pois assim o profeta Miqueias tinha dito: «De ti, Belém-Efratá, pequena entre as cidades de Judá, de ti sairá aquele que há de reinar sobre Israel» (Mq 5, 1). Estes homens conheciam muito bem as Escrituras. Eles conheciam exatamente todas as referências ao Messias. Provavelmente, nas suas próprias vidas tinham meditado frequentemente na sua vinda. Alguns,

desejando que ele viesse o mais depressa possível; outros, talvez com alguma desilusão, pois esperavam que ele os tivesse salvo de cair sob o domínio romano.

No entanto, apesar de estarem tão próximos das profecias cumpridas, os sábios de Israel, naquela altura, não souberam como reconhecê-las. Foi preciso que estes estrangeiros chegassem para que compreendessem que o Rei dos judeus já tinha nascido. Habitados a ser objeto da predileção de Deus, depositários da sua grandeza, viram que foi um povo gentio que lhes trouxe a Boa Nova que esperavam há séculos. «Os povos caminharão na vossa luz – disse Isaías –, os reis no esplendor do vosso amanhecer» (Is 60, 3). As profecias estavam a cumprir-se à letra, mas a cegueira dos seus corações impediu-os de acolher o anúncio daqueles estranhos.

Estes magos não pertenciam ao povo de Israel. Vinham do Oriente, ou seja, de além do Império Romano. Talvez fossem persas, homens da astronomia e da ciência. Aparentemente, eram o povo menos adequado para proclamar a vinda do Messias. Deus não se lhes tinha revelado, como o tinha feito a Israel. Mas os planos do Senhor eram muito maiores do que aqueles escribas poderiam ter imaginado. O novo povo de Deus já não estaria confinado a uma nação, mas ofereceria a salvação a todos os povos. Já não haveria qualquer barreira que separasse os homens. «Quanto aos estrangeiros que desejam unir-se ao Senhor para O servirem – profetizara Isaías –, (...) hei de conduzi-los ao meu santo monte, hei de enchê-los de alegria na minha casa de oração » (Is 56, 6-7).

Ter uma visão esperançosa do mundo leva a descobrir o que é bom em cada sociedade; a olhar com otimismo para os valores de uma cultura. «Tudo é vosso – diz São Paulo –, vós sois de Cristo e Cristo é de Deus» (1Cor 3, 22-23). Face a esta realidade «regozijamo-nos com as alegrias dos outros, desfrutamos de todas as coisas boas que nos rodeiam, e somos interpelados pelos desafios do nosso tempo^[29]. E precisamente o fundamento desta visão esperançosa é o Deus que os magos procuram; «não um deus qualquer, mas o Deus que tem um rosto humano e que nos amou até ao fim, cada um de nós em particular e a humanidade como um todo»^[30].

Somos o que desejamos

«Então Herodes mandou chamar secretamente os Magos e pediu-lhes informações precisas sobre o tempo em que lhes tinha aparecido a estrela. Depois enviou-os a Belém e disse-lhes: “Ide informar-vos cuidadosamente acerca do Menino; e, quando O encontrardes, avisai-me, para que também eu vá adorá-l’O”» (Mt 2, 7-8). Mesmo que as intenções de Herodes não fossem as mais retas, as suas instruções reacenderam os corações dos Magos: agora sabiam como continuar o seu caminho.

Não tinham ficado satisfeitos com a vida confortável que tinham na sua própria terra, talvez com muitos rendimentos e elevado prestígio social; eram «buscadores de Deus»^[31]. É por isso que provavelmente ficaram desiludidos quando chegaram a Jerusalém e não sabiam como proceder. Mas assim que descobriram o caminho que os levou ao Rei, sentiram novamente uma alegria que lhes deu forças para retomar a sua viagem.

O seu desejo de adorar Aquele que dava sentido às suas vidas era maior do que o seu desejo de gozar a sua segurança. Foi este impulso interior que os levou a viajar centenas de quilómetros e através de territórios desconhecidos. «Pois Deus fez-nos assim: cheios de desejos; orientados, como os magos, para as estrelas. Podemos dizer, sem exagero, que somos o que desejamos. Porque são os desejos que alargam o nosso olhar e levam a vida a ir além: além das barreiras da rotina, além de uma vida entorpecida pelo consumo, além de uma fé repetitiva e cansada, além do medo de correr riscos, de nos comprometermos pelos outros e pelo bem^[32].

Os Magos estavam determinados a encontrar aquele Rei, custasse o que custasse. Estavam «convencidos de que nem o deserto, nem as tempestades, nem a tranquilidade dos oásis^[33] os impediriam de encontrar Jesus. «Eles não queriam apenas saber. Queriam reconhecer a verdade sobre nós, e sobre Deus e o mundo. A sua peregrinação exterior era uma expressão da sua viagem interior, da peregrinação interior dos seus corações^[34]. Por isso «ao ver a estrela, sentiram grande alegria» (Mt 2, 10). Eles não tinham testemunhado as maravilhas do Senhor que são narradas no Antigo Testamento. Nem tinham visto os milagres que os contemporâneos de Jesus testemunhariam anos mais tarde. A estrela era suficiente para os encher de

alegria. Eles amavam o Deus desconhecido, embora não o tivessem visto. Afinal, era o que desejavam desde que tinham deixado para trás as suas casas.

Um ato de justiça

«Entraram na casa, viram o Menino com Maria, sua Mãe, e, caindo de joelhos, prostraram-se diante d’Ele e adoraram-n’O» (Mt 2, 11). Aqueles sábios ajoelharam-se diante de uma criança recém-nascida. Ali, na manjedoura, estava o Rei. Já não tinham de O procurar entre as constelações do firmamento: Ele estava mesmo à sua frente, de perto, uma criança.

Tudo o que tinham vivido nas últimas semanas – a excitação de ver a estrela, o cansaço da viagem, as dúvidas ao chegar a Jerusalém – adquiria sentido na presença deste Rei. O desejo de conhecer Deus, que os levou a deixar a sua casa, levou-os a adorar. Experimentaram como Jesus tinha satisfeito os seus desejos mais profundos. Talvez há muito tempo as suas vidas tivessem girado em torno da satisfação de outras necessidades mais imediatas: prestígio social, riqueza, conforto.. Mas nesse momento descobriram que a única coisa importante é dar glória a Deus. «O nosso tesouro – dizia São Josemaria –, está aqui, reclinado numa manjedoura; é Cristo, e sobre Ele deve centrar-se todo o nosso amor, porque onde está o nosso tesouro, lá estará também o nosso coração (cf. Lc 12, 34)^[35].

Os magos, que entraram nessa lógica vital que vai para além das necessidades primárias, ofereceram-lhe os seus presentes: ouro, incenso e mirra. Maria e José teriam provavelmente achado mais úteis outros tipos de presentes; algo para combater o frio ou para alimentar o menino. Naquela altura, não tinham urgência para o incenso e a mirra, e talvez o ouro não os pudesse ajudar imediatamente. Contudo, «estas oferendas têm um significado profundo: são um ato de justiça. De facto, de acordo com a mentalidade do Oriente daquela época, representam o reconhecimento de uma pessoa como Deus e rei: por outras palavras, são um ato de submissão. Significam que a partir desse momento os doadores pertencem ao soberano e reconhecem a sua autoridade^[36].

Maria surpreende-se ao ver entrar este cortejo sob o seu teto. Acostumada a meditar no seu coração o que lhe acontece, talvez lhe venha à mente aquela profecia: «Quando o vires ficarás radiante, palpitará e dilatar-se-á o teu coração, pois a ti afluirão os tesouros do mar, a ti virão ter as riquezas das nações. Invadir-te-á uma multidão de camelos, de dromedários de Madiã e Efá. Virão todos os de Sabá; hão de trazer ouro e incenso e proclamarão as glórias do Senhor» (Is 60, 5-6). Ela, que em Belém não é mais do que uma mulher nazarena, Aquela que teve de dar à luz num estábulo, vê como aqueles sábios se prostram e olham para o seu filho. Sente palpitar o seu coração imaculado vendo, pela primeira vez, homens pagãos vindos de longe, adorar o seu filho como verdadeiro Deus.

Um silêncio intenso enche a pequena sala. Apenas, talvez, os sons alegres da criança em que pega quebrem esse silêncio, e enamorem mais profundamente os corações dos magos. Eles não esperavam isto, mas a luz da fé abre-lhes os olhos. Não têm palavras ou conceitos para explicar que esta criança que olha para eles, que brinca com os dedos da sua Mãe, é o seu Rei, o seu Deus. Mas assim é. E eles adoram-n'O.

Eles, que são buscadores de Deus, acostumados a vislumbrá-l'O no céu e na criação, têm agora perante eles a sabedoria divina, misteriosa e escondida. E eles têm-na feita homem. A sabedoria olha para eles, enche-os e sorri-lhes. Talvez, nas mãos da sua Mãe, o mais ousado deles, inclinándose, deixe um beijo. E pela primeira vez, um coração reza com estas palavras: *Sedes Sapientiae!*

Photo: Dan Ealderwood - Unsplash

ÍNDICE

5. “O carpinteiro de Nazaré”

Na sua oficina em Nazaré, Jesus aprendeu e trabalhou como carpinteiro. A partir desse lugar, ensina-nos a cultivar o mundo, transformando toda a nossa vida num diálogo pessoal com Deus (Mt 2, 11).

09/04/2021



Diante de nós está a aldeia de Nazaré, do primeiro século, uma pequena localidade situada numa encosta, que abriga algumas dezenas de famílias, com a sua pequena sinagoga, os campos cultivados em socalcos e as casas construídas com pedra local. Entramos na sinagoga. Jesus está a falar e todos olham para Ele boquiaberto. Ouviram dizer que, desde que deixou a aldeia, começou a fazer milagres e a atrair multidões, a quem prega com mais autoridade do que os escribas e fariseus. Mas não deixam de se admirar: tudo isto contrasta com a sua vida em Nazaré, que eles conhecem perfeitamente: é o carpinteiro da aldeia! «Como sabe estas coisas? –

perguntam-se –. E que sabedoria é aquela que lhe foi dada e estes milagres que são feitos pelas suas mãos? Não é este o artesão, filho de Maria?» (Mc 6, 2-3).

Provavelmente, no passado, Jesus teria deixado Nazaré em raras ocasiões: apenas para ir a Jerusalém nos feriados em que todos os judeus piedosos iam e talvez, por motivos de trabalho, a outras aldeias vizinhas. Também não há registo de que tivesse ido a Jerusalém para estudar com os mestres de Israel. Os judeus da Cidade Santa tinham a certeza de que nunca o tinham visto ali e perguntavam-se: «Como sabe este de letras sem ter estudado?» (Jo 7, 15).

Os habitantes de Nazaré viam Jesus como uma pessoa simples, um trabalhador como tantos outros que ganhara a vida com as suas próprias mãos. Aos olhos do povo, a sua vida não tinha qualquer mistério. Mas esta falta de mistério é precisamente o que nos ilumina: sabemos que a sua vida era normal, que em nada se destacava do que fazia um trabalhador na Galileia do primeiro século. Essa vida é, para nós, um filme emocionante, porque Deus nos chamou para viver e trabalhar assim, encontrando no mundo, nas tarefas que realizamos, o espaço em que podemos experimentar o encontro mais pessoal com a Santíssima Trindade. «Todos, cada um seguindo a sua vocação – em sua casa, na sua profissão ou ofício, no cumprimento das obrigações que lhe correspondem pelo seu estado, nos seus deveres de cidadão, no exercício dos seus direitos –, somos chamados a participar do reino dos céus»^[37].

Toda a nossa vida quotidiana e o nosso esforço para cultivar o mundo são chamados a ser um diálogo pessoal com Deus. «Os campos, o mar, as fábricas foram sempre “altares” dos quais brotavam belas e puras orações, que Deus acolheu e recolheu. Orações ditas e oradas por quem sabia e queria rezar, mas também orações ditas com as mãos, com o suor, com o cansaço do trabalho de quem não sabia rezar com a boca»^[38].

Jesus e o trabalho da madeira

Ouvindo o ofício de Jesus na sinagoga, perguntamo-nos se ainda poderíamos encontrar a sua oficina entre as casas de Nazaré. O Evangelho

diz-nos que Jesus era um "*tektón*" (cf. Mt 13, 55; Mc 6, 3), isto é, um carpinteiro. Segundo os especialistas, esse termo designa mais o carpinteiro de trabalho do que o artesão de madeira, embora talvez desempenhasse as duas tarefas. Dado o tamanho da aldeia, não deve ter sido raro visitar uma casa onde havia uma mesa feita pelas suas mãos.

Numa aldeia tão pequena, não havia muitas encomendas para o *tektón*. A cerca de vinte quilómetros de distância está a cidade de Séforis, que foi palco de uma revolução após a morte de Herodes, o Grande, duramente reprimida pelos romanos. A cidade foi incendiada e os seus habitantes vendidos como escravos^[39]. Mais tarde, Herodes Antipas reconstruiu-a e deu-lhe o nome de Autocratoris^[40]. Visto que ficava tão perto de Nazaré, e exigiria muito trabalho em madeira, é possível que alguns artesãos e trabalhadores nazarenos tenham participado na reconstrução daquela cidade.

Os trabalhadores estariam provavelmente empregados em tudo que lhes permitisse aumentar os seus rendimentos, desde a construção de uma casa – bem fundada na rocha e calculada em todos os seus detalhes – até a realização de qualquer tarefa típica de uma comunidade agrícola. Nas casas de Nazaré existiam celeiros e caves, locais para vinho e azeite, prova de que a comunidade ali instalada era composta por pequenos proprietários.

Jesus e o trabalho da videira

Nesse sentido, existem vários exemplos e parábolas de Jesus que mostram o seu conhecimento das tarefas agrícolas. Em algumas ocasiões, refere-se ao cultivo da videira e à produção de vinho, comparando-se a si mesmo com a videira e aos seus discípulos com os ramos. Sabe bem que devem ser usados odres de vinho diferentes, adequados a cada tipo de vinho, e conhece a situação dos trabalhadores sazonais durante a vindima, que nem sempre encontram alguém para lhes dar trabalho. Outras parábolas são contadas entre vinhas, como a dos dois filhos, a da figueira estéril ou a dos vinhateiros assassinos.

Neste último conta-se, entre outros pormenores, que o dono da vinha cavou um lagar, uma cavidade onde as uvas são prensadas para a extração

do mosto. A curta distância de Nazaré, foi encontrado um esculpido na rocha. É possível que seja um dos poucos lagares – senão o único – que existe em Nazaré. Talvez, neste mesmo lugar, Jesus tenha celebrado uma vez a vindima com os seus amigos e familiares, pisando as uvas, no meio da música e da alegria de todos. Não podemos esquecer que o seu primeiro milagre foi transformar água em vinho de alta qualidade, a ponto de surpreender os copeiros de Caná. Jesus entendia do trabalho vinícola e não se contentava em matar a sede dos convidados do casamento, queria dar-lhes algo realmente bom.

Jesus e os trabalhos do campo

Voltando às parábolas que nos poderiam dar pistas sobre os ofícios que Jesus conhecia, encontramos várias referências a tarefas agrícolas. A semente de trigo que germina sozinha e aquela que tem que morrer e ser enterrada se quiser dar fruto denotam um agudo espírito de observação. É esse mesmo olhar que O levou a perceber a desproporção entre a pequenez de um grão de mostarda e a árvore que dele se desenvolverá. O exemplo do joio talvez se refira a alguma vingança entre camponeses da qual Jesus teria ouvido falar, e também poderia ter visto na sua região como alguns ricos enchiam os seus celeiros até ao máximo em anos de boas colheitas.

Mas a parábola mais conhecida é a do semeador. Elevando os olhos por cima dos telhados, podemos ver os campos cultivados, organizados em socalcos devido ao declive do terreno. Nessas pequenas parcelas, delimitadas por paredes de alvenaria seca, o subsolo é pedregoso e as propriedades são atravessadas por caminhos que ligam os terrenos. Quando chega o verão, crescem cardos em abundância nas bordas. Não é remota a possibilidade de que uma parte da semente caia em terreno pedregoso, numa estrada ou entre espinhos que a sufocarão. E isso poderia ter consequências significativas para a colheita de uma família humilde.

Além das tarefas do campo, Jesus mostra um bom conhecimento de outras atividades como o comércio e a banca, a pesca ou a pecuária. Em suma, conhece o mundo do trabalho; não vive isolado no seu meio rural, mas está provavelmente em contacto com centros mais agitados da economia da Galileia, como Cafarnaum e arredores, onde muitos dos seus

milagres e ensinamentos acontecerão. Jesus vive partilhando os interesses e as preocupações dos seus contemporâneos.

Porque é que Jesus queria trabalhar?

Jesus quis preparar-se para cumprir a sua missão, que culminaria na oferta da sua vida por nós, empenhando-se, ano após ano, num trabalho cansativo e muito normal. Porquê?

Como acontece com tantas outras questões na vida de Jesus, a resposta final é esta: porque nos ama. Cada momento nesse trabalho tinha a ver com a nossa Redenção. Todos os atos da sua vida foram redentores^[41].

Que pensava Cristo enquanto trabalhava? Tudo isto tinha um motivo, uma razão escondida no fundo do seu Coração: trabalhava por amor ao Pai e por amor a nós. Por isso, cada dia era iluminado pela grande alegria de saber que isso teria repercussões em toda a humanidade, para sempre. Certamente o amor de Jesus chegaria ao extremo na Cruz, mas as suas tarefas diárias faziam parte do plano de salvação.

São Josemaria ensinou-nos que santificar o trabalho é «trabalhar dia após dia, sem receber aplausos e sem os procurar, mas com a convicção de que Deus Nosso Senhor olha para nós, espera-nos e quer de nós um trabalho feito por amor»^[42]. Talvez já nos tenhamos perguntado alguma vez: e o que significa exatamente, na prática, trabalhar por amor? Trabalhar por amor significa «fazer para Deus e para os outros, o que exige fazer bem»^[43]. Significa trabalhar como Jesus. Realizamos o nosso trabalho diário com esse mesmo desejo redentor, entusiasmando-nos com contribuir com o nosso grão de areia para o imenso oceano de misericórdia que torna possível a salvação do género humano. Ter os mesmos sentimentos do Coração de Cristo, que atua pensando nas almas. Assim, cada um de nós comprometer-se-á com a sua ocupação, mesmo quando nos depararmos com o sofrimento de ficar sem trabalho e sem poder levar um salário para casa.

Em Jesus não encontramos um homem que simplesmente trabalhou por Amor: encontramos-nos diante do próprio Amor que trabalhava. Esse Amor

divino que incitou e deu forma à criação do mundo e que, como escreve Dante, «move o sol e as outras estrelas»^[44].

Luis Cano (*tradução de
Maria Inês Moreira*)

Fotografia: Benjamin
Thomas (*Unsplash*)

ÍNDICE

6. “Uma viagem à vontade do Pai”

Mergulhamos na viagem da Sagrada Família a Jerusalém e nos dias em que Jesus ficou sozinho na Cidade Santa..

26/12/2022



Para uma criança, viajar é sinónimo de aventura. Os dias anteriores à partida são marcados pela emoção de descobrir territórios inexplorados, ou pelo desejo de voltar a ver um lugar associado a gratas recordações. A viagem de ida costuma parecer mais longa. Os minutos passam lentamente, ao ritmo de contínuos "quanto falta?" dirigidos aos seus pais. Durante algum tempo, mal consegue adormecer, até que finalmente ouve um "já estamos a chegar!" que a acorda e a faz estar bem atenta a tudo o que vê. Depois, os dias passam mais depressa do que se desejaria e, quase sem se dar conta, já se estão a fazer outra vez as malas e a emprender a viagem de regresso a casa.

A emoção de Jesus

É provável que o Menino Jesus também tenha experimentado esta mesma sensação que tantos de nós tivemos. A Lei do povo judeu estabelecia que todo o varão do povo de Israel fosse a Jerusalém três vezes por ano, mas a interpretação comum dos doutores da Lei permitia reduzir a uma as visitas anuais para os que residiam fora da Judeia. O preceito não obrigava as mulheres nem as crianças menores de treze anos, mas sabemos que a Sagrada Família ia «todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa» (Lc 2, 41).

Esta viagem era um acontecimento que quebrava a rotina da vida em Nazaré. Aqueles dias eram muito especiais: a viagem à Judeia em caravana, a passagem pelas aldeias, o encontro com familiares, a vista das muralhas da Cidade Santa à distância... Maria e José podem ter entretido o Menino Jesus, explicando as tradições do seu povo e contando histórias dos seus antepassados. Ao divisarem a Cidade de David, os peregrinos ficavam cheios de emoção e cantavam espontaneamente o salmo: «Que alegria quando me disseram: “Vamos para a casa do Senhor”! Os nossos pés já pisam os teus umbrais, Jerusalém» (Sl 122, 1-2). Podemos pensar que o Menino Jesus não só partilhava dessa emoção, como a experimentaria de modo particularmente intenso.

Assim foi também quando Jesus já tinha doze anos de idade. Embora tivesse crescido muito e estivesse a chegar ao final da etapa da infância, era ainda uma criança. Em todo o caso, pelo rumo que toma o relato, é fácil pensar que Jesus tinha esperado esse momento com grande expectativa. Tentaria combater a monotonia da caravana indo de grupo em grupo, como qualquer rapaz da sua idade, improvisando alguns jogos com os seus amigos. Ao final do dia, reunir-se-ia com os seus pais para descansar num ambiente de maior intimidade. E assim até que, finalmente, chegaram a Jerusalém, o que despertaria n'Ele o desejo de descobrir novos lugares.

Como de costume, os dias passaram incrivelmente depressa: chegava o momento de regressar a casa. Enquanto se ultimam os preparativos, sucedem-se as despedidas – “boa viagem!”, “até ao próximo ano!” – e os peregrinos empreendem o trajeto de regresso. Todos nós teremos

experimentado em primeira mão nalgumas ocasiões o caos que pode envolver o início de uma viagem: correr para sair o mais depressa possível, problemas a arrumar toda a bagagem, opiniões sobre qual o trajeto mais rápido, imprevistos de última hora... Um ambiente semelhante deve ter reinado naquele momento em muitas ruelas da Cidade Santa. Podemos imaginar que Jesus, no meio desse ambiente, se afasta tranquilamente sem que ninguém o note: deseja cumprir a vontade de seu Pai.

O sofrimento de Maria e José

O nervosismo inicial da partida dá lugar à serenidade, assim que a caravana consegue sair de Jerusalém. José e Maria podem finalmente descansar um pouco depois de tanta azáfama e agitação. José pensa que Jesus está com a mãe, pois ainda tem a idade que lhe permite ir com ela; Maria, por sua vez, presume que Ele está a andar para cima e para baixo com os seus amigos, como talvez sempre tenha feito. Mas, ao chegar a noite, veem que Jesus não aparece. Começam então a perguntar aos diferentes grupos: «Viram Jesus? Sabem onde possa estar?». Depois de se dirigirem aos seus amigos, começam a intuir a tragédia: ninguém o viu durante todo o dia. Tudo parece indicar que ficou em Jerusalém.

Perder um filho é algo terrível para os pais. «Que lhe terá acontecido? Com quem estará?». Nas almas santas de Maria e José entra em cheio a angústia^[45]. Nesse momento, talvez se tenham sentido negligentes na missão que tinham recebido de Deus. A harmonia que existe neste casal também se manifesta nesta hora tão dura. Talvez cada um tente consolar e desculpar o outro. «Maria chora. (...) José, depois de fazer esforços inúteis para não chorar, chora também»^[46]. Têm a alma destroçada pela dor, mas não se detêm em pensamentos inúteis de tristeza paralisante: pegam nas suas coisas e decidem regressar a Jerusalém à procura de Jesus.

Deus permite a prova e, ao mesmo tempo, dá sempre a sua graça. Por vezes, de uma forma ou de outra, as pessoas passam por momentos de dificuldade quando lhes parece que se estão a afastar de Deus. São tempos difíceis, tempos de sofrimento. O receio de não agradar a Deus faz-nos sofrer terrivelmente. O sofrimento de Maria e José pela perda de Jesus é superior ao que tenham experimentado outros santos, porque... quem pode

medir o amor de Maria e de José por Jesus? Pode haver na história pais que tenham amado os seus filhos como eles amavam Jesus? Além disso, sobre ambos pesa, concretamente, a responsabilidade recebida de Deus de serem os protetores do Salvador da humanidade. E têm de passar duas longas noites, em que não conseguem descansar, e um dia inteiro nesta angústia, sem saber quais serão os planos de Deus. Talvez Maria, e também José, se lembrem da profecia de Simeão: «Uma espada trespassará a tua alma» (Lc 2, 35).

«Se um dia nos acontecer algo idêntico, perder Jesus Cristo, que tenhamos a humildade de reconhecer que cometemos um erro, e que queiramos voltar a caminhar pela senda que Ele nos traçou. Isso não acontecerá; mas, se alguma vez acontecer, todos pedimos, unanimemente, o sentido de responsabilidade; e também a alegria do regresso, da entrega, da luta, da vitória. Deus não perde batalhas e, se nos unirmos a Deus Nosso Senhor, podemos voltar ao bom caminho e seguir em frente, triunfantes»^[47].

O sofrimento de Jesus

Entretanto... que aconteceu a Jesus? O Menino tomou a decisão de ficar no Templo. Durante o dia faz perguntas e fala com os mestres de Israel, até que se faz tarde. O Evangelho não nos diz onde nem como passou aquelas noites em que José e Maria O procuravam. Talvez Se tenha alojado onde tinha estado nos dias anteriores, ou talvez tenha sido convidado por um rabino para ficar com a família. Muito provavelmente, era a primeira vez que passava uma noite sem a companhia dos pais. Só isto, para um rapaz de doze anos, já é algo relevante. Mas neste caso Jesus sabia também que os pais começariam a procurá-Lo sem O encontrarem.

O Menino é Deus... e é também perfeito homem. O coração de Jesus é o coração humano de um Deus que é Amor. Jesus, como homem, tem uma sensibilidade humana perfeita: a sensibilidade de um rapaz de doze anos que sabe que os pais estão angustiados à sua procura. Mais tarde, demonstrará ter um coração que faz sua a dor dos outros: ressuscita um morto ao ver chorar aquela viúva que acaba de perder o seu filho único (cf. Lc 7, 11-16); compadece-Se das multidões porque as vê como ovelhas sem

pastor (Mt 9, 36); comove-Se com a generosidade duma mulher pobre que lança no gazofilácio tudo o que tem (cf. Mt 12, 41-44); chora ante a morte do seu amigo Lázaro e o sofrimento das irmãs (cf. Jo 11, 35).

Quem, anos mais tarde, chorará por Jerusalém e pelo seu amigo Lázaro, não teria de algum modo sofrido também com a separação que os seus pais experimentaram? Não houve nem haverá criança alguma que tenha amado mais os seus pais do que Jesus amava a sua Mãe Santíssima e São José. Podemos pensar que sofreria sabendo que os seus pais estavam desolados e a chorar. No entanto, não era a primeira vez que o claro-escuro dos planos de Deus estava presente nas vidas de José e de Maria.

Esta também não seria a última vez que Jesus sofreria para cumprir a vontade de seu Pai. Durante os quarenta dias no deserto, rejeitou os caminhos que o diabo Lhe ia apresentando, porque se afastavam daquilo que o Pai tinha pensado para Ele (cf. Mt 4, 1-11). Mais tarde voltaria a experimentar a solidão quando os discípulos O abandonaram, ao não compreenderem em que consistia essa vontade (cf. Jo 6, 60-66). E antes da Paixão vemo-Lo em agonia com o rosto por terra suplicando a seu Pai que afaste d'Ele o cálice, mas rezando: «Não se faça a minha vontade, mas a tua» (Lc 22, 42).

«É o alimento de Jesus, e é também o caminho do cristão. Ele abriu o caminho para a nossa vida; e não é fácil fazer a vontade de Deus, porque todos os dias nos são apresentadas em bandeja muitas opções: faz isto que está bem, não é mau»^[48]. Por isso, poderíamos perguntar-nos: «É esta a vontade de Deus? Como faço para cumprir a vontade de Deus? Aqui está, portanto, uma sugestão prática: antes de mais, rezar e pedir a graça de querer fazer a vontade de Deus»^[49].

Porquê?

Finalmente, no terceiro dia de busca, «encontraram-n'O no Templo sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os» (Lc 2, 46). Ficaram surpreendidos ao vê-l'O ali sentado, causando a admiração de todos. Mas, para além do assombro, estava a imensa alegria do reencontro. Também Jesus sentiria essa mesma sensação de alívio, ao mesmo tempo

que agradeceria interiormente a seu Pai, pois de algum modo cessava o sofrimento da prova para José e Maria.

É fácil imaginar a emoção desse instante, como talvez nós próprios tenhamos vivido cenas de reencontro familiar. A Sagrada Família unir-se-ia num forte abraço e, provavelmente, haveria mais que uma lágrima. Contudo, o evangelista avança rapidamente para o diálogo entre Maria e o Menino:

– «Filho, porque procedeste assim connosco? Teu pai e eu andávamos à tua procura cheios de aflição».

A resposta de Jesus – as suas primeiras palavras que a Escritura recolhe – é intrigante:

– «Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-Me nas coisas de meu Pai?» (Lc 2, 49).

Entendemos bem que Jesus se dedicasse aos assuntos de seu Pai. Maria e José estavam em condições de compreender isso e, obviamente, de O secundar. O que talvez não se entenda tão bem é porque o fez deste modo. Porquê ficar sem dizer nada? Não se poderia ter obtido o mesmo resultado sem causar a dor da perda? Não poderia tê-los avisado de algum modo? A falta de resposta a estas questões mostra-nos que os planos divinos respondem a uma lógica mais ampla do que a dos homens. Acolher com fé este modo de atuar do Senhor significa entrar na experiência que viveram os santos, que são aqueles que permaneceram mais perto de Deus, que se associaram mais intimamente à Sua vontade. «Reparai: se Deus quis, por um lado, exaltar a sua Mãe, por outro, durante a sua vida terrena, não foi poupada a Maria a experiência da dor, nem o cansaço do trabalho, nem o claro-escuro da fé. (...) Compreendemos um pouco mais a lógica de Deus; compreendemos que o valor sobrenatural da nossa vida não depende de que se tornem realidade os grandes feitos que por vezes forjamos com a imaginação, mas da aceitação fiel da vontade divina, da disposição generosa nos pequenos sacrifícios diários»^[50].

São Lucas esclarece que «eles não compreenderam o que lhes disse» (Lc 2, 50). Ao mesmo tempo, também diz que Maria ponderava estas coisas

no seu coração (cf. Lc 2, 51), e é fácil imaginar que as continuaria a meditar ao longo da sua vida. Com Jesus a seu lado, Maria e José iriam compreendendo progressivamente muitos aspetos do alcance da missão e do modo de agir do seu Filho. Em qualquer caso, a cena que contemplámos dá-nos de algum modo um certo consolo para quando, em certos momentos, não conseguirmos vislumbrar totalmente o sentido dum acontecimento ou duma circunstância. O modo habitual de reagir de Nossa Senhora dá-nos a chave para podermos enfrentar estas situações quando elas surgem: «Conservava todas estas coisas no seu coração» (Lc 2, 51). E mais tarde esta atitude seria elogiada pelo seu Filho: «Estes são a minha mãe e os meus irmãos: quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão e minha irmã e minha mãe» (Mc 8, 34-35).

Eduardo Baura

Photo: Wolfgang Kuhnle-
-Unsplash

ÍNDICE

7. “Retrospectiva de uma vida”

Nos últimos momentos da vida de São José, o santo patriarca recorda as aventuras que enfrentou de mãos dadas com Maria e Jesus.

26/12/2022



Podemos imaginar que José já não pode mais e que, apesar dos seus esforços para continuar o trabalho na oficina, já não consegue manter-se em pé. Jesus chama rapidamente Maria e, os dois juntos pegam nele e levam-no para a cama. Jesus permanece sempre ao seu lado. José finalmente volta a si e a primeira coisa que faz é olhar para a sua esposa. Lamenta que se esteja a aproximar o momento em que tem de a deixar. E talvez se lembre daquele outro momento em que temia nunca mais voltar a vê-la.

Ver com os olhos de Deus

Tinha acontecido pouco depois do noivado. Maria dispunha-se a ir visitar a sua prima Isabel, que estava à espera de uma criança. José deveria ficar em Nazaré, preparando a casa onde iriam viver. Até aqui, sabemos pouco sobre ele: tinha uma vida normal. O Evangelho dá-nos algumas informações: era da casa de David e estava noivo de uma virgem chamada Maria (cf. Lc 1, 27). E também nos dá um pormenor sobre o seu carácter: era um homem justo (cf. Mt 1, 19). Isto era o que distinguia José. Era jovem e já conhecido como um homem justo: tinha descoberto o valor da lei de Deus para orientar a própria vida. Esforçava-se por assegurar que as suas ações e a sua forma de pensar e compreender a realidade estivessem de acordo com o que o Senhor tinha pensado para o homem e para o mundo. Tinha aprendido que confiar em Deus é construir a própria vida sobre bases sólidas. «O seu cumprimento da vontade de Deus não é rotineiro nem formalista, mas espontâneo e profundo. A lei que todo o judeu praticante vivia não foi para ele um simples código nem uma fria recompilação de preceitos, mas expressão da vontade de Deus vivo. Por isso, soube reconhecer a voz do Senhor quando esta se lhe manifestou inesperada e surpreendente»^[51].

Mas, de repente, a sua vida foi abalada quando viu Maria chegar depois de visitar a sua prima. A alegria de a reencontrar depois de tanto tempo misturou-se com uma inquietação, que estava longe de ser pequena: Maria estava grávida. Não conseguia explicar o que via, mas como era justo e estava perto de Deus, podemos supor que procurava ver as coisas com os Seus olhos: de algum modo, talvez fosse capaz de perceber a presença de Deus em Maria. Estava ciente de que era uma mulher especial.

Em todo o caso, José viu-se numa situação em que não sabia bem o que fazer. Por um lado, a lei proibia-o de assumir sem mais um filho que não era seu; por outro, a pureza de Maria – da qual ele não tinha dúvidas – e o seu amor por Ela impediam-no de A denunciar. Passaria talvez horas e horas a pensar numa possível solução, até que parecia ter encontrado uma: «Resolveu deixá-la secretamente» (Mt 1, 19). Talvez a ideia fosse partir sem que ninguém soubesse, e assim seria ele a ficar mal e não Maria. A decisão estava tomada. Claro que seria difícil para ele pensar que nunca mais ia ver Maria, mas sabia que desta forma deixá-la-iam tranquila. E foi assim que finalmente foi capaz de adormecer.

Dar o nome

Imaginando como teriam sido os últimos momentos da vida do Santo Patriarca, vemos novamente José ao lado de Maria. Volta-se para Ela e implora-lhe que não o abandone. Pede-lhe perdão pelas vezes em que pensa que não soube servi-la melhor e pela dor que sentiu por não ter conseguido compreender desde o início quando a viu grávida. E como se a Virgem ainda não o soubesse, José conta o que lhe aconteceu naquela noite.

Tinha adormecido depois de ter tomado uma decisão difícil que, no entanto, o tinha enchido de paz. Então um Anjo do Senhor apareceu-lhe e disse: «José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo» (Mt 1, 20). Deus pôs assim um fim à prova de José. Poderia ter atuado mais cedo e poupado não pouco sofrimento a ambos: a José, a ansiedade de não compreender e não saber o que fazer; a Maria, a dor de conhecer a situação pela qual o seu marido estava a passar. Mas na Sua providência, o Senhor permitiu que José tivesse de pensar e rezar para ver o que podia fazer. Este é um dos seus modos de atuar, porque não nos quer substituir: ajuda-nos com a sua graça para que a nossa inteligência se torne cada vez mais capaz de enfrentar problemas. «Se, em determinadas situações, parece que Deus não nos ajuda, isso não significa que nos tenha abandonado, mas que confia em nós com aquilo que podemos projetar, inventar, encontrar»^[52].

O Anjo continuou: «Ela dará à luz um filho, ao qual darás o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados» (Mt 1, 21). É neste momento que José recebe uma missão que irá moldar a sua vida. Os seus planos tinham mudado completamente. Deus não quer que ele se vá embora, mas conta com ele para dar o nome ao Deus feito homem, ou seja, para ser seu pai. E a partir de agora, este carpinteiro assumirá com responsabilidade o cuidado de Jesus e da Virgem.

Um bem imenso

José ainda se lembra da alegria que sentiu depois daquele sonho. Maria também não esquece o momento em que ele a tomou como esposa e tiveram de afrontar a viagem improvisada até Belém. Um e outro recordam

os detalhes da viagem: quando ficaram sem lugar na estalagem, o estábulo onde passaram a noite, os pastores e os sábios do Oriente que vieram para adorar o Menino... Imaginemos que, naquele momento, Jesus entra no quarto. José e Maria olham para ele e não podem deixar de se lembrar daqueles momentos de angústia, quando pensavam que a sua vida corria sério perigo.

Tinha sido uma noite especial. Uma caravana de camelos tinha chegado ao presépio. Três homens que pareciam importantes prostraram-se diante do Menino e ofereceram-lhe três presentes preciosos: ouro, incenso e mirra. José estaria a dar voltas aos acontecimentos dos últimos dias até que foi vencido pelo sono. Então uma cena que lhe era familiar ocorreu novamente: «O Anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e disse-lhe: “Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e fica lá até que eu te avise, pois Herodes procurará o menino para o matar”» (Mt 2, 13).

As impressões, no entanto, foram diferentes. Se após a primeira aparição do Anjo, José tinha acordado cheio de paz, sabendo que não tinha de deixar Maria, desta vez, levantou-se com medo. A vida de Jesus estava ameaçada e não havia tempo a perder. Sem considerar a hora intempestiva ou o cansaço de um dia intenso, «levantou-se de noite, tomou o menino e sua mãe e partiu para o Egito» (Mt 2, 14).

Não se concedeu nenhum descanso até chegar a uma zona segura. Sabia que o que estava a fazer era parte da missão que lhe tinha sido confiada. De certa forma, era uma consequência do seu sim a Deus. Longe de se frustrar, José sabia que o Senhor não recompensa uma vida cómoda: o que Ele promete é uma vida capaz de fazer um bem imenso àqueles que são capazes de sofrer por um amor que vale a pena. Mas José não se limitou a simplesmente resistir aos contratemplos que lhe apareceram no caminho. Fê-lo com alegria, porque sabia que estava a cumprir uma missão boa que Deus lhe tinha confiada. Foi esta sensação de ter sido escolhido para cuidar da Virgem e do Menino que o fez enfrentar o cansaço e os imprevistos com renovada esperança e felicidade. Experimentava que «Dar-se sinceramente aos outros é de tal eficácia, que Deus o premeia com uma humildade cheia de alegria»^[53].

«Ministro da Salvação»

Nesses últimos momentos de José, podemos supor que Jesus e Maria estão atentos a tudo o que ele possa precisar. A Virgem prepara algo para o ajudar a recuperar as forças, mas é inútil: o seu esposo dificilmente consegue comer um pedaço. Jesus, entretanto, agradece-lhe por ter sido um bom pai e por tudo o que aprendeu com ele. Juntos recordam o primeiro dia na oficina, aquelas conversas a caminho da sinagoga, as viagens a Jerusalém... José está a ficar mais fraco, mas nota que a dor vai passando graças aos cuidados de Jesus e Maria. Não poderia imaginar um final mais feliz, rodeado pelas duas pessoas que mais ama no mundo. Tinha vivido por eles nos momentos mais difíceis e também na normalidade dos anos em Nazaré.

Depois de um sem fim de idas e vindas, a Sagrada Família tinha-se finalmente estabelecido na cidade de Nazaré. «Entretanto, o menino crescia e robustecia-se, enchendo-se de sabedoria, e a graça de Deus estava com Ele» (Lc 2, 40). Temos pouco mais notícias de José durante este período. Foram anos em que ele continuou a cumprir a sua missão. Já não se dedicaria a proteger o Menino e Maria de grandes perigos, mas sim a um cuidado mais comum, como o de qualquer outro pai da época. Trabalharia arduamente para ganhar a vida e manter a casa, ao mesmo tempo que se ocupava da educação de Jesus.

O que poderia o Filho de Deus aprender de um carpinteiro? Nesses anos de vida oculta, José ensinou Jesus a ser obediente aos pais, seguindo o mandamento de Deus. Jesus em criança aprendeu com o seu pai na terra a acolher. José não era homem que se resignasse com os acontecimentos, mas acolhia a vida que Deus lhe tinha oferecido, por muito que se afastasse dos planos que ele tinha previsto. «Muitas vezes sucedem coisas, cujo significado não entendemos. E a nossa primeira reação, frequentemente, é de desilusão e revolta. Diversamente, José deixa de lado os seus raciocínios para dar lugar ao que sucede e, por mais misterioso que possa aparecer a seus olhos, acolhe-o, assume a sua responsabilidade e reconcilia-se com a própria história. Se não nos reconciliarmos com a nossa história, não conseguiremos dar nem mais um passo, porque ficaremos sempre reféns das nossas expectativas e consequentes desilusões»^[54].

Como quase todos os filhos, Jesus aprendeu o que é o amor na sua própria casa. José não tinha qualquer desejo de dominar, pelo que o deixou livre para amar, capaz de escolher. O seu não era um amor que sufoca, mas soube colocar Jesus e Maria no centro da sua vida. Amava-os e respeitava-os a ambos tal como eram.

Tudo isto mostra que José «foi chamado por Deus para servir diretamente a Pessoa e a missão de Jesus, *mediante o exercício da sua paternidade*: desse modo, precisamente, ele coopera no grande mistério da Redenção, quando chega a plenitude dos tempos, e é verdadeiramente “ministro da salvação”»^[55].

* * *

Voltam as dores de José nas últimas horas antes da sua morte. Perante a sua iminência, não pôde evitar um certo temor, não tanto de morrer, mas de ter de deixar Jesus e Maria. E foi assim que o Santo Patriarca deu o seu último suspiro, olhando para eles e amando-os a ambos.

Maria e Jesus amortalharam o corpo de José, ungiendo-o com aromas. Acompanhados por amigos e vizinhos, levam-no para o túmulo, onde é depositado. Terminadas as exéquias, o cortejo fúnebre regressa à casa onde a Santíssima Virgem espera, dolorosa, incapaz de esconder a dor pela perda de José, que encontra consolo nos braços do seu Filho.

José María Álvarez de Toledo

Photo: Saint John's Seminary.
-Unsplash

ÍNDICE

8. “O Meu Filho amado”

Com o Seu batismo no Jordão, Jesus vai ao encontro de todos os homens e abre-lhes o caminho para o Pai. No Seu primeiro dia de ministério, o Senhor revela o estilo com que nos vem redimir: tomando os nossos pecados e compartilhando o amor de Deus por cada um.

05/08/2022



O povo de Israel agita-se: há um novo profeta. Passaram séculos sem que a voz de Deus ressoasse na terra de Judá com tanta força. Por isso as pessoas estremezem e aproximam-se de João Batista: «Iam ter com ele os de Jerusalém, os de toda a Judeia e os da região do Jordão» (Mt 3, 5). Podemos representar diante de nós a cena em visão panorâmica. Avistamos a cidade de Jericó ao longe, cercada por palmeiras. E uma língua prateada, o rio Jordão, que corta um deserto seco e rochoso. É fácil supor que as pessoas se aglomerariam na sua margem, porque longe da frescura da água

o calor tornar-se-ia insuportável. Ali, aquela multidão ouve a mensagem simples de João: «Convertei-vos, porque está próximo o Reino do Céu» (Mt 3, 2). No coração dessas pessoas não pesam nem o cansaço do caminho nem o ardor do sol: o que pesa são os seus pecados.

Lágrimas amargas

A palavra de João penetra o espírito daquelas pessoas que reveem na sua consciência todas essas faltas contra Deus. Na mente de alguns deles, judeus piedosos que conheciam a fundo as Escrituras, a voz de João lembrar-lhes-ia a dos antigos profetas. Assim como Jonas anunciou em termos duros aos ninivitas a necessidade de se arrependerem e se voltarem para Deus, João Batista também pediu uma conversão genuína. Os judeus amontoados à beira do Jordão pensariam, talvez, como os antigos habitantes de Nínive: «Quem sabe se Deus não se arrependerá e acalmará o ardor da sua ira, de modo que não pereçamos?» (Jn 3, 9).

Esses homens, que sabem que são pecadores, não se satisfazem com o arrependimento interno, por mais sincero que seja. A dor dos seus pecados arde dentro deles, e por isso aproximam-se do profeta um a um e «confessavam os seus pecados» (Mt 3, 6). O que jamais teriam contado a outras pessoas, confiaram-no àquele estranho, porque nele viram um homem de Deus. Muitos deles, ao confessar-se, choravam com lágrimas tão ardentes e amargas como aquele deserto. Lágrimas que se misturariam com a água do rio, na qual o profeta os imergia completamente, batizando-os.

João pregava «um batismo de arrependimento para a remissão dos pecados» (Mc 1, 4), mas bem sabia que essa água não poderia chegar à alma para purificá-la. Eles sozinhos não podiam fazer mais, confiavam na promessa de Deus que dizia: «Voltai para mim e Eu tornarei a vós» (Ml 3, 7). Eles voltavam-se o máximo que podiam, e oxalá Deus estivesse a olhar para a aflição deles e lhes trouxesse a salvação! Assim o desejavam, e assim também João lhes prometia, enchendo-os de consolo: «Eu batizo-vos com água, para vos mover à conversão; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu e não sou digno de lhe descalçar as sandálias. Ele há de batizar-vos no Espírito Santo e no fogo» (Mt 3, 11). Um Espírito e um fogo que lhes permitiram recomeçar. O povo arrependia-se, chorava os seus

pecados e confessava-os, e mergulhava na água implorando ao Senhor que fizesse o milagre de curar os seus corações. Estaria Deus a escutar o seu lamento?

Cumprir toda a justiça

Longe do centro da cena está um homem que ouve as palavras de João. Podemos imaginá-lo sentado numa pedra, com o manto sobre a cabeça para se defender da força do sol. A sua atenção também se dirige para as pessoas ao seu redor. Fixa-se nos seus rostos cheios de dor e esperança. E vai mais longe. Com o seu espírito, também penetra nos seus corações e sabe o que há neles. Esse homem é a Palavra eterna «por Ele é que tudo começou a existir; e sem Ele nada veio à existência» (Jo 1, 3). O Verbo que na plenitude dos tempos se «fez homem e veio habitar connosco» (Jo 1, 14). Revestido da nossa condição, igual a nós em tudo, exceto no pecado, atende ao clamor silencioso desses espíritos penitentes.

Jesus levanta-se da pedra e aproxima-se da fila dos que aguardam a sua vez de serem batizados. Embora não tenha pecado, está entre os pecadores, como mais um. Mostra-Se assim «solidário connosco, com a nossa dificuldade de nos convertermos, de abandonarmos os nossos egoísmos, de nos separarmos dos nossos pecados, para nos dizer que se O aceitarmos na nossa vida, Ele é capaz de nos elevar e de nos conduzir à altura de Deus Pai»^[56]. E uma vez chegado à margem do rio, tira o manto e avança para João, que está à espera no meio da água.

Provavelmente o Batista teria sonhado com o momento em que se encontraria com Jesus. É verdade que, em crianças, os dois primos – o filho de Isabel e o filho de Maria – ter-se-iam visto em várias ocasiões, mas isso acontecera havia muito tempo. Ora bem, o que João certamente não esperava era encontrá-lo novamente nessa situação, por isso se sobressaltou, como aconteceu quando estava no ventre da sua mãe: «Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti, e Tu vens a mim?» (Mt 3, 14). João dirigiu toda a sua vida para preparar o caminho para Cristo: a sua oração no deserto, a sua penitência rigorosa, a sua pregação ardente... É ele, João, o que precisa de receber o batismo de Cristo, e não o contrário! Mas o Senhor, olhando-o nos olhos, responde seguro: «Deixa por agora. Convém

que cumpramos assim toda a justiça» (Mt 3, 15). Esta frase pertence ao género daquelas expressões enigmáticas que Nosso Senhor usa e que nos deixam perplexos. A que se refere com cumprir toda a justiça?

Muitas vezes associamos justiça à severidade. É verdade que a justiça pode ser severa quando é necessário, mas em Deus justiça e misericórdia são a mesma coisa. Para o Senhor é justiça atender o pedido daqueles corações aflitos que procuram o perdão de Deus. Cumprir toda a justiça significa realizar a justificação dos pecadores. Que Deus é justo significa que é leal, que cumpre a Sua palavra e que concede o perdão aos que se arrependem: «Rejeitai todos os pecados que cometestes contra mim e criai um coração novo e um espírito novo. Porque quereis morrer, casa de Israel? Pois Eu não me comprazo com a morte de quem quer que seja, oráculo do Senhor Deus. Convertedei-vos e vivei» (Ez 18, 31-32). Chegou o momento de cumprir as profecias antigas. Com o batismo de Cristo termina o tempo das promessas, porque começa o tempo de realizá-las.

João, obediente, batiza o Senhor como mais um. Mergulha-O nas águas e, ao fazê-lo, «abriram-se os céus» (Mt 3, 16). A água na qual os judeus tinham deixado os seus pecados tem um significado profundo: Cristo desce às profundezas da miséria humana – representada na água – para abrir a todos o caminho para o Pai. A partir desse momento a água em que está imerso mistura-se com o céu que se abre e comunica a graça divina. Inaugurou-se o batismo cristão, aquele que dá a vida eterna e perdoa os pecados. Toda a justiça foi cumprida: agora os penitentes podem ser batizados em Cristo e libertos dos pecados que os oprimiam.

Uma voz impercetível

No primeiro dia do seu ministério, passados trinta anos de vida oculta, Jesus revela o estilo com que veio redimir-nos. «Ele diz-nos que não nos salva de cima, com uma decisão soberana ou um ato de força, um decreto, não: salva-nos vindo até nós e assumindo os nossos pecados. É assim que Deus vence o mal do mundo: abaixando-se, e assumindo-o sobre si mesmo. É também o modo como podemos elevar os outros: não julgando, não lhes dizendo o que fazer, mas estando perto deles, partilhando o amor de Deus. A proximidade é o estilo de Deus para connosco; Ele próprio disse a

Moisés: “Pensa: que pessoas têm os seus deuses tão próximos como tu me tens a mim?”. A proximidade é o estilo de Deus para conosco»^[57].

Pelo céu que se abriu, como por uma fissura, Deus entra no nosso mundo: «Uma vez batizado, Jesus saiu da água e eis que se rasgaram os céus, e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele. E uma voz vinda do Céu dizia: “Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado”» (Mt 3, 16-17). Deus revela-Se claramente neste momento como a Santíssima Trindade: Pai – na voz –, Filho – na carne assumida – e Espírito – na figura da pomba –. Um único Deus numa trindade de pessoas.

Não parece que, exceto João, os judeus ali presentes tenham captado essa manifestação de Deus, mas o milagre tinha sido feito e já atuava entre eles. Muito provavelmente aqueles homens penitentes não aspiravam a tanto. Eles só esperavam o perdão dos seus pecados, mas muito mais lhes foi oferecido: Deus não só queria perdoá-los, queria tê-los junto de Si, introduzi-los no mistério da Sua Trindade de pessoas, que fossem Seus amigos íntimos. «Deus Pai, chegada a plenitude dos tempos, enviou ao mundo o seu Filho unigénito para que restabelecesse a paz; para que, redimindo o homem do pecado, *adoptionem filiorum recipere*mus, fôssemos constituídos filhos de Deus, libertos do jugo do pecado, capazes de participar na intimidade divina da Trindade»^[58].

Às vezes pode parecer que o mistério da Trindade é algo de distante na vida dum cristão. Mas voltando à cena do Jordão e vendo Jesus sair das águas, lembramos que também nós saímos um dia das águas do batismo, feitos um com Cristo – filhos no Filho –. Também nesse momento o Espírito desceu, com a promessa de libertação definitiva, pois a pomba representava para Noé a promessa de uma nova terra. E naquele dia a voz do Pai ressoou sobre nós. Uma voz que os que assistiram ao nosso batismo não ouviram, assim como os judeus não ouviram na altura. Mas uma voz verdadeira que disse de nós, que já estávamos unidos a Cristo: "Este é o meu Filho amado, *no qual pus todo o meu agrado*". «Esta voz paternal, impercetível ao ouvido, mas bem audível pelo coração de quem crê, acompanha-nos durante a vida inteira, sem nunca nos abandonar. Durante

toda a vida, o Pai diz-nos: “Tu és o meu filho amado, tu és a minha filha amada”»^[59].

Este milagre permanece na alma de cada cristão em graça. Em tudo o que fazemos, onde quer que nos encontremos e com quem quer que estejamos, vamos com Cristo, o Seu Espírito inunda-nos e o Pai guarda-nos. Toda a vida de piedade do cristão visa tornar-nos conscientes disso, adquirir essa contemplação no meio de todas as nossas atividades. «O coração sente então a necessidade de distinguir e adorar cada uma das pessoas divinas. (...) Queremos beber nesse manancial de água viva. Sem atitudes extravagantes, mergulhamos ao longo do dia nesse caudal abundante e claro de águas frescas que saltam até à vida eterna. As palavras tornam-se supérfluas, porque a língua não consegue expressar-se; o entendimento aquieta-se. Não se discorre, olha-se! E a alma rompe outra vez a cantar um cântico novo, porque se sente e se sabe também olhada amorosamente por Deus a toda a hora»^[60].

Miguel Forcada

ÍNDICE

9. “A experiência do deserto”

A vida de Jesus não esteve livre de dificuldades. Antes de começar o seu ministério público, passou quarenta dias de jejum e de penitência no deserto, onde sofreu as tentações do demônio. Aquela experiência pode mostrar-nos um caminho para ver as dificuldades como oportunidades para amadurecer a nossa vocação cristã.

16/02/2024



O enredo de um bom filme costuma ter momentos de conflito. Se o protagonista não tivesse de enfrentar problemas seria talvez uma história monótona e previsível. Pelo contrário, são essas mudanças que tornam um filme emocionante. O espectador observa então como o ator vai atravessando os diferentes contratempos até alcançar o que tanto desejava. E ao acabar esse processo, que teve os seus altos e baixos, muitas vezes

sentir-se-á transformado: a personagem que começou o filme será diferente do final.

Na história de qualquer pessoa também acontecem essas situações de conflito. Não existem biografias sem momentos de dor, de dúvida ou de cansaço. Assim, juntamente com os momentos bons, essas circunstâncias de conflito também nos permitem crescer nos ideais que inspiram a nossa vida. O próprio Jesus quis abraçar uma experiência semelhante: passou quarenta dias de fome e de sede no deserto, onde sofreu as tentações do demónio (cf. Mt 4, 1-11).

Escolher quem queremos ser

Depois de Cristo receber nas águas do Jordão uma manifestação do Paráclito e do amor do seu Pai, é conduzido por esse mesmo Espírito para o deserto «para ser tentado pelo diabo» (Mt 4, 1). Em vez de acolher o êxito fácil diante da multidão do Jordão, preferiu preparar a sua vida pública com o sabor agri-doce do abandono e da prova. «Também Jesus foi tentado pelo diabo, e acompanha-nos a cada um de nós, nas nossas tentações. O deserto simboliza a luta contra as seduções do mal, a fim de aprender a escolher a verdadeira liberdade. De facto, Jesus vive a experiência do deserto pouco antes de começar a sua missão pública. É precisamente através dessa luta espiritual que ele afirma decididamente o tipo de Messias que pretende ser»^[61].

Mediante as tentações que se possam apresentar no dia a dia, também nós podemos *afirmar com decisão* quem queremos ser. Se Deus as permite é precisamente para que possamos descobrir a nossa verdade e purificar o nosso amor, de maneira que os nossos desejos se encaminhem para ele. «A guerra do cristão é incessante, porque na vida interior dá-se um perpétuo começar e recomeçar, que impede que, com orgulho, nos pensemos já perfeitos. É inevitável que haja muitas dificuldades no nosso caminho; se não encontrássemos obstáculos, não seríamos criaturas de carne e osso. Havemos de ter sempre paixões que nos puxem para baixo e sempre precisaremos de nos defender desses delírios mais ou menos veementes»^[62].

O Senhor não nos deixa sós. Ao mesmo tempo que experimentamos a tentação, contamos com a mão estendida de Jesus para continuar. Através dessas provas, podemos compreender melhor quem queremos ser e escolher livremente os ideais que nos movem. Cristo compreende-nos melhor do que ninguém quando sentimos esse dilema entre *aquilo que queremos ser* e o aparente bem que a prova põe ao nosso alcance. A forma como Ele viveu a experiência do deserto poderá ajudar-nos a ver as tentações com maior realismo: não é cedendo ou dialogando com elas que encontraremos a paz, mas abraçando com decisão o amor que inspira a nossa vida.

Escutar a fome

Como verdadeiro homem, depois de ter passado quarenta dias de estrito jejum e profunda oração, Jesus sente fome. Não se trata de um apetite pontual, nem de uma mera necessidade humana: é uma fome pela sobrevivência. O Senhor encontra-se no limite das suas forças humanas. Podemos imaginá-lo extenuado, com o olhar percorrendo a árida e infinita paisagem, até que se detém numas pequenas rochas distantes. E a imaginação, que transforma sempre a necessidade em sonhos, talvez o levasse pelos caminhos das suas profundas lembranças, quando comia os pratos simples mas saborosos que com tanto carinho lhe preparava a sua mãe. É precisamente numa situação como essa que apareceu em cena o tentador: «Se Tu és o Filho de Deus, ordena que estas pedras se convertam em pães» (Mt 4, 3).

Adão e Eva cederam perante outra insinuação do demónio quando se deixaram seduzir pela beleza do fruto da árvore, em vez da comunhão com Deus (cf. Gn 3, 1-6). Também o povo de Israel caiu em desespero no deserto perante a falta de alimento, enquanto recordavam com nostalgia os legumes que comiam sendo escravos no Egito (cf. Nm 11, 5). Trata-se de uma prova que, no final de contas, faz meditar sobre a hierarquia do nosso coração e a perguntar-se sobre aquilo que conta de verdade na vida. «Superar as tentações de submeter Deus a nós mesmos e aos nossos interesses, ou de o pôr num canto, e converter-se à justa ordem de prioridades, reservar a Deus o primeiro lugar, é um caminho que cada cristão deve percorrer sempre de novo»^[63].

Quando a necessidade parece rebelar-se no seu interior e reivindicar os seus próprios direitos, Jesus mostra a verdadeira fonte da sua paz, aquilo que sabe que o faz feliz: «Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» (Mt 4, 4). Cristo não nega que tenha fome. Mas não quer satisfazê-la com qualquer alimento, mas com aquilo que o sacia profundamente: ser fiel à chamada a redimir todos os homens. «O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra» (Jo 4, 34), dirá noutra ocasião aos discípulos.

O Senhor revela que, quando aparece a tentação, o primeiro passo é reconhecê-la como tal. Atuar como se nada se passasse, fingindo que na realidade não temos fome, pode provocar uma tensão latente que pouco a pouco vai fazendo desejar e olhar com interesse aquilo que no princípio se rejeitava. Por isso Deus convida-nos a ouvir a fome que tem o nosso coração, para não o encher com os primeiros pedregulhos que encontrarmos. Através da experiência da nossa necessidade, podemos compreender uma mensagem. Damo-nos conta de que o Senhor não quer que saciemos essa fome com o fruto de uma árvore ou os legumes do Egito, pois poderiam apenas anestesiá-la. A sua proposta perante essa necessidade, pelo contrário, é que enchamos o coração daquilo que é realmente importante na nossa vida: o amor a Deus e aos outros.

Abraçar a vontade divina

O demónio não se dá por vencido. Jesus Cristo permite que ele O tente ainda com mais força, para que experimentemos de forma mais gráfica a sua identificação com a vontade do Seu Pai e a Sua profunda proximidade com o homem pecador. O tentador conduz Jesus ao pináculo do templo. O vento deveria atingir o seu rosto despido e fatigado; os pés mal sustentavam o peso do seu corpo trémulo pelo cansaço. Os seus olhos, que dentro de uns meses chorariam amargamente pelos habitantes da Cidade Santa, atravessariam com o seu amor cada um dos telhados e percorreriam cada uma das suas ruelas. Não seria esse um bom momento para revelar com toda a nitidez a sua verdadeira identidade? A voz estridente do demónio quebra rapidamente o denso silêncio da altura. «Se Tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, pois está escrito: “Dará a teu respeito ordens aos seus

anjos; eles suster-te-ão nas suas mãos para que os teus pés não se firam nalguma pedra”» (Mt 4, 5).

Perante uma distorcida insinuação da serpente, Adão e Eva suspeitaram de Deus. Porque é que não quer que comamos desta árvore? Durante os quarenta anos no deserto, também os israelitas desconfiaram da liberdade que o Senhor lhes tinha oferecido. Não era melhor o nosso passado como escravos do que esta liberdade cheia de sofrimentos? Em cada tentação vislumbrava-se a possibilidade da ausência de Deus, da sua impotência ou da sua distância. Talvez nos lembremos como uma companhia do passado, que durante um tempo esteve próxima mas que já não é real. Por vezes é fácil reconhecer o Senhor quando as coisas correm bem, desfrutando das maravilhas do Éden ou contemplando os prodígios que realizou para libertar Israel da escravidão. Mas quando surgem os conflitos, parece que esses sinais se desvaneceram: desejamos então uma manifestação extraordinária, mais clara, da proximidade de Deus. Podemos pensar então que, se não nos salva imediatamente, na realidade não é tão bom Pai como imaginávamos.

Jesus voltaria a experimentar uma tentação semelhante pouco antes de morrer, quando um dos ladrões lhe disse: «Não és tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós também» (Lc 23, 39). Trata-se de um raciocínio que segue uma lógica avassaladora: se realmente podes tudo, liberta-te desta situação e salva-nos. Pelo contrário, a atitude do outro ladrão é diferente: «Quanto a nós, fez-se justiça, pois recebemos o castigo que as nossas ações mereciam» (Lc 23, 40). Não se revolta perante o destino que o espera, mas aceita a sua condição. Por isso, não suplica ao Senhor que mude a realidade nem que solucione agora mesmo todos os seus problemas, mas reconhece a sua realza e pede-lhe que não se esqueça dele: «Lembra-te de mim, quando estiveres no teu Reino» (Lc 23, 42). A sua oração não foi uma exigência – demonstra-me que és o Salvador –, mas um ato de abandono nas mãos do Messias – «Tu o queres, Senhor?... Eu também o quero!»^[64].

«Também está escrito: “Não tentarás o Senhor, teu Deus”» (Mt 4, 7). Cristo rejeitou a segunda tentação no deserto – e também a que lhe dirigiram na cruz – abraçando ainda com mais força a vontade do seu Pai: aceita que a salvação se faça como ele quer. Não quis pô-lo à prova nem

procurar atalhos que aliviassem a sua dor, pois sabia que Ele só procurava o seu bem, apesar de às vezes lhe ser difícil descobri-lo. «Quando realmente te abandonares no Senhor, aprenderás a contentar-te com o que suceder, e a não perder a serenidade, se as tarefas – apesar de teres posto todo o teu empenho e empregado os meios convenientes – não saem a teu gosto... Porque terão “saído” como convém a Deus que saiam»^[65].

Libertar-se dos ídolos

Há uma última prova que espera Jesus. O demónio, astuto e perseverante, conduziu-o a um monte altíssimo onde se podem avistar os numerosos reinos do mundo, toda a glória e o poder dos homens. Por acaso não era o Rei do universo? Não tinha vindo para juntar todos os povos e nações no reino dos filhos de Deus? Bastaria um só gesto para que o tentador o ajudasse a cumprir definitivamente a sua missão. «Tudo isto te darei, si, prostrado, me adorares» (Mt 4, 9). Mas os joelhos de Jesus não se dobram.

Adão e Eva, ao desconfiarem de Deus, preferiram afirmar-se a eles próprios como deuses. Também os israelitas, no seu deambular pelo deserto, decidiram por vezes construir as suas próprias divindades, à medida das suas ilusões e reflexo dos seus próprios rostos. Cada vez que o homem desconfia de seu Pai, acaba por adorar-se a si mesmo. E, em vez de colocar a sua esperança no misterioso, mas eterno poder divino, decide contentar-se com a sua própria glória passageira, apesar de ser pequena e se desvanecer com facilidade. Talvez o demónio não nos ofereça hoje «todos os reinos do mundo» (Mt 4, 8), mas sim pequenos reinos que talvez desejemos secretamente no nosso coração, e nos convença de que isso nos fará suficientemente felizes para continuar a caminhar. Divinizamos assim realidades que não são Deus, mas «cadeias que escravizam».

O Senhor criou-nos para que os nossos anseios se dirijam para ele. Estamos feitos para partilhar a sua natureza divina – como pretendiam Adão e Eva – e para ser felizes – como procuravam os israelitas no deserto –. E isto implica aprender a libertar-se dos ídolos que desvirtuam o caminho para a plenitude. «O dinamismo do desejo está sempre aberto à redenção. Também quando ele se adentra por caminhos desviados, quando persegue

paraísos artificiais e parece perder a capacidade de ansiar o bem verdadeiro. Também no abismo do pecado não se apaga no homem aquela centelha que lhe permite reconhecer o verdadeiro bem, saboreá-lo, e assim iniciar um percurso de subida, no qual Deus, com o dom da sua graça, nunca deixa faltar a sua ajuda. De resto, todos temos necessidade de percorrer um caminho de purificação e de cura do desejo. Somos peregrinos para a pátria celeste, rumo àquele bem pleno, eterno, que nada jamais nos poderá extirpar. Por conseguinte, não se trata de sufocar o desejo que encontra no coração do homem, mas de o libertar, para que possa alcançar a sua verdadeira altura»^[66].

A soberba insinua que não necessitamos do Senhor. Mas Jesus não se deixa enganar pela miragem que lhe apresenta o demónio. Sabe que fora de Jerusalém, no Calvário, se abrirão definitivamente as portas do paraíso. Na Cruz ensinar-nos-á em que consiste a verdadeira felicidade: dar a vida por amor. «Vai-te, Satanás, pois está escrito: “Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto”» (Mt 4, 10).

* * *

São Mateus termina o relato das tentações afirmando que o diabo se foi embora e vieram os anjos para servir Jesus (cf. Mt 4, 11). Às vezes, as forças do demónio parecem invencíveis. As tensões a que submete podem parecer nunca acabar. Isto é precisamente o que ele procura: roubar-nos a esperança e fazer-nos acreditar que a única saída possível é ceder ao que ele propõe. Ao contrário, a maneira como Jesus vive as tentações mostra-nos que essa abordagem está errada e que a vitória é possível. Finalmente, «o diabo é o grande mentiroso, o pai da mentira. Sabe falar bem, é capaz até de cantar para nos enganar. É um derrotado, mas move-se como um vencedor. A sua luz é fulgurante, como o fogo de artifício, mas não é duradoura, depois esmorece. Ao contrário, a luz do Senhor é suave, mas permanente»^[67].

Cristo pode ajudar-nos a aceitar as tentações com serenidade e a vencer o medo em momentos de dúvida e debilidade, pois sabe que nenhuma ação do demónio será superior às forças humanas assistidas pela graça (cf. 1Cor 10, 13). Jesus não dialoga em nenhum momento com o tentador,

imaginando o que ocorreria se aceitasse alguma das suas propostas. Pelo contrário, corta com decisão, tomando uma resolução firme. É assim que responde aos convites do demônio: escolhendo o bem que lhe pretende esconder. Não se quer alimentar de pão, mas da palavra divina. Não quer pôr Deus à prova, mas confia n'Ele. Não quer os reinos do mundo, mas servir somente ao seu Pai.

Desta maneira, o Evangelho mostra-nos o Senhor como «o novo Adão que Se mantém fiel ali naquilo em que o primeiro sucumbiu à tentação. Jesus cumpre perfeitamente a vocação de Israel: contrariamente aos que outrora, durante quarenta anos, provocaram a Deus no deserto (cf. Sl 95, 10). Cristo revela-se o Servo de Deus totalmente obediente à vontade divina»^[68]. A vitória do Senhor sobre o tentador redonda também em nosso benefício: «Porque não temos um sumo sacerdote que não se possa compadecer das nossas debilidades, mas que, de maneira semelhante a nós, foi provado em tudo, exceto no pecado» (Heb 4, 15). Cristo «não só conhece enquanto Deus a debilidade da nossa natureza, mas também enquanto homem experimentou os nossos sofrimentos, apesar de estar isento de pecado. Por conhecer bem a nossa debilidade, pode conceder-nos a ajuda que necessitamos, e ao julgar-nos ditará a sua sentença tendo em conta essa debilidade»^[69].

Depois deste episódio, Jesus começará a sua vida pública. Naqueles quarenta dias no deserto quis fortalecer o seu espírito para a sua missão redentora, que ia ser dura e exigente. Também os desertos que pudermos atravessar na nossa vida – tentações, crises, contrariedades – podem servir-nos de impulso para amadurecer a nossa vocação cristã e podem ser um momento de graça. Cristo ajudar-nos-á a percorrê-los pela Sua mão, sabendo que em cada deserto se esconde Deus.

Gaspar Brahm e José María
Álvarez de Toledo

Photo: Wolfgang Hasselmann-
- Unsplash

ÍNDICE

10. “Começa a contagem decrescente”

Vamos para as Bodas de Caná, ao primeiro milagre de Jesus. A alegria dos noivos. O drama quando começa a faltar o vinho. A intervenção de Maria. O trabalho dos servos. O assombro do chefe de mesa. São João mostra-nos como foi o primeiro dos milagres com que Cristo manifestou a sua glória.

24/08/2024



O guião de um filme costuma estar cuidadosamente elaborado. Os acontecimentos não se seguem de uma forma improvisada, mas seguem uma lógica bem elaborada. Tudo está dirigido para o clímax da história, em que o espectador percebe o significado do que viu até então ou contempla a profunda mudança que as personagens experimentam.

A morte de Jesus e a sua ressurreição foram o cume da nossa redenção. Este momento foi cuidadosamente preparado durante anos. Já o vemos claramente no início da vida pública do Senhor. Nas bodas de Caná, Cristo começou a contagem decrescente para a Sua *hora*, que seria também a hora da Sua mãe.

A bebida que alegra os corações

O povo judeu costumava celebrar as festas de casamento à grande. Os festejos podiam durar cerca de uma semana. Se a família e amigos tinham vindo de longe para esse momento, a duração do festejo tinha que compensar o cansaço da viagem. São João fala de um casamento que se realizou em Caná da Galileia (cf. Jo 2, 1-12), situada a poucos quilómetros de Nazaré. Entre os convidados estão Maria, Jesus e os seus discípulos.

As bodas deviam ser como muitas outras da época. O cortejo nupcial faz a sua entrada em Caná com a esposa coroada de flores e rodeada de amigas com lâmpadas nas mãos. O esposo e os seus amigos trouxeram-na da casa dos seus pais e o banquete começa. Como é o dia mais importante das suas vidas, os novos esposos preveniram-se com víveres em abundância. Mas, de repente, alguém se dá conta de um problema: o vinho começa a escassear.

Não é um elemento sem importância: é a bebida que alegra os corações humanos. Confirmou-o o rei David nos salmos (cf. Sl 104, 15) e sobretudo mostrou-o Jesus ao escolhê-lo, entre todos os elementos da terra, para ser transubstanciado no seu próprio sangue. No caso de uma festa de casamento de então, a sua importância era decisiva. Não só porque ajudava no entretenimento, mas porque era um dos símbolos mais profundos do gozo que causava ao casal unir-se para sempre. De facto, faz parte do rito no casamento judaico. Em primeiro lugar, apresenta-se uma taça da qual bebem o homem e a mulher enquanto ainda são noivos. Depois, o rabino ou outra pessoa importante, recita as sete bênçãos do compromisso. Ao terminar, os noivos bebem de novo, compartilhando a mesma taça já como esposos.

Na verdade, era um grande problema. Continuar a celebração somente com água seria uma tragédia e, certamente, a reputação dos noivos teria sido afetada. Não sabemos se os convidados chegaram a perceber a escassez do vinho. O Evangelho só sublinha que é Maria quem se dá conta (cf. Jo 2, 3). Provavelmente descobriu-o graças ao seu olhar materno. Ela não se ficava pela superfície das coisas, percebia os problemas dos outros. O seu olhar de mãe leva-a a reconhecer, imediatamente, que há alguma coisa que não funciona e que causará uma profunda infelicidade aos seus amigos e, ao mesmo tempo, sabe como ajudar a recuperar a alegria perdida. «A grandeza de Deus convive com o humano – com o normal e corrente. Realmente, é próprio de uma mulher, de uma atenta dona de casa, reparar num descuido, estar presente nesses pequenos pormenores que tomam agradável a existência humana; e assim aconteceu com Maria»^[70].

Aproxima-se a hora

Maria intervém com decisão. Não duvida. «O que é preciso fazer, faz-se... Sem hesitar... Sem contemplações...»^[71]. Aproxima-se rapidamente do seu Filho e expõe-lhe a situação sem rodeios: «Não têm vinho» (Jo 2, 3).

Talvez o espectador, que contempla pela primeira vez esta cena, espere que Jesus atue com prontidão e solucione o problema, pois era necessário ajudar uns amigos e, além disso, era a sua própria mãe quem lho pedia. No entanto, o Senhor responde: «Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora» (Jo 2, 4).

O espectador pode ficar defraudado perante umas palavras aparentemente tão frias. Jesus não só se dirige à sua Mãe com um termo, que hoje em dia não se costuma empregar (*Mulher*), como parece não querer saber do assunto, como se dissesse: *O problema não é nosso, que se arranjem*. Para entender essa expressão é necessário captar o contexto completo do Evangelho de São João. Em várias ocasiões, o evangelista menciona a hora de Jesus. «Ninguém lhe deitou a mão, pois a sua hora ainda não tinha chegado» (Jo 7, 30); «Chegou a hora de se revelar a glória do Filho do Homem» (Jo 12, 23); «Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai» (Jo 13, 1); «Pai, chegou a

hora! Manifesta a glória do teu Filho, de modo que o Filho manifeste a tua glória» (Jo 17, 1).

Numa palavra, a sua hora é a Cruz. O que o Senhor colocava perante os olhos de Maria não era simplesmente uma objeção temporal. Podemos supor que, durante os anos de vida oculta, Jesus teria explicado à sua mãe, pelo menos sumariamente, como se cumpriria a redenção. Se mais tarde o anunciou, pelo menos três vezes, aos seus discípulos, é lógico pensar que o teria feito mais profundamente com Aquela que estava chamada a acompanhá-l'O junto da cruz. Assim, Maria devia compreender o significado dessa resposta. Jesus não quis mostrar indiferença, mas apresentar o preâmbulo necessário para que Ela pudesse tomar uma decisão. Ele ia entregar a sua carne e os seus ossos por nós, mas essa carne e esses ossos eram os da sua mãe.

Fazer um milagre nesse instante poria em evidência a sua missão salvadora e essa missão teria o seu cume precisamente na cruz. Se Jesus acedia ao pedido da sua mãe, ia-se aproximando o momento em que uma espada lhe atravessaria a alma (cf. Lc 2, 25). Não foi em vão que, na segunda vez que A chamaria *Mulher*, seria justamente lá, no Calvário, quando A contemplava junto de São João. «“Mulher, eis o teu filho!” Depois, disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!”. E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-A como sua» (Jo 19, 26-27).

Receber o bom vinho

Não foram precisas mais palavras. Maria quis começar a contagem decrescente para a hora do seu Filho. Dirigiu-se aos servos encarregados de servir o vinho e, sem saber muito bem como se faria o milagre, disse: «Fazei o que Ele vos disser» (Jo 2, 5).

Estas são as últimas palavras que o Evangelho recolhe da Virgem Maria. É como se fosse uma *herança* que deixa aos Seus filhos, porque foi o que resumiu a Sua vida inteira: cumprir a vontade divina. Era o que Ela sempre tinha feito e que A tornara profundamente feliz, sobretudo desde a anunciação do anjo. Em Caná, tomou uma decisão, mas não pretendeu impor ao Senhor o que tinha de fazer. «Maria remete tudo ao juízo do

Senhor. Em Nazaré entregou a sua vontade, infundindo-a na vontade de Deus: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). Esta é a sua atitude fundamental permanente. É assim que Ela nos ensina a rezar: não desejar afirmar diante de Deus a nossa vontade e os nossos desejos, por mais importantes que sejam, por mais razoáveis que nos possam parecer, mas levá-los até à Sua presença e deixar que Ele decida o que tenciona fazer»^[72].

Os servos puseram-se à disposição de Jesus. E Ele, apontando para as vasilhas de pedra preparadas para as purificações, disse-lhes: «Enchei as talhas de água» (Jo 2, 7). Provavelmente, os servos não entenderam as palavras do Senhor. Se faltava vinho, não era lógico encher os recipientes com água. Além disso, dada a capacidade de cada talha, uns cinquenta litros, a operação previa-se complicada. Apresenta-se um dilema parecido sempre que uma pessoa sente que lhe falta alguma coisa. O coração reclama um vinho que sacie os seus desejos mais profundos e a proposta de Cristo de o encher com o seu amor pode tornar-se difícil ou até, aparentemente, insatisfatória. *O que quero é vinho e não água. Se é isso que me ofereces, vou procurar noutra lugar.*

Porém os servos recordam, talvez, o que Maria lhes tinha dito: «Fazei o que Ele vos disser». E talvez, pela confiança que tinham n’Ela, dispuseram-se a encher as talhas até cima. Quando acabaram, Jesus indicou: «Tirai agora e levai-o ao chefe de mesa». E, quando este «provou a água transformada em vinho, sem saber de onde era – se bem que o soubessem os serventes que tinham tirado a água, chamou o noivo e disse-lhe: “Toda a gente serve primeiro o vinho melhor e, depois de terem bebido bem, é que serve o pior. Tu, porém, guardaste o melhor vinho até agora”» (Jo 2, 8-10).

Deus, normalmente, costuma deixar o vinho bom para depois. Nós, de maneira geral, fazemos o contrário: começamos com entusiasmo qualquer projeto, dando o melhor de nós mesmos, mas no final, quando chega o cansaço e, talvez, a impaciência, oferecemos o *menos bom*. Esta dinâmica também acontece com o pecado. Primeiro apresenta-se como um vinho, bom na aparência: êxito, riqueza, prazer. E só depois de o beber, é que o coração sofre as consequências, e se dá conta de que não valia a pena. O vinho de Deus, pelo contrário, pode parecer difícil, pois implica o esforço

por encher a própria vida só com a água do amor divino, afastando outras possíveis bebidas mais *fáceis*. Mas só desta forma, o Senhor nos tem reservado um vinho como nenhum outro existiu. A água convertida em vinho também pode lembrar que o caminho habitual onde encontraremos esse amor é a água da vida quotidiana, não é o licor dos grandes feitos extraordinários. O coração goza, então, a alegria da vitória, aprende a não se conformar com qualquer vinho e compreende a sabedoria daquelas palavras de Maria «Fazei o que Ele vos disser».

Jesus não cria o vinho do nada, mas serve-se do esforço dos servos e da água presente nas talhas destinadas à purificação. As próprias talhas, que iam *conter as misérias* dos convidados, recebem agora o vinho transformado por Deus. Este milagre também se repete hoje em dia. O Senhor pode converter a água da nossa debilidade, aquilo que talvez nos envergonhe, no caminho que nos conduz à santidade, onde Deus nos espera no melhor dos banquetes. «Não debes assustar-te por verem os teus defeitos; os teus e os meus – pregava São Josemaria –; eu tenho o desejo de os tornar públicos, contando a minha luta, o meu empenho de retificar este ou aquele ponto da minha luta por ser leal ao Senhor. O esforço por eliminar e vencer essas misérias já será um modo de indicar os caminhos divinos»^[73].

* * *

São João conclui assim o relato das bodas: «Este foi o primeiro dos milagres que Jesus fez em Caná da Galileia com o que manifestou a sua glória e os seus discípulos acreditaram nele» (Jo 2, 11). O início do ministério público de Cristo não foi especialmente marcante. Poderia ter realizado o seu primeiro milagre em Jerusalém, à vista de muitos, realizando uma grande cura. Contudo, optou pela discrição de uma terra pequena e por uma necessidade simples e doméstica que afetava uns amigos. E foi, precisamente, este milagre que despertou a fé dos discípulos, pois, além de revelar o seu poder, demonstrava preocupação pelos assuntos das pessoas que amava.

«Sugiro-vos um exercício que nos pode fazer muito bem. Tentemos hoje sondar entre as nossas memórias em busca dos *sinais* que o Senhor realizou na minha vida. Cada pessoa diga: na minha vida, (...) quais os indícios da

sua presença? Sinais que Ele realizou para nos mostrar que nos ama; pensemos nesse momento difícil em que Deus me fez experimentar o seu amor... E perguntemo-nos: com que sinais discretos e atenciosos, Ele me fez sentir a sua ternura? Quando senti o Senhor mais próximo de mim, quando senti a sua ternura, a sua compaixão?»^[74].

Reconhecer todos estes prodígios – grandes e pequenos – que Jesus fez por nós poderá ajudar-nos a descobrir, como os seus discípulos: «Deus interessa-se pelas mais pequenas coisas das suas criaturas – pelas vossas e pelas minhas – e chama-nos, um a um, pelo nosso próprio nome. Esta certeza que a Fé nos dá faz-nos olhar o que nos cerca a uma luz nova e, permanecendo tudo igual, leva-nos a ver que tudo é diferente, porque tudo é expressão do amor de Deus»^[75].

Esta cena também realça que Maria não fica indiferente perante as nossas necessidades. Ela própria dá conta do que necessitamos e, como boa mãe, está disposta a tudo fazer para que desfrutemos do bom vinho. «O coração de Maria, que não pode deixar de se compadecer dos infelizes (...), impulsiona-a a encarregar-se, Ela própria, do papel de intercessora e pedir ao Filho o milagre, apesar de ninguém lho pedir (...). Se esta boa Senhora assim agiu sem que lho pedissem, que teria feito se lho tivessem pedido?»^[76].

Luis Miguel Bravo

ÍNDICE

11. “Confiar na palavra que salva”

A pesca milagrosa. Pedro nunca se vai esquecer do primeiro encontro com Jesus. Depois duma noite de fracasso, confia no seu convite de lançar as redes e descobre um oceano insuspeitado. Tempos depois, quando alguns discípulos se afastaram do Mestre, volta a afirmar a sua decisão de confiar na Sua palavra.

18/10/2022



Entre os apóstolos reina um silêncio frio. «Também quereis ir embora?» (Jo 6, 67). A pergunta chega-lhes talvez como um dardo imprevisto e o olhar de Jesus, sempre exigente e afetuoso, atinge-os desta vez com uma força especial. Ao fundo podem ouvir-se vagamente os passos duma multidão de pessoas que se afastam com caras desconcertadas. Ainda esvoaçam no ambiente os ecos dalgum riso irónico.

Há muito tempo que Pedro segue Jesus. Não perde nenhuma das suas palavras. Cada um dos seus gestos é para ele um convite a penetrar no mistério de Deus. Mas nunca o tinha ouvido pronunciar antes um discurso assim; nunca tinha dito palavras tão incompreensíveis. Como podia dar o seu corpo para comer e entregar-nos o seu sangue como bebida? Mas era claro que o dizia a sério; que só os que estivessem dispostos a aceitar essas verdades com todo o coração o podiam seguir. Ou comiam a sua carne e bebiam o seu sangue, ou não gozariam da vida eterna. Não se tratava duma metáfora nem duma parábola. Não havia confusão possível.

Que iria responder a Jesus? Estava a ver muitas pessoas que o tinham seguido durante semanas e que agora se retiravam dececionadas. Famílias que tinham tido um grande milagre entre os seus afastavam-se do Mestre. E Pedro, que partido ia tomar? Como iriam reagir os outros apóstolos? Então, num instante que pareceu eterno, o pescador da Galileia volta, talvez, a recriar no coração uma cena que tinha mudado completamente a sua vida.

Um púlpito improvisado

Finalmente brilhava o sol, que vinha selar com a sua luz um dia de fracasso. Tinham passado toda a noite a trabalhar, mas em vão. Agora só lhes restava o cansaço do corpo e a preocupação urgente pelo sustento das famílias. Nem sequer os podia consolar a beleza natural do lago, que se apresentava aos seus olhos todos os dias com uma cor nova.

Pedro pôs-se a lavar as redes, enquanto talvez passassem pelo seu coração muitas recordações e preocupações. Não seria a primeira vez que voltava a casa com as mãos vazias. Que podia fazer para ganhar um mínimo de dinheiro nessa semana? Que podia oferecer aos compradores da feira de Cafarnaum? Estava tão absorto nas suas amargas reflexões que quase não reparou na grande afluência de pessoas nas margens do lago. Entre o movimento das redes que limpava com esmero e as ondas que saíam das suas mãos para a infinidade do lago, começava a refletir-se uma multidão de pessoas que, aparentemente, se tinham juntado com a mesma finalidade. Pareceu-lhe ouvir um discurso, talvez dalgum mestre religioso que tinha cativado as massas. Mas o que é que lhe podiam interessar umas palavras

que não o consolavam na sua desgraça, nem solucionavam a sua inquietação pela falta de alimento?

No entanto, podemos imaginar Pedro precisamente no momento em que lutava interiormente por digerir o seu fracasso e em que lhe era cada vez mais insuportável a presença de tanta gente no seu aprazível lago. Então aconteceu o que iria mudar totalmente a sua vida: Jesus subiu para a sua barca. O barco de Pedro era mais do que umas tábuas um tanto desbotadas que sulcavam a água; materializavam as suas ânsias e as suas preocupações, as suas alegrias e o desejo de manter a família. E, de repente, esse Mestre tinha reparado na única pessoa do conjunto que talvez não estivesse interessada nas suas palavras. Pousou o olhar no pescador derrotado e, cheio duma audácia divina, tomou posse da sua barca. E se o pescador da Galileia já estava desconcertado com a atitude do pregador de Nazaré, qual não foi a sua surpresa quando «lhe pediu que se afastasse um pouco da terra» (Lc 5, 3) para que a sua voz pudesse viajar através da brisa marítima e chegar mais facilmente aos ouvidos atentos da multidão.

Ainda não sabia que Jesus tinha querido compartilhar a sua vida com ele, para converter o seu fracasso humano em êxito divino. Mas algum gesto do seu rosto ou um mínimo pormenor da sua voz tinham convencido Pedro a aceder ao seu pedido. Assim, pôde experimentar como «essa barca vazia, símbolo da nossa incapacidade, se converte na “cátedra” de Jesus, no púlpito de onde proclama a Palavra. É isto que o Senhor gosta de fazer: subir para a barca da nossa vida quando não temos nada para lhe oferecer; entrar nos nossos vazios e enchê-los com a sua presença; servir-se da nossa pobreza para proclamar a sua riqueza, das nossas misérias para proclamar a sua misericórdia»^[77].

O triunfo dum fracasso

«Faz-te ao mar alto e lançai as redes para a pesca» (Lc 5, 4). Com certeza que, ao princípio, Pedro ouviu as palavras de Jesus com um certo ceticismo. Ainda não tinha acabado de limpar as redes, tinha que encontrar uma solução para a sua situação económica talvez precária e tinha os olhos a fecharem-se de cansaço. Além disso, os companheiros faziam-lhe sinais da margem, um pouco surpreendidos por ter querido converter a sua

ferramenta de trabalho no cenário a partir do qual pregar um sermão. No entanto, alguma palavra deve ter cativado o curtido pescador. Isto podia explicar a sua resposta: «Mestre, trabalhámos durante toda a noite e não pescámos nada; mas, à tua palavra, lançarei as redes» (Lc 5, 5).

Pedro estava esgotado. Todo o trabalho duma noite tinha sido em vão. Mas depois de ter ouvido falar do amor de Deus e do seu Reino, porquê não tentar o que parecia impossível? Provavelmente ele próprio foi o primeiro surpreendido ao pronunciar esta resposta que surgia do mais profundo do seu coração. «Jesus era carpinteiro, não experiente na pesca e, apesar disso, Simão o pescador confia neste Rabino, que não lhe dá uma resposta mas que o convida a confiar nele»^[78]. Até então tinha sulcado sempre as águas baseando-se na sua própria experiência. Agora tinha decidido remar nas correntes do mundo sustentado por uma palavra divina. E não ia ficar dececionado.

Foi tal a quantidade de peixes que capturaram «que as redes se rompiam» (Lc 5, 6). O dia, que há um momento parecia chegar ao fim sem outros frutos que uma rede vazia e o sabor amargo dum trabalho estéril, transformou-se de repente numa aventura cheia de vida. Pedro e os companheiros viram-se obrigados a pedir ajuda urgente aos pescadores da outra barca que contemplavam atónitos como só a presença do Mestre de Nazaré tinha mudado radicalmente o desenlace da pesca. Não tinham podido imaginar. Mas a necessidade do momento não lhes permitia perderem-se em longas considerações porque tinham que salvar como fosse possível um despojo tão valioso. «E encheram as duas barcas, de forma que quase se afundavam» (Lc 5, 7). Se poucos minutos antes tinham temido naufragar na escura frustração do fracasso, agora parecia-lhes quase impossível não sucumbir perante um triunfo tão avassalador devido à pesca obtida. Embora, sobretudo, sentissem o poder de Deus. Estavam convencidos de terem sido testemunhas dum grande milagre. O espanto desenhava-se-lhes no rosto e possivelmente paralisava os membros do seu corpo. De repente tinham-se dado conta de que «Cristo é o dono da barca; é ele que prepara a faina. Para isso é que veio ao mundo: para tratar de que os seus irmãos descubram o caminho da glória e do amor ao Pai»^[79].

Sem medo da aventura

Sem pensar, «Pedro lançou-se aos pés de Jesus» (Lc 5, 8). Num instante tinham-lhe passado pela cabeça tantos momentos da sua vida que até então eram como as peças dum puzzle, que parecem não encaixar mas que, de repente, encaixam em perfeita harmonia conseguindo formar um desenho que supera em muito qualquer imaginação. E reunindo a pouca força que lhe restava depois dum dia tão estranho, exclamou cheio de admiração: «Afasta-te de mim, Senhor, que sou um homem pecador» (Lc 5, 8). Com certeza, não sabia quem era aquele homem, mas as suas palavras e o seu poder sobre as águas só podiam proceder de Deus. Daria o que fosse para o seguir, porque as suas palavras lhe tinham mudado a vida.

Com quanto amor olharia então Jesus para o futuro apóstolo, arrojado aos seus pés. Sabia que, prostrado por terra estava um dos que seriam alicerce da Igreja, o futuro guardião das chaves do Reino dos Céus. É precisamente essa humildade de Pedro que o converte numa barca dócil, em que a sua mensagem de redenção podia viajar em todas as direções deste mundo. Nenhuma tempestade o deteria. Mas também talvez fosse consciente de que as suas palavras iam mais além do que o que depois era capaz de realizar. Sabemos de facto que Pedro negaria Jesus no momento mais duro da sua vida, embora depois voltasse compungido, como voltava a casa todas as madrugadas após uma árdua noite de trabalho. Por isso Jesus lhe diz: «Não temas, a partir de agora serás pescador de homens» (Lc 5, 10). «Se me seguirdes, far-vos-ei pescadores de homens; sereis eficazes e atraireis as almas para Deus. Devemos confiar, portanto, nestas palavras do Senhor: meter-se na barca, pegar nos remos, içar as velas e lançar-se a esse mar do mundo que Cristo nos entrega como herança»^[80].

«E eles, trazendo as barcas para terra, tendo deixado todas as coisas, seguiram-n'O (Lc 5, 11). Os que pensavam que o seu querido mar da Galileia não podia ser superado em beleza nem em extensão, tinham divisado de repente um oceano infinito, que podiam navegar durante toda a eternidade; os que temiam que a sua âncora não fosse suficientemente forte para aguentar o forte marulhar do lago nem as ondas das tempestades, tinham encontrado finalmente uma âncora que podia segurar toda a sua vida. E não era mais importante lutar pelo alimento que não perece do que satisfazer as necessidades terrenas? Pedro e os companheiros já não podiam imaginar uma vida sem a palavra de Cristo, sem a sua proximidade. Nem

sequer precisaram de conversar sobre a decisão. «E eles, trazendo as barcas para terra, tendo deixado todas as coisas, seguiram-n'O» (Lc 5, 11). Foi assim que começou para eles uma aventura divina

* * *

«Também quereis ir embora?» (Jo 6, 67).

Podemos imaginar que, de repente, Pedro regressa da sua navegação pelo passado. Não sabe quanto tempo esteve absorto nas suas recordações, mas percebe que os outros apóstolos estão desconcertados, inseguros. Ninguém se atreve a dar uma resposta. Todos têm o olhar fixo nele. Noutro momento da sua vida tinha dito a Jesus: «Afasta-te de mim» (Lc 5, 8). De alguma forma, talvez essas palavras o tenham apanhado desprevenido e lhe tenham mostrado dum só golpe toda a sua pequenez. Mas tantos meses de convívio assíduo com o Mestre ensinaram-lhe que é precisamente a sua miséria que pode ser transformada numa barca divina. Não precisava de ser perfeito para se sentir amado pelo Senhor. Bastava confiar na sua palavra, também quando parece mais escura e desconcertante. E, enquanto abre o coração ao olhar de Jesus, exclama com uma convicção que até ao dia de hoje sustenta os vaivéns da Igreja: «Senhor, para onde iremos? Tu tens palavras de vida eterna; nós acreditamos e conhecemos que tu és o Santo de Deus» (Jo 6, 68).

Gaspar Brahm
Photo: Patrick Hendry-
-Unsplash

ÍNDICE

12. “A felicidade que nada pode tirar”

As bem-aventuranças: Deus não só quer que tenhamos um final feliz, mas também quer que sejamos felizes no caminho. Com a Sua graça, podemos abraçar um estilo de vida que está enraizado na presença de Cristo em nós.

11/03/2021



Todos nós gostamos de que os filmes tenham um final feliz. Que o protagonista, após intermináveis aventuras e dificuldades, consiga aquilo por que tanto trabalhou. E o espetador, que testemunhou as suas vicissitudes, participa na sua alegria.

Deus não tem apenas um final feliz em mente para nós: Ele quer que sejamos felizes ao longo de todo o caminho. O Senhor quer que nós, com a Sua graça, abracemos um estilo de vida que se concentre no que é

verdadeiramente importante: a presença de Cristo em cada um de nós. Isto é precisamente o que Jesus nos convidou a valorizar no Sermão da Montanha (cf. Mt 5, 1-12).

Uns espetadores boquiabertos

Jesus sentou-se na encosta de uma montanha, onde podia ser visto mais facilmente por todos os que O seguiam. Tinha-se espalhado a notícia de que um jovem estava a remover os corações, e muitos não queriam perder a ocasião. Alguns tiveram a sorte de se aproximarem a poucos metros d'Ele. Outros, por outro lado, tiveram de se contentar com vê-l'O de longe. Todos ficaram à espera de ouvir as primeiras palavras da boca do Mestre. «Não vos comove contemplar Jesus, sempre rodeado pelo povo, que se precipitava para Lhe tocar na roupa, que O seguia, oprimindo-o incessantemente, a ponto de não Lhe dar sequer tempo para comer?»^[81].

Consciente de toda esta atenção, o Senhor começou a falar: "Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra". E assim continuou a referir-Se aos que têm fome e sede de justiça, aos misericordiosos, aos puros de coração, aos perseguidos....

O olhar de surpresa nos rostos de todos os presentes deve ter sido algo digno de se ver. Habitados a compreender a prosperidade humana como um sinal do amor de Deus, ficaram perplexos com a afirmação de que aqueles que sofrem a pobreza ou a injustiça deveriam ser considerados abençoados. Os esquemas com que tinham julgado o que estava a acontecer nas suas próprias vidas são quebrados, e em vez disso veem abrir-se perante os seus olhos um panorama que não podiam ter imaginado e que ainda não compreendem.

Mas... os contemporâneos de Jesus são os únicos que veem os seus princípios de valorização do que deveria ser desejável alterado? Podemos não identificar a prosperidade com o favor de Deus, mas alguma dessa mentalidade ainda sobrevive. Quando algo corre mal, podemos pensar que Deus nos abandonou, ou talvez em alguns casos cheguemos mesmo a

concluir que envia um certo castigo a alguém. Ou talvez nos sintamos contentes com Deus, porque as coisas nos estão a correr bem. À medida que lemos as bem-aventuranças, podemos fazer nossa a surpresa dos ouvintes e ficar surpreendidos com o que Jesus nos diz. «Por detrás das grandes questões, Deus quer abrir-nos um panorama de grandeza e beleza, que talvez esteja escondido dos nossos olhos. Precisamos de confiar n'Ele e dar um passo ao Seu encontro, e largar o medo de pensar que, se o fizermos, perderemos muitas coisas boas na vida. A capacidade que Ele tem para nos surpreender é muito maior do que qualquer uma das nossas expetativas»^[82].

Preparação para o eterno

O Senhor conhece bem a novidade do que está a dizer. Sabe que as Suas declarações abalarão profundamente os alicerces daqueles que O seguem e até escandalizarão alguns. Mas quer fazê-los – e a nós – pensar. «Eu gostaria de compreender o que diz o Evangelho! E parece-me que muitas vezes, em vez de longos caminhos de aproximação, seria melhor dizer (...): não gostamos deste Evangelho, somos contrários ao que diz o Senhor! Mas que significa isto? Se digo sinceramente que à primeira vista não concordo, já temos a atenção: vê-se que eu gostaria, como homem de hoje, de compreender o que diz o Senhor. Assim podemos entrar, sem longos circuitos, no vivo da Palavra»^[83]. Se quisermos aprofundar a nossa compreensão do que o Senhor nos quer dizer, devemos questionar as nossas vidas à luz da Sua mensagem e deixar-nos surpreender.

Jesus vê os rostos espantados, ouve os murmúrios daqueles que se perguntam se o que acabam de ouvir pode ser verdade... Certamente, as Suas palavras soam muito belas, mas talvez pareçam excessivamente idealistas. Poderíamos pensar: como pode a pobreza, a calúnia ou a perseguição ser desejável? O que está a dizer não é para mim, será antes para pessoas especiais, mas não para mim. Esta é uma simples declaração de ideais nobres, mas com pouca aplicação prática. O Senhor experimenta mais uma vez a nossa relutância em apontar alto e receber o grandioso, a tendência para reduzir tudo ao meramente prático e controlável.

As bem-aventuranças podem iluminar a vida de cada cristão, porque são um reflexo do caminhar terreno do Senhor. Ele quer viver em nós, inspirar

todas as nossas ações, quer que sejamos "outro Cristo". Para compreender e aceitar isto, precisamos de confiar em Jesus Cristo.

Naturalmente, o que o Senhor está a dizer é uma novidade. Aqueles que o ouvem reparam que Ele não é como os fariseus, que apenas ditam o que é permitido fazer no sábado ou noutras circunstâncias. O que estão a ouvir é todo um programa sobre uma nova vida, sobre a felicidade; um programa surpreendente, que parece contradizer todas as ideias anteriores sobre o que nos pode dar felicidade.

Talvez, meditando sobre isto mais tarde, os apóstolos e outros discípulos do Senhor tenham começado a perceber que as palavras de Jesus revelavam uma ideia mais profunda de felicidade do que tinham tido até então. Com as Suas afirmações paradoxais, Jesus propunha-lhes uma felicidade contra a qual nada podem a pobreza, a injustiça, a perseguição... Uma felicidade que não depende do poder ou das honras. Quem não desejaría uma felicidade assim?

Nós, como eles, temos a experiência de que algumas destas coisas (carências, dores, calúnias, injustiças) nos fazem sentir mal, talvez até tendam a tirar-nos o nosso desejo de sermos bons; e outras (mansidão, paz, misericórdia, limpeza do coração), embora atraentes, podem parecer exigir um esforço considerável, o que nos assusta. Mas não nos escapa que o poder, o domínio sobre os outros, os prazeres, as riquezas ou as honras dão uma satisfação muito fugaz e sempre insuficiente: se confundíssemos a satisfação imediata que trazem com a felicidade, acabaríamos por nos encontrar bastante vazios, mesmo que conseguíssemos atingir os nossos objetivos.

Evidentemente, a proposta de Jesus não é que acumulemos tanto sofrimento quanto possível nesta terra, como se a dor em si mesma fosse um passaporte para a alegria mais tarde no céu. Ele também quer que sejamos felizes aqui na Terra. Simplesmente deseja que não esperemos a felicidade do efémero, do que passa, mas que nos preparemos para a encontrar no que é verdadeiramente sólido, no que é eterno, na única coisa capaz de satisfazer a sede de infinito em nós. Em suma, convida-nos a fomentar a atitude de quem confia n'Ele, de quem vive com a convicção de que é muito mais valioso estar com Deus do que experimentar certas

satisfações fugazes. Deseja, em última análise, que aqui em baixo aprendamos a viver pelo que, pela Sua misericórdia, esperamos desfrutar por toda a eternidade. Se, com a graça de Deus, somos capazes de ver o Seu amor em todas as situações: na pobreza e na riqueza, na honra e na calúnia, na saúde e na doença, na paz e na perseguição, estamos a preparar-nos para o céu (cf. Fl. 4, 11-13).

«A alegria não é a emoção de um momento: é outra coisa! A verdadeira alegria não vem das coisas, do ter, não! Nasce do encontro, da relação com os demais, nasce do sentir-se aceito, compreendido, amado e do aceitar, do compreender e do amar: e isto não pelo interesse de um momento, mas porque o outro, a outra é uma pessoa»^[84].

A felicidade indestrutível

Estes ensinamentos ficaram muito gravados nos apóstolos e discípulos mais próximos. É por isso que, anos mais tarde, inspirados pelo Espírito Santo, os registaram nos Evangelhos. Também eles ficariam surpreendidos ao ouvi-los, mas mesmo assim tinham confiança – talvez ainda incipiente – em Jesus Cristo; uma confiança que se iria desenvolver mais tarde. Quando temos essa atitude, quando acreditamos verdadeiramente que Deus quer que sejamos felizes e sabe o que nos ajudará a ser felizes, deixamos de considerar estes conselhos incompreensíveis, ou surpreendentes, ou difíceis. Pelo contrário, pedimos ajuda ao Senhor para compreender melhor o que significam e o que me sugerem para a minha vida hoje.

«Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus». O Senhor sabe como é fácil deixar-se levar pela impressão de que quanto mais se tem, mais feliz se é. Ele sabe que precisamos de bens materiais, mas quer que a nossa felicidade não dependa disso. Quer que nos distanciemos das coisas, para que elas não nos distraiam do que é importante: a presença de Deus e do Seu amor nas nossas vidas.

Também quando diz: «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus», convida-nos a identificar o nosso olhar com o Seu e a formar uma interioridade que nos ajude a dirigir os nossos pensamentos e afetos para o Senhor. Se, por outro lado, pensássemos nesta purificação

como um fardo, limitar-nos-íamos a combater tentações e impulsos desordenados; mas tal luta acaba por nos fazer sofrer. É por isso que o conselho do Senhor nos ilumina: deixa-O transformar o teu olhar! Aponta para o mais alto, para o grandioso, porque aí descobrirás uma felicidade mais sólida e duradoura.

«Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados». Jesus exorta-nos a desejar a santidade, mas também a aproveitar as ocasiões em que a justiça parece faltar, para nos apoiarmos em Deus e não na segurança de que as coisas sejam como deveriam ser.

À primeira vista, pode parecer que a fome de justiça tem pouco a ver com a vida da maioria dos ouvintes, ou com a nossa própria vida, que pode não sofrer grandes injustiças. Mas talvez possamos pensar que Jesus também se está a referir aqui a essas injustiças quotidianas. A todas aquelas coisas que, quando acontecem, nos fazem pensar: isto não devia ser assim. O mau tempo que arruína um plano que esperávamos, uma dor de cabeça, uma avaria inoportuna, uma mudança de planos, uma correção que recebemos numa altura que nos parece menos favorável, um trabalho que temos de enfrentar devido à negligência de um colega, a atitude de alguém que não parece levar-nos em conta... Esta fome de justiça, esta experiência de que a vida não nos trata como julgamos merecer, é uma oportunidade para nos ancorarmos no que é realmente importante. Claro que os reveses nos afetarão sempre, mas se confiarmos neste ensinamento de Jesus Cristo, chegará o momento em que não terão forças para nos tirar a alegria, porque teremos aprendido a centrar-nos n'Ele e a compreender que estas dificuldades não nos roubam necessariamente os dons mais importantes que temos; teremos aprendido a viver no amor de Deus, que nunca nos faltará.

A surpresa dos ouvintes – a nossa – transforma-se então em alegria e no desejo de aproveitar cada circunstância para permanecer cada vez mais no amor de Deus e vê-l'O no que a vida nos oferece: «O homem foi criado para a felicidade. A vossa sede de felicidade é, portanto, legítima. Cristo tem a resposta para o vosso desejo. Mas pede-vos que confieis n'Ele»^[85].

Julio Diéguez

Photo: Francisco T. Santos
(Unsplash)

ÍNDICE

13. “Viver de fé”

Na multiplicação dos pães e dos peixes, Jesus convida os apóstolos a não viver segundo os seus próprios cálculos humanos, mas confiando nos dons divinos.

07/12/2022



A notícia da morte de João Batista tinha afetado profundamente o Senhor. Tinha vindo para nos libertar do pecado, que tinha marcado profundamente a natureza humana, que Ele quis tomar para si próprio. Mas precisamente porque, exceto no pecado, assumiu essa natureza até às últimas consequências, não O deixou indiferente esta nova experiência da maldade que cabe no coração humano. Experimentou o impulso de se retirar para um lugar afastado, onde pudesse rezar e meditar em paz (cf. Mt 14, 13).

Contudo, «ao sair da barca, viu Jesus uma grande multidão e teve compaixão dela» (Mt 14, 15). Passou o resto do dia ocupando-se daquelas pessoas, das suas almas e dos seus corpos: ensinou-lhe muitas coisas e curou os enfermos. O Senhor não provocou essa situação, a sua intenção era simplesmente meditar e descansar. Mas o seu coração sacerdotal não deixou escapar uma oportunidade inesperada de cuidar dos outros.

Desproporção

A multidão já estava há muitas horas a ouvir os ensinamentos do Mestre. Começava a correr uma sensação de inquietude entre os discípulos: que aconteceria quando esta multidão se desse conta de que não tinha tempo para ir a um lugar onde arranjar mantimentos? Talvez o entusiasmo de agora se transformasse em desânimo ou até em zanga. Por isso, aproximaram-se discretamente de Jesus e avisaram: «Este lugar é deserto e a hora já é adiantada; deixa ir esta gente para que, indo às aldeias, compre de comer» (Mt 14, 15). A atitude dos apóstolos está cheia de senso comum: «Estas pessoas têm uma necessidade e é preciso dar-lhes oportunidade de a satisfazer antes que seja tarde demais». Mas certamente não esperavam a resposta do Senhor: «Não têm necessidade de ir, dai-lhes vós mesmos de comer» (Mt 14, 16). Ou seja: "O problema deles também é problema vosso, enfrentai-o".

Os apóstolos não se tinham voltado para Jesus para fugir da sua responsabilidade. Não estavam a tentar livrar-se de uma dificuldade. Era, simplesmente, uma tarefa que os superava de tal maneira que nem lhes passara pela cabeça que tivesse que ver com eles. Sem dúvida, compadeciam-se daquelas pessoas, mas que podiam fazer? Por isso, as palavras do Senhor os iam deixar desconcertados: "Nós? Nós é que temos que lhes dar de comer? Mas se nem o salário de duzentos dias daria para uma quantidade de pão irrisória para tão grande multidão!".

Porém, o Mestre não cedeu. Quis que tomassem este problema sobre os seus ombros:

– Quantos pães tendes? Ide ver.

Os apóstolos reconheceram a insuficiência dos seus meios:

– Temos cinco, e dois peixes.

– Trazei-mos cá.

Talvez os apóstolos se lembrassem desta conversa anos mais tarde, quando se encontravam mergulhados na evangelização. Também esta tarefa ultrapassava as suas qualidades humanas. Mas tinham aprendido do Senhor a não se deixar vencer pela falta de meios: se só tinham cinco pães e dois peixes, era com isso que tinham de enfrentar o desafio. A única coisa que Jesus quer é que deixemos a seus pés o que temos, o que podemos fazer, sem nos deixarmos desanimar pelo que não temos, pelo que supera a nossa capacidade.

«Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao céu, pronunciou a bênção e, partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos à multidão» (Mt 14, 19). Chegou para todos e ainda sobrou tanto que foram precisos doze cestos para guardar os restos. «O milagre não se realiza a partir do nada, mas de uma primeira partilha modesta daquilo que um simples jovem possuía. Jesus não nos pede aquilo de que não dispomos, mas faz-nos ver que se cada um oferecer o pouco que tiver, pode realizar-se sempre de novo o milagre: Deus é capaz de multiplicar o nosso pequeno gesto de amor e tornar-nos partícipes do seu dom»^[86].

Superar a vertigem

Não é fácil entender como se fez o milagre. Provavelmente achamos chocante pensar que a quantidade de pães e peixes aumentasse repentinamente e, o que era pouco, se tornasse sobreabundante, perante a admiração de todos. Outra possibilidade, menos espetacular, ajuda a perceber melhor um ensinamento que Cristo provavelmente queria transmitir.

Pode ter acontecido que o Senhor entregasse a vários apóstolos uma parte dos pedaços de pão para os repartirem pela multidão. É fácil imaginá-los – talvez cheios de vergonha – a começar a dar às pessoas que estavam mais perto uns bocadinhos minúsculos de pão e de peixe, com a intenção de

que chegasse para o maior número possível de pessoas. É possível que o Senhor tivesse de animar algum a ser magnânimo e dar a cada um tudo o que necessitasse.

Começaram, então, a distribuir generosamente aqueles pães e pouco a pouco foram-se apercebendo do prodígio. Na cesta nunca aumentou consideravelmente a quantidade de pão; sempre foi escasso e dava sempre a impressão de que ia chegar para poucos mais. Mas chegou para todos e até sobrou. Também o maná era impossível acumular (cf. Ex 16, 17-20): Deus queria que aqueles que recebiam aquele alimento não perdessem a consciência de que era um dom divino e se abandonassem n'Ele, em vez de procurarem uma segurança meramente humana. Talvez por isso o Senhor tenha querido que os apóstolos tivessem uma experiência similar. «Jesus manifesta o seu poder, não de uma forma espetacular, mas como um sinal da caridade, da generosidade de Deus Pai para com os seus filhos cansados e oprimidos»^[87].

Para os presentes que estavam conscientes do sucedido, foi um motivo de surpresa e de admiração. Para os apóstolos foi uma clara lição de fé. Uns meses depois, o Senhor ia pedir-lhes que tomassem sobre os seus ombros a tarefa de anunciar a boa nova a milhões de almas: «Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura» (Mc 16, 15). Sentiam, sem dúvida, que isso os superava: quem eram eles? Que podiam fazer? Não seria mais razoável propor-se metas que estivessem ao seu alcance? Podiam então trazer à memória o que tinham vivido. Podiam recordar que o Senhor lhes tinha pedido para fazerem contas aos seus meios; para Ele tanto fazia dar de comer àquela multidão com cinco pães como sem pão nenhum, mas queria ensiná-los a pôr tudo da sua parte. Poderiam meditar que Jesus não permitiu que a escassez de meios reduzisse o objetivo que lhes tinha proposto; que não se conformou em prestar uma ajuda simbólica, que não resolvesse o problema. Poderiam recordar também que os seus meios sempre tinham sido escassos..., mas acabaram por ser suficientes. Em último termo, tinham aprendido que à hora de difundir o Evangelho, o determinante não deviam ser as suas condições –que de todos os modos deviam examinar– mas as necessidades das almas.

Os apóstolos sentiram-se interpelados pela sede que Deus tem de almas em todos os ambientes e ocupações. Não atrasaram o início desta tarefa até disporem de todos os pães necessários. Sentiram certamente a desproporção entre as suas capacidades e o que achavam que o Senhor lhes pedia. Também nós podemos sentir uma certa vertigem, uma sensação de impotência ou de insegurança que não devemos entender como prova de que nos falta fé. Pelo contrário, talvez seja uma demonstração de que o amor de Deus nos impele mais além do que podemos imaginar. Como aos apóstolos, o Senhor exorta-nos para lá dos nossos pobres cálculos.

A fé com que o Senhor espera que atuemos, não consiste, pois, na garantia de que as nossas qualidades se irão multiplicar. Consiste antes em pôr os nossos cinco pães ao serviço de Deus, em atuar como se esses pães fossem suficientes, mesmo que, enquanto o fazemos, continuemos a sentir a nossa limitação. A vida de fé não se demonstra nos sentimentos, mas nas obras, também quando aqueles parecem contradizer essas certezas fundamentais em que se apoia toda a nossa ação. «O otimismo cristão não é um otimismo adocicado, nem tão pouco uma confiança humana em que tudo correrá bem. É um otimismo que mergulha as suas raízes na consciência da liberdade e na segurança do poder da graça; um otimismo que leva a exigirmo-nos a nós próprios, a esforçarmo-nos por corresponder em cada instante aos chamamentos de Deus»^[88].

A fé do cristão não é a ingenuidade de quem não se apercebe das dificuldades e, por isso, confia, em que tudo vai correr bem. A fé gera um otimismo «que mergulha as suas raízes na consciência da liberdade», quer dizer, que se sustenta e se alimenta da consciência de que as coisas podem correr mal e de facto às vezes correm mal, porque a liberdade humana – a nossa e a dos outros – nem sempre quer o que Deus quer. Por isso, é «um otimismo que nos leva (...) a esforçar-nos por corresponder em cada instante aos apelos de Deus», embora sabendo que nem mesmo assim teremos a certeza de que tudo será favorável.

A fé não consiste num sentimento de confiança no bom andamento das coisas. É antes a segurança de que, corram como correrem, Deus está a meu lado e se servirá delas em meu favor, em favor dos que me rodeiam e de toda a Igreja. Dito de outro modo: Deus não espera de mim que tudo me

corra bem, nem sequer eu espero de Deus que, se fizer o que devo, tudo evoluirá favoravelmente. Deus espera que eu confie em que Ele nunca me abandona e, por isso, deseja que eu ponha o que está da minha parte para que as coisas corram bem. E eu tenho a certeza de que, fazendo o que Ele quer, estou a conseguir na minha vida o objetivo que realmente importa, embora isso nem sempre produza um estado de coisas positivo. Há coisas que vão correr mal, mas seguirei o conselho de São Paulo: «Não te deixes vencer pelo mal; mas vence o mal com o bem» (Rm 12, 21) e, por isso, apesar de tudo, o bem estará a vencer: *omnia in bonum!*

O Senhor confiou uma grande missão à Igreja e a cada cristão. É lógico que sintamos que excede as nossas capacidades e até que, ao pensar nela, por vezes nos sintamos assustados. Esta cena far-nos-á novamente conscientes de que o Senhor espera que – como os apóstolos – nos comprometamos na missão apostólica com todas as nossas capacidades. E também espera que comecemos a fazer o que pudermos, sem nos deixarmos dominar pela preocupação de se conseguiremos ou não concluir o trabalho. A escassez dos nossos pães e peixes não há de impedir que façamos o que em cada momento estiver nas nossas mãos: Deus proverá quanto ao que vier depois. Assim, embora não nos sintamos seguros, estaremos efetivamente a viver de fé.

Julio Diéguez

ÍNDICE

14. “Ainda não compreendeis?”

O Evangelho não é uma coleção de capítulos isolados. Os vários momentos da vida do Senhor estão mais ligados entre si do que parecem. Portanto, tentar descobrir essas conexões ajudar-nos-á a conhecer mais profundamente a figura de Jesus Cristo.

12/04/2021



Um bom filme não é uma mera sucessão de cenas sem nenhuma ligação entre si, mas é desenvolvido seguindo um guião pré-estabelecido. Tecnicamente, é o que se conhece como enredo, que costuma ter três partes: a introdução, na qual as personagens são apresentadas e se coloca um problema; desenvolvimento, que é a parte mais longa; e o final, onde se resolve o problema inicial.

Algo de semelhante acontece com os Evangelhos. Não se trata de uma série desconexa de episódios, mas também seguem uma trama. Isso permite-nos apreciar o caráter progressivo da revelação de Jesus. Ele não Se manifestou a todos como o Filho de Deus e o Messias de Israel desde o primeiro momento, mas, em vez disso, seguiu um plano para que a multidão e aqueles que O seguiam mais de perto pudessem entender quem era. Ler o Evangelho desta forma, tentando colocar cada passagem dentro do enredo e perguntando porque é assim, pode ser de grande ajuda para aprofundar o nosso conhecimento pessoal de Jesus Cristo.

Com a cabeça noutra coisa

Há uma passagem do Evangelho de São Marcos em que é fácil identificar as suas relações com outros momentos da vida do Senhor. Trata-se do diálogo entre Jesus e os discípulos na travessia do Mar da Galileia, após a segunda multiplicação dos pães e dos peixes (cf. Mc 8, 14-20). Os apóstolos cometeram um erro que poderia acontecer a qualquer um de nós: "Esqueceram-se de trazer os pães e só tinham um pão no barco". É fácil imaginar a agitação que tal erro teria causado. Talvez estivessem a culpar-se uns aos outros: eu não te disse para tratares disso? Agora, que fazemos? No meio da agitação, Jesus falou e disse-lhes: «Olhai: tomai cuidado com o fermento dos fariseus e com o fermento de Herodes».

A que, estava a referir-se o Senhor, exatamente? Que tinha a ver esse aviso com a falta de pão no barco? Para compreender plenamente o significado destas palavras, é necessário olhar para trás (cf. Mc 8, 11-13). Acontece que os fariseus se tinham aproximado de Jesus, antes, para pedir um sinal do céu, mas Ele rejeitou-os sem explicar porquê. Além disso, o evangelista detalha um certo tom de cansaço na voz do Mestre: «Suspirando do fundo, disse: «Porque pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo: sinal algum será concedido a esta geração». E é que Jesus acabava de realizar um grande sinal: alimentou milhares de pessoas num lugar deserto. Porquê acrescentar outro sinal se os fariseus não estão dispostos a aceitá-lo? Como tinha explicado na parábola do semeador, a semente da palavra de Deus carrega em si uma enorme potencialidade, mas não pode desenvolvê-la se o solo em que cai não for bom, se as disposições do que escuta não forem adequadas.

Os apóstolos estavam bem cientes das divergências entre Jesus e os fariseus. Por exemplo, tinham visto como se escandalizavam ao ver o Senhor a comer com publicanos e pecadores ou a fazer no sábado o que, na sua interpretação da Lei, não era permitido. Até ouviram rumores de que os fariseus tinham concordado com os herodianos para ver como acabar com Ele. A situação com Herodes era semelhante, pois foi ele quem mandou decapitar João Batista. Por isso, quando Jesus diz «olhai: tomai cuidado com o fermento dos fariseus e com o fermento de Herodes», os discípulos já tinham elementos para compreender a que se referia, ou pelo menos intuí-lo. No entanto, apesar de terem sido espectadores daqueles momentos, os discípulos não entenderam bem o que Jesus lhes dizia. A reação que o evangelista recolhe mostra-nos no que estavam a pensar: «e eles comentavam uns com os outros que não tinham pão. Não eram cultos, nem sequer muito inteligentes, pelo menos no que diz respeito às realidades sobrenaturais. Até os exemplos e as comparações mais simples lhes eram incompreensíveis (...) Quando Jesus, com uma imagem, alude ao fermento dos fariseus, supõem que os está a recriminar por não terem comprado pão»^[89]

À advertência do Mestre para não se deixarem influenciar pelo estilo de vida dos fariseus, responderam com a preocupação de que não tinham que comer, «estavam tão fechados em si próprios a culpar-se que não tinham espaço para mais nada, não tinham mais luz para a Palavra de Deus»^[90].

A memória, remédio para o coração

A reação de Jesus não tardou: «Porque continuais a comentar que não tendes pão? Ainda não entendeis nem compreendeis? Endurecestes o coração?». Para entender o que significa esse *ainda*, é necessário dar um salto, novamente, para trás no Evangelho, como um *flashback*, e recordar o momento em que os discípulos se encontram no barco depois da primeira multiplicação dos pães e dos peixes (cf. Mc 6, 33-52). Naquela ocasião, começaram a gritar de medo ao ver Jesus a caminhar sobre o mar. O evangelista então explica que os discípulos «sentiram um enorme espanto, pois ainda não tinham entendido o que se dera com os pães: tinham o coração endurecido.» Implicitamente, continua a dizer que se tivessem entendido o verdadeiro significado da multiplicação, não teriam ficado com

medo quando viram o Mestre a caminhar sobre as águas, nem teriam ficado admirados que o vento tivesse acalmado quando entrou no barco. Teria parecido a coisa mais normal do mundo!

Voltando à cena principal, vemos que desta vez Jesus não só censura os discípulos pela sua dureza de coração, mas também os chama cegos e surdos:

– «Tendes olhos e não vedes, tendes ouvidos e não ouvís? E não vos lembrais de quantos cestos cheios de pedaços recolhestes, quando parti os cinco pães para aqueles cinco mil?

– Responderam: "Doze".

– E quando parti os sete pães para os quatro mil, quantos cestos cheios de bocados recolhestes?»

– Responderam: "Sete".

Disse-lhes então:

– Ainda não compreendeis?»

O espírito com que Jesus Se envolve neste diálogo lembra a Sua repreensão aos fariseus – «Porque pede esta geração um sinal?» –. Podemos até notar uma força maior nessas palavras, porque não as dirige a qualquer um, mas aos Seus amigos mais íntimos. E também revelam um pouco de surpresa: apesar de terem testemunhado tantos milagres e ouvido tantos ensinamentos de Jesus, os discípulos ainda não entenderam.

Mas o Senhor procura uma maneira de reavivar o coração dos apóstolos. E fá-lo convidando-os a lembrarem-se das maravilhas que Ele mesmo operou nas suas vidas. «Há um *remédio* contra a dureza do coração, e é a memória. Por isso, no Evangelho de hoje, e em tantas passagens da Bíblia, ouve-se o apelo ao poder salvador da memória, graça que devemos pedir porque mantém os nossos corações abertos e fiéis. Quando o coração se endurece, quando o coração se embota, esquece-se (...) a graça da salvação esquece-se a gratuidade»^[91]. E é que a recordação da presença do

Senhor na vida de cada um leva-nos a ter entusiasmo pelo presente e a olhar para o futuro com esperança: não haverá obstáculo nem *falta de pão* que possa tirar-nos a alegria de estar no mesmo barco que Jesus.

Um final aberto

O episódio termina com uma pergunta: «Ainda não compreendeis?». O Senhor não diz exatamente o que os discípulos ainda não entenderam. Como noutras ocasiões, o Evangelho não nos dá todas as explicações que, talvez gostássemos de receber, como se nos deixasse a tarefa de descobri-lo por nós mesmos. É o que acontece com muito bons filmes, que não acabam concluindo completamente. São aqueles finais que, em parte, se deixam à livre interpretação do espetador, para que nos permitam refletir sobre o sentido que o realizador quis dar ao *filme*.

Neste caso, da censura de Jesus poderíamos deduzir que, para Ele, as duas multiplicações não estão ao mesmo nível dos outros sinais que realizou, como as curas de doentes ou as expulsões de espíritos imundos, mas que contêm uma revelação diferente. Parece haver algo sobre esses dois milagres que os torna particularmente importantes, algo que escapa aos discípulos e talvez a nós também. Agora torna-se mais urgente perguntarmo-nos novamente se entendemos *isso dos pães* ou se, pelo contrário, somos cegos e surdos, como os discípulos.

Para entender melhor o que as duas multiplicações dos pães e dos peixes ensinam sobre a identidade de Jesus Cristo, pode ser útil relembrar o início do filme da história da salvação. O povo de Israel fugiu do Egito e começou uma peregrinação de quarenta anos no deserto. Javé, por intercessão de Moisés, enviou ao seu povo alimentos para enfrentar a jornada: maná e codornizes. Agora, ao multiplicar os pães e os peixes, Jesus mostra que é Ele mesmo quem alimenta a multidão. Portanto, quem entende *bem isso dos pães*, não se deve surpreender que Jesus controle o mar e o vento ou vê-l'O andar sobre as águas, porque o Deus de Israel tinha mostrado o Seu poder justamente nas águas do mar.

* * *

Dissemos no início que a passagem que estamos a comentar era um bom ponto de partida para nos aproximarmos do enredo do Evangelho. Com efeito, no Evangelho de S. Marcos, a progressiva revelação de quem é Jesus é acompanhada pela insistência na incompreensão dos discípulos, que se manifesta com tanta clareza nos três episódios do barco (cf. Mc 4, 36-41; Mc 4, 36-41; Mc 6, 45-52; e Mc 8, 14-20). Porém, mais tarde, os discípulos parecem continuar sem dar sinais de melhora. Pedro confessa Jesus como o Messias, mas rejeita que deva sofrer e morrer (cf. Mc 8, 27-33). Tiago e João pedem-Lhe os primeiros lugares e os outros dez ficam indignados (cf. Mc 10, 32-45) porque tinham as mesmas ambições humanas. Antes discutiam entre si sobre quem seria o maior (cf. Mc 9, 33-37). E depois da prisão de Jesus, todos O abandonam (cf. Mc 14, 50) e Pedro nega-O (cf. Mc 14, 66-72).

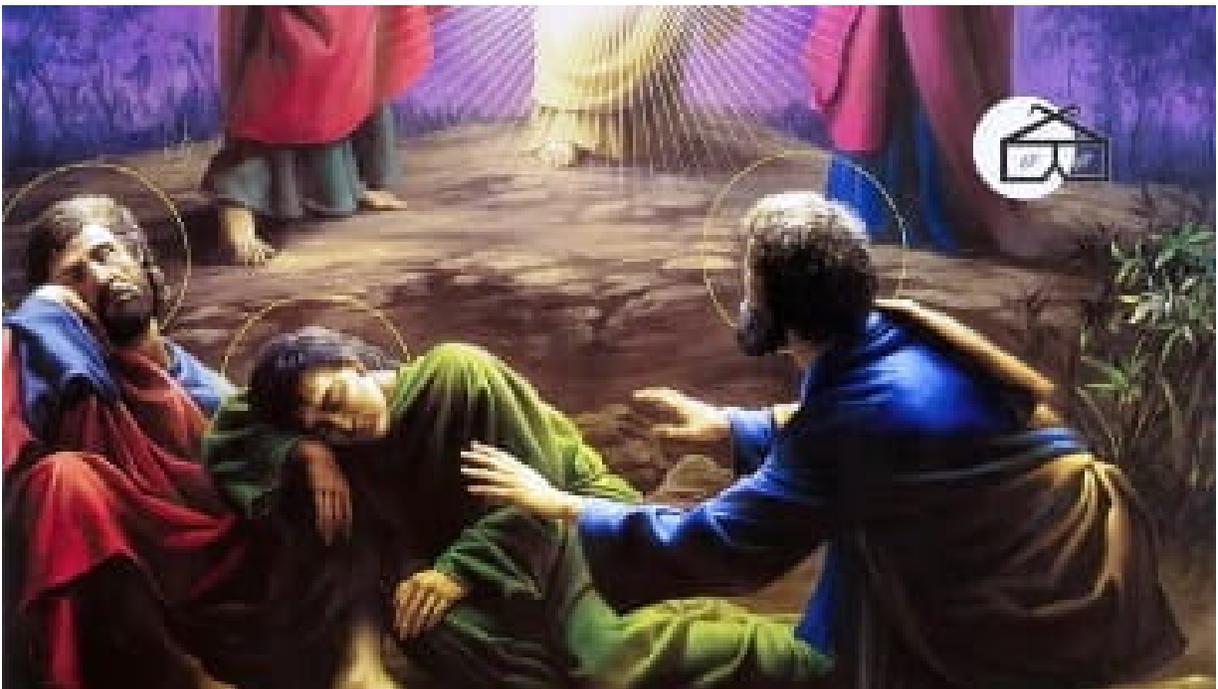
Os discípulos não conseguem entender em profundidade quem é Jesus e, no momento decisivo, deixam-n’O só. No entanto, o próprio Evangelho nos mostra que a sua situação não é desesperada. É verdade que têm ouvidos e não ouvem, como o Senhor lhes disse no barco, mas pouco antes tinha mostrado que podia curar um surdo. Eles não podem ver, mas a primeira coisa que Jesus fará depois de atravessar o lago é restaurar a visão de um cego e repeti-lo-á quando sair de Jericó. No final do Evangelho, quando as mulheres vão ao sepulcro na manhã de domingo, um jovem vestido de branco aparece-lhes e anuncia que Jesus ressuscitou. E acrescenta: «dizei aos Seus discípulos e a Pedro: 'Ele precede-vos a caminho da Galileia; lá O vereis'» (Mc 16, 8). Verão Jesus, porque Ele lhes aparecerá ressuscitado. Mas *verão* também no sentido de que finalmente os seus olhos e ouvidos se abrirão e o seu coração poderá compreendê-l’O e confessá-l’O como «Cristo e Filho de Deus» (Mc 1, 1).

ÍNDICE

15. “Luz que nunca se apaga”

A confissão em Cesareia e a Transfiguração. Em Cesareia, Pedro não entendeu que seguir Jesus implica entrega e sacrifício. No Tabor, no entanto, começou a compreender que a glória de Cristo passa pelo sofrimento, e que a cruz não é o final, mas a passagem para a ressurreição.

10/04/2025



Provavelmente Pedro sentia-se fora de lugar. Enquanto subia o monte Tabor com o Senhor, no seu interior debatia-se e sofria ao não entender. Sem dúvida, Jesus queria ter uma manifestação especial de apreço ao chamá-lo junto com Tiago e João para o acompanhar. Desde aquele episódio em Cesareia de Filipe, andaria há alguns dias preocupado. Porque é que Jesus tinha anunciado que teria que ser conduzido à morte? Porque lhe tinha dirigido essa censura tão dura?

Um louvor

Acabavam de chegar à região de Cesareia de Filipe. Jesus, reunindo os seus discípulos, perguntou-lhes: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?». Todos começaram a exprimir o que tinham ouvido, talvez com um sorriso na boca: «Uns que João Batista, outros que Elias e outros que Jeremias ou algum dos profetas». O Senhor então surpreendeu-os com outra pergunta, desta vez mais pessoal: «E vós, quem dizeis que eu sou?» (Mt 16, 13-15).

Então fez-se silêncio. Ninguém se atrevia a responder. Pedro, no entanto, tomou a palavra: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo» (Mt 16, 16). Talvez pensasse que não tinha feito nada de especial: simplesmente tinha dito em voz alta o que todos pensariam em silêncio. De certeza que teriam falado disso muitas vezes, mas sempre entre eles, nesse clima de confiança que se criaria quando começavam a conversar durante a noite, tentando explicar uns aos outros o que o Mestre tinha pregado.

«És feliz, Simão, filho de Jonas – respondeu Jesus –, porque não foi a carne nem o sangue que to revelaram, mas o meu Pai que está no Céu. Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela» (Mt 16, 17-18). Talvez o apóstolo não conseguisse entender o significado desta revelação do Senhor. Mas uma coisa lhe terá ficado clara: ele, Pedro, ia ser um apoio sólido para o Messias. Jesus queria contar com ele para fazer algo grande, algo que desafiaria o próprio inferno.

Também hoje Cristo continua a chamar os homens a colaborar com ele na obra da redenção: «Filhos de Deus. – Portadores da única chama capaz de iluminar os caminhos terrenos das almas, do único fulgor, no qual nunca poderão dar-se escuridões, penumbras nem sombras. Nosso Senhor serve-se de nós como archotes para que essa luz ilumine... De nós depende que muitos não permaneçam nas trevas, mas que andem por sendas que levem até à vida eterna»^[92].

Sentir as coisas de Deus

Pedro encher-se-ia dum certo orgulho ao escutar aquele louvor. No entanto, inquietar-se-ia quando o Senhor «começou depois a ensinar-lhes que o Filho do Homem tinha de sofrer muito e ser rejeitado pelos anciãos,

pelos sumos sacerdotes e pelos doutores da lei, e ser morto e ressuscitar depois de três dias» (Mc 8, 31). Isso não podia acontecer. Se ele era o Messias, como acabava de lhes confirmar, teria que libertar Israel e expulsar os romanos, para restaurar o reino de David. Como seria isso possível se o seu próprio povo o ia condenar? Não fazia sentido. E Pedro, que se sentiria autorizado pelo recente elogio, tinha que lho fazer saber.

De certo modo, a maneira de pensar do apóstolo subsiste ainda hoje. Associa-se o sofrimento ao fracasso. De maneira que, se alguém empreende um caminho e encontra obstáculos, pensará que talvez se tenha enganado, ou então desanimará porque nem tudo se desenrola de acordo com os seus planos. Por isso, quando Pedro repreende Jesus pelo que ele acaba de dizer, o Senhor responde-lhe: «Vai-te da minha frente, Satanás, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens» (Mc 8, 33).

O medo, o desespero ou a desconfiança surgem também como consequência da ação do demónio no mundo e em cada um de nós. Às vezes, é ele que nos leva a desistir ou nos faz perder a paz, quando alguma coisa na nossa vida não se ajusta às nossas expectativas. Sentir as coisas como Deus implica, em contrapartida, descobrir o rosto de Cristo em cada situação, tanto nas alegrias como nas penas. «O caminho do cristão, o de qualquer homem, não é fácil. Certo é que, em determinadas épocas, parece que tudo se cumpre segundo as nossas previsões; mas isto habitualmente dura pouco. Viver é defrontar dificuldades, sentir no coração alegrias e pesares; e é nesta forja que o homem pode adquirir a fortaleza, a paciência, a magnanimidade e a serenidade»^[93].

Assim, quando se aproximam momentos dolorosos, podemos renovar o nosso compromisso de *ser pedra*: não são as circunstâncias que nos indicam que fracassámos na nossa missão, mas oportunidade para amadurecer a vocação, abandonarmo-nos nas mãos de Deus e pôr nele a nossa esperança. «Às vezes acontece que passamos por momentos de escuridão na nossa vida pessoal, familiar ou social e temos medo que não haja uma saída. Sentimo-nos apavorados perante os grandes enigmas como a doença, a dor inocente ou o mistério da morte. No mesmo caminho de fé, tropeçamos frequentemente face ao escândalo da cruz e às exigências do Evangelho, que nos pede para dedicar a vida ao serviço e para a perder no amor, em vez

de a guardar para nós próprios e de a defender. Então, precisamos de outro olhar, de uma luz que ilumine profundamente o mistério da vida e nos ajude a superar os nossos esquemas e os critérios deste mundo»^[94]. Pedro, no entanto, demoraria algum tempo a adquirir essa sensibilidade divina. Para isso, Jesus pedir-lhe-ia dias mais tarde que o acompanhasse ao monte Tabor.

A última palavra

Pedro nunca tinha ouvido semelhante censura. Nem sequer aos fariseus Jesus tinha dirigido uma acusação tão forte. Nos dias que se seguiram, não deixaria de dar voltas a esta conversa. De *pedra* que resistiria ao inferno, tinha passado a ser *Satanás*. Quanto mais se alegrava com o elogio, mais lhe doía a censura. Procuraria entender o porquê da reação do Senhor, mas não o conseguia. E, como ele, também os outros apóstolos tentariam assimilar aquele episódio. «Podemos imaginar o que devia acontecer no coração dos seus amigos, daqueles amigos íntimos, dos seus discípulos: a imagem dum Messias forte e triunfante é posta em crise; os seus sonhos são destruídos e são tomados pela angústia diante do pensamento de que o Mestre em quem tinham acreditado seria morto com o pior dos malfeitores»^[95].

O apóstolo sabia que Jesus o amava. Além disso, o facto de lhe pedir que o acompanhasse ao cimo da montanha, juntamente com Tiago e João, manifestava que confiava nele plenamente. Tinha-lhe chamado *Satanás*, sim, mas não se tinha afastado dele, nem tão pouco lhe tinha dito que já não seria a sua *pedra*. E algum tempo depois – embora não o soubesse – o Senhor confirmá-lo-ia como cabeça da Igreja, apesar de o ter negado três vezes durante a paixão. «A experiência do pecado não nos deve, portanto, fazer duvidar da nossa missão. Certamente que os nossos pecados podem dificultar que Cristo seja reconhecido, e por isso devemos lutar contra as nossas misérias pessoais, buscar a purificação, sabendo, porém, que Deus não nos prometeu a vitória absoluta sobre o mal nesta vida, mas o que nos pede é luta»^[96].

Quando chegaram ao cimo do Tabor, Pedro deter-se-ia a contemplar o panorama. Talvez lhe viessem à cabeça aqueles momentos em que os profetas de antigamente tinham encontrado Deus no alto dum monte. Um

lugar como aquele, donde se podia ver a vastidão da criação, dum mundo que se perde mais além do horizonte da própria vista, leva inevitavelmente a pensar na grandeza de Deus.

De repente, Pedro deu-se conta que algo se passava com Jesus. «Enquanto orava, o aspeto do seu rosto modificou-se» (Lc 9, 29), «resplandeceu como o Sol» (Mt 17, 2). «As suas vestes tornaram-se resplandecentes, de tal brancura que lavadeira alguma da terra as poderia branquear assim» (Mc 9, 3). Os três apóstolos viram aparecer dois homens junto de Jesus, que começaram a falar com ele. Deram-se conta que «eram Moisés e Elias os quais, aparecendo rodeados de glória, falavam da sua morte, que ia acontecer em Jerusalém» (Lc 9, 30-31).

Enquanto os ouvia a falar, Pedro talvez recordasse que as Escrituras já tinham anunciado que o Messias ia sofrer. «Foi maltratado, mas humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro que é levado ao matadouro» (Is 53, 7). «Posso contar todos os meus ossos. Eles olham para mim cheios de espanto! Repartem entre si as minhas vestes e sorteiam a minha túnica» (Sl 22, 18-19). Agora tudo se enquadrava. Por fim começaria a intuir o significado daquelas misteriosas palavras que o tinham levado a repreender Jesus. O Messias seria um rei, mas não à maneira humana, mas um rei crucificado. «O seu rosto radiante e as suas vestes resplandecentes, que antecipam a imagem do Ressuscitado, oferecem a estes homens assustados *a luz*, a luz da esperança, a luz para *atravessar as trevas*: a morte não será o fim, porque se abrirá para a glória da ressurreição»^[97]. A temida cruz, por isso, não terá a última palavra. O Senhor referia-se a isso quando o acusou de não sentir as coisas de Deus. Para Pedro, a crucifixão era sinal de morte e de fracasso, mas para Jesus será de vida e de salvação.

Na noite mais escura

Quando Moisés e Elias deixaram de falar, Pedro não se pôde conter: «Senhor, é bom estarmos aqui; se quiseres, farei aqui três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias» (Mt 17, 4). Qualquer um de nós teria dito o mesmo. Quando percebemos de maneira clara a proximidade de Deus, experimentamos uma alegria que gostaríamos que se prolongasse indefinidamente. Algo semelhante também acontece quando vivemos um momento especialmente agradável: uns dias de descanso, uma reunião

familiar, um programa com amigos... Mas tudo isso, tal como o episódio do Tabor, tem um início e um fim. Pretender eternizá-los, além de ser impossível, levaria a afastar-nos da realidade e impedir-nos de acolher com serenidade e paz os momentos em que a realeza de Deus parece oculta.

O Senhor permitiu que Pedro, Tiago e João pudessem contemplar a sua glória como antecipação da Paixão, para que pudessem vivê-la com fé e esperança na Ressurreição. «Jesus quer que esta luz ilumine os seus corações quando passarem pela densa escuridão da sua paixão e morte, quando o escândalo da cruz for insuportável para eles. Deus é luz, e Jesus quer dar aos seus amigos mais íntimos a experiência desta luz que habita nele. Assim, depois deste episódio, ele será neles uma luz interior, capaz de os proteger dos assaltos das trevas. Mesmo na noite mais escura, Jesus é a luz que nunca se apaga»^[98].

Quando se apresente a cruz na nossa vida, podemos recordar todos esses *encontros* que tivemos com Cristo no Tabor, nos quais notámos de maneira particular a felicidade de caminhar junto com Ele. E também nessa altura, ainda que tenhamos a impressão de que essas recordações fazem parte de um passado que não voltará, sabemos que Deus não nos larga da sua mão. «Às vezes, quando tudo nos acontece ao contrário do que imaginávamos, vem-nos espontaneamente à boca: Senhor, olha que se afunda tudo, tudo, tudo...! Chegou a hora de retificar: contigo, avançarei seguro, porque Tu és a própria fortaleza: «*quia tu es, Deus, fortitudo mea*» (Sl 42, 2).

«Roguei-te que, no meio das ocupações, procures levantar os teus olhos ao Céu perseverantemente, porque a esperança nos impele a agarrar-nos a essa mão forte que Deus nos estende sem cessar, com o fim de não perdermos o ponto de mira sobrenatural; isto também quando as paixões se levantam e nos acometem para nos aferrolharem no reduto mesquinho do nosso eu, ou quando – com pueril vaidade – nos sentimos o centro do universo. Eu vivo persuadido de que, sem olhar para o alto, sem Jesus, jamais conseguirei nada; e sei que a minha fortaleza, para me vencer e para vencer, nasce de repetir aquele brado: «tudo posso naquele que me conforta» (Fl 4, 13), que contém a segura promessa de Deus de não abandonar os seus filhos, se os seus filhos não o abandonarem»^[99].

* * *

Pedro «ainda estava a falar, quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra e uma voz dizia da nuvem: “Este é o meu Filho, muito amado, no qual pus todo o meu agrado. Escutai-O”» (Mt 17, 5). Os três discípulos, assustados pelo que acabavam de ouvir, caíram de bruços. Jesus aproximou-se deles e, tocando-os, disse-lhes: «Levantai-vos e não tenhais medo» (Mt 17, 7).

Enquanto desciam a montanha, Pedro iria meditando sobre tudo o que tinha presenciado nos últimos dias. Começaria a entender que «os padecimentos do tempo presente não são comparáveis com a glória futura» (Rm 8, 18): por muito que o Messias tenha que sofrer, a sua vitória será muito maior. No entanto, ainda teria um longo caminho a percorrer para compreender plenamente o significado destes episódios.

Muitos anos depois, num clima de contínua ameaça para a Igreja nascente, Pedro escreverá uma carta aos primeiros cristãos em que animará a não perder a esperança no meio das dificuldades:

«Demo-vos a conhecer o poder e a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, não por havermos ido atrás de fábulas engenhosas, mas por termos sido testemunhas oculares da sua majestade. Com efeito, Ele foi honrado e glorificado por Deus Pai, quando a excelsa Glória lhe dirigiu esta voz: “Este é o meu Filho, o meu muito Amado, em quem eu pus o meu encanto”. E esta voz, vinda do Céu, nós mesmos a ouvimos quando estávamos com Ele na montanha santa. E temos assim mais confirmada a palavra dos profetas, à qual fazeis bem em prestar atenção como a uma lâmpada que brilha num lugar escuro, até que o dia desponte e a estrela da manhã nasça nos vossos corações» (2Pd 1, 16-19).

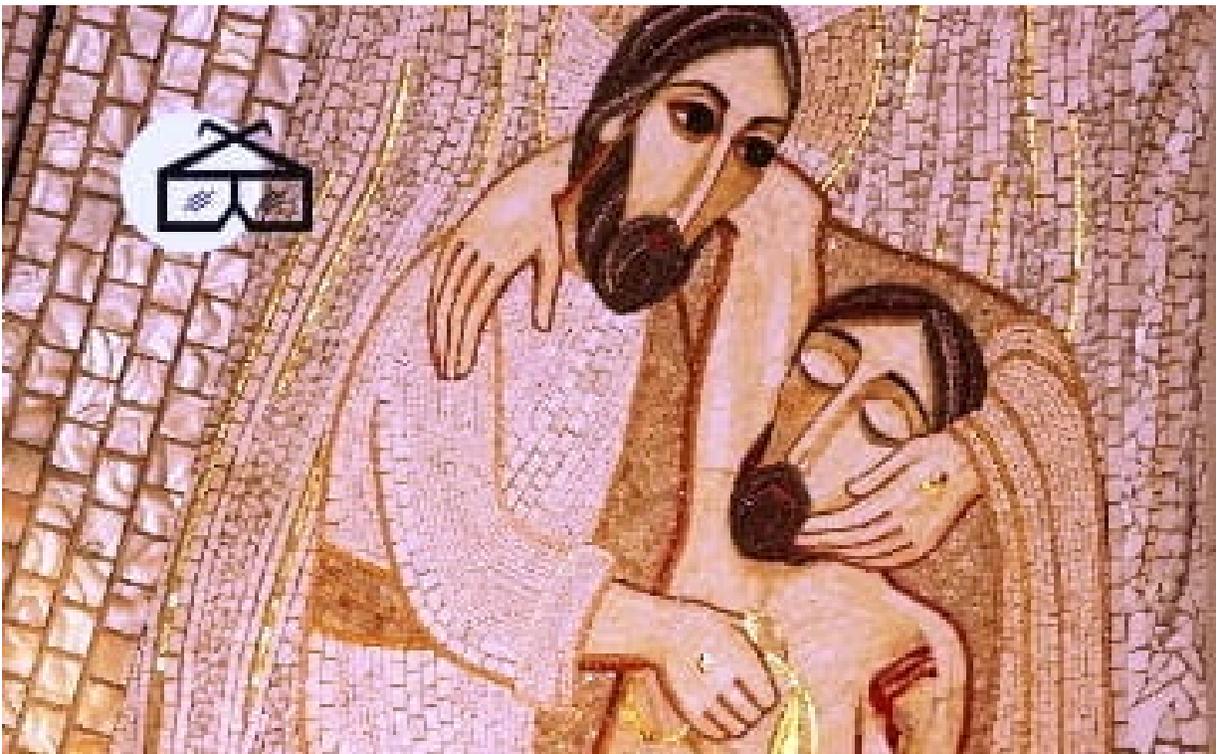
Jaime Moya

ÍNDICE

16. “Fazer do mundo um lar”

A parábola do bom samaritano. O Senhor quis dar resposta à pergunta «quem é o meu próximo?» com uma parábola que tem três protagonistas: um estalajadeiro, um samaritano e um judeu. Uma história que convida a transformar o hotel deste mundo num verdadeiro lar.

06/04/2022



Poucos edifícios exprimem com maior rigor a globalização da sociedade contemporânea do que um hotel. Se o reduzirmos aos seus componentes fundamentais, trata-se de um teto e de uns serviços para acolher os clientes. Aí assenta também a sua condição paradoxal, uma vez que é um lugar anónimo e em certo sentido despersonalizado, que tenta suprir aqueles elementos que achamos mais íntimos e necessários; em suma, o próprio lar.

Por isso, não pode deixar de chamar a atenção que uma parábola que pretende dar resposta à pergunta «quem é o meu próximo?» (Lc 10, 29) tenha como cenário uma estalagem, um modesto hotel de aldeia. Pareceria mais lógico falar de uma família ou da relação entre amigos para exemplificar o amor genuíno. Contudo, o Senhor prefere descrever a relação entre três desconhecidos: um estalajadeiro, um samaritano e um ferido. Embora o relato de Cristo não ofereça todos os detalhes do acontecimento, talvez possa ter acontecido algo semelhante ao que se segue.

O olhar do estalajadeiro

Podemos imaginar que o dia estava a decorrer com a normalidade de sempre. Clientes que partiam e clientes que chegavam. Preparar as refeições e arranjar os quartos. Não é muito dado a perguntar aos forasteiros sobre a sua vida. Se algo aprendeu nestes anos de estalajadeiro foi que não há nada como a discrição. Considera-a como parte do seu trabalho, tal como dar de comer, oferecer um teto sob o qual se possa dormir e calor para se aquecer.

Mas esta aparente normalidade desaparece quando vê chegar um samaritano acompanhado por um judeu ferido. E não só isso: surpreende-o a extrema delicadeza com que trata o enfermo. As feridas estavam vendadas e curadas; o jumento, preparado para uma viagem de rotina, tinha acabado por levar o peso inerte de uma pessoa quase morta. O estalajadeiro entende logo o que acontecera: «O milagre de uma pessoa amável, que deixa de lado as suas ansiedades e urgências para prestar atenção, para oferecer um sorriso»^[100].

Juntos, levam o judeu para um quarto. Talvez o dono do albergue se tenha aproximado do seu peito e comprova que, efetivamente, continua a respirar. Não pode evitar soltar um suspiro de alívio. Depois de deixar o ferido na cama, desce as escadas e encontra o samaritano a contemplar, cansado, as chamas do fogo. Sente necessidade de se aproximar dele e perguntar o que tinha acontecido. É estranho, porque se algo respeita na sua profissão é a discrição. Mas é tanto o carinho que viu neste estrangeiro que não se contém. Senta-se a seu lado e, enquanto olha para o mesmo fogo, escuta com atenção o relato do samaritano.

A emoção do samaritano

Imaginamos o forasteiro contando os acontecimentos do dia embargado pela emoção, mas com toda a simplicidade. Enquanto o vento bate ligeiramente nas paredes frágeis da estalagem, aceita a bebida quente que lhe oferece o estalajadeiro para repor forças. Precisa delas, porque desde que tinha visto o ferido estendido sem forças na borda do caminho para Jericó não tinha parado. Não podia negar que, quando o viu, «se comoveu profundamente» (Lc 10, 33) e que sentiu como «um raio de compaixão que lhe chegou à alma»^[101].

Então tinha decidido deter-se sem se importar muito com os seus negócios pendentes. Converteu os seus alimentos para a viagem, um pouco de azeite e de vinho, no unguento com que curou as feridas que ainda sangravam. Depois, com um pedaço do seu manto, improvisou uma ligadura e montou o infeliz no seu jumento. Das palavras entrecortadas do ferido tinha-lhe parecido perceber que, pouco antes da sua chegada, um sacerdote que «descia pelo mesmo caminho, quando o viu, passou ao largo» (Lc 10, 31), e que do mesmo modo procedeu um levita. Quando o samaritano acabou o relato, apercebeu-se da cara de admiração do seu anfitrião. Mas os dois dão conta de que se fez tarde. Desejam um feliz descanso um ao outro e dirigem-se aos seus quartos.

As recordações do judeu

No meio do silêncio da noite, o pobre judeu parece despertar. Não sabe onde está. A única coisa que pode afirmar com certeza é que todo o corpo lhe dói e, ao mesmo tempo, sente na sua alma uma dor mais profunda que a das suas feridas e contusões. Talvez a cabeça vá rapidamente aos seus seres queridos, preocupados por não terem notícias dele. Por isso tenta levantar-se para voltar para casa, mas percebe que é impossível.

Talvez o judeu tivesse começado a rever mentalmente tudo o que lhe tinha acontecido nesta jornada. Recorda bem «os salteadores que, depois de o terem despojado, o espancaram e se retiraram, deixando-o meio morto» (Lc 10, 30). Quanto ao que aconteceu, não se lembra bem. Na sua cabeça

tem aquelas pessoas que o viram e passaram ao largo, enquanto ele, conforme podia, suplicava uma ajuda.

Uma imagem, a do samaritano, assalta-o, e entende que foi ele quem o curou e levou para esse lugar. Não sabe como exprimir a sua gratidão a esse estrangeiro. Ninguém lhe tinha dito para complicar assim a sua vida. Porém, aí estava ele. «Quando se faz apenas justiça, não é de estranhar que as pessoas se sintam feridas: a dignidade do homem, que é filho de Deus, pede muito mais do que isso. A caridade tem que ir dentro e ao lado, porque dulcifica tudo e tudo deifica: Deus é amor. Temos de atuar sempre por amor de Deus, que torna mais fácil amar o próximo e purifica e eleva os amores terrenos»^[102].

* * *

Na manhã seguinte, o samaritano, «tirou dois denários, deu-os ao estalajadeiro e disse-lhe: “Cuida dele, quanto gastares a mais, eu to pagarei quando voltar”» (Lc 10, 35). Não se tratava de um pedido habitual. Embora o samaritano lhe estivesse a pedir uma tarefa que estava relacionada com o seu trabalho profissional, ia claramente além do que se lhe podia exigir. Desde quando uma estalagem era sítio para cuidar de feridos? Além disso, o estalajadeiro devia ter outras tarefas, a sua família, planos pendentes. Mas já tinha surgido entre eles a confiança que resulta do verdadeiro carinho pelos mais necessitados. No dia anterior, o estalajadeiro tinha descoberto que todos os homens «estamos chamados a convidar outros e a encontrar-nos num «nós» mais forte do que a soma de pequenas individualidades»^[103]. O amor desinteressado do estrangeiro tinha-lhe aberto os olhos para perceber o amor e o serviço que se esconde em qualquer trabalho bem feito, também no seu, porque «cada pessoa, na sua tarefa e no lugar que ocupa na sociedade, há de sentir a obrigação de fazer um trabalho de Deus, que em toda a parte semeie a alegria e a paz do Senhor»^[104]. O teto da sua pousada era agora mais do que um mero teto, porque tinha abrigado um ferido; o suor do seu rosto, com que lutava para conseguir o sustento necessário para a família, também tinha dado conforto a um necessitado.

Neste sentido, Jesus convida-nos através da parábola do bom samaritano a transformar o hotel deste mundo globalizado num verdadeiro lar para todos os homens e mulheres; num lugar onde «o conceito de próximo fica universalizado, sem deixar todavia de ser concreto»^[105], seguindo o exemplo de Cristo que, sendo Deus, quis fazer-se homem para estar muito perto de cada um de nós. Ele próprio nos dirige as palavras com que conclui a explicação desta parábola: «Vai, e faz tu o mesmo».

Gaspar Brahm Mir

ÍNDICE

17. “No refúgio de Jesus”

Betânia era um lugar especial para Jesus. Podia descansar e falar tranquilamente com os seus amigos porque se sentia amado. Também nós podemos aproveitar esses momentos para o acompanhar e ouvir o que ele nos quer dizer.

22/03/2021



Em cada filme, há momentos em que o enredo proporciona uma pausa ao espectador. Desta forma, dá-lhe tempo para compreender o argumento, para se deleitar com a interpretação dos atores, maravilhar-se com a banda sonora, contemplar a fotografia... Podem não ser partes tão importantes como outras para o desenrolar da história, mas ajudam-no a apreciar ainda mais o filme como um todo.

Algo semelhante acontece com certos episódios do Evangelho. Jesus nem sempre se encontra a fazer discursos às multidões ou a realizar grandes milagres. Por vezes os evangelistas detêm-se mostrando como ele descansava com os apóstolos ou num dos seus lugares preferidos: Betânia. Aí, ele podia repousar porque naquele lugar sentia-se especialmente amado e talvez pudesse descansar das conversas que tinha com aqueles que distorciam as suas palavras para o acusar.«Entramos naquela casa de Betânia, um abrigo que estava continuamente aberto para Jesus; ali, o Senhor tem uma casa, como já vos disse tantas vezes, uma casa como aquela que ele deve encontrar nos nossos corações, nos nossos centros, nos nossos sacrários, porque o tratamos bem, e esforçar-nos-emos por esperá-lo e amá-lo cada dia mais. Betânia comove-me; sempre me comoveu»^[106].

Um ataque de nervos

Os Evangelhos contam-nos que aquele lugar teve o privilégio de ver um dos maiores milagres de Nosso Senhor: a ressurreição do seu amigo Lázaro quatro dias após a sua morte; é também o lugar onde Jesus foi novamente recebido quando se hospedou na casa de Simão, o leproso, seis dias antes da sua Paixão. Mas, acima de tudo, muito perto de Betânia, fica o local onde Jesus Cristo ascendeu ao céu.

S. Lucas conta-nos uma dessas estadas do Senhor em Betânia com a normalidade que caracteriza um encontro entre amigos (cf. Lc 10, 38). Jesus estava a caminho de Jerusalém, mas quando faltavam apenas três quilómetros a percorrer, decidiu fazer um desvio no seu caminho. «Jesus entrou numa certa aldeia, e uma mulher chamada Marta recebeu-o em sua casa».

É fácil imaginar a emoção de Marta quando Jesus aceitou o seu convite. Mas esta alegria deve ter sido acompanhada por um certo nervosismo. Como boa dona de casa, ela queria que a estada do Mestre fosse o mais agradável possível, por isso rapidamente se pôs a fazer todos os preparativos. Entretanto, os convidados iam entrando. Jesus e os seus companheiros cumprimentaram Maria e Lázaro e rapidamente se acomodaram. Eles já tinham andado alguns quilómetros e não viam a altura

de fazer uma pausa antes de chegarem à azáfama de Jerusalém. Betânia era sem dúvida o lugar mais indicado.

Jesus começa a falar. Não conhecemos o assunto da conversa, mas sabemos que Maria está sentada a seus pés, a ouvir as suas palavras. Ela está extasiada ouvindo a sua voz amável. Entretanto, Marta está muito ocupada no seu afã de receber o Senhor como ele merece. Seguindo o costume, quer dar a Jesus o melhor: água para os pés, óleo para ungir a cabeça... esmera-se para aprontar os diversos pratos, para que tudo esteja em ordem, à temperatura certa, para que nada falte. Esta é a sua forma de expressar o seu amor pelo Senhor. Mas o tempo que tem não é suficiente. Vê que não pode chegar a tudo, que as panelas estão a amontoar-se e que ainda há muitas coisas para preparar. Corre de um lugar para outro, mas sente a impotência de não ser capaz de fazer tudo o que é necessário. Fica cada vez mais angustiada. Enquanto continua a trabalhar, vai pensando para si própria, interiormente. Aflige-se por não chegar a tudo e, num cálculo fácil, chega à conclusão que, se a sua irmã a ajudasse, tudo mudaria. Marta tem na sua mente o que ainda falta fazer. Maria, por seu lado, está alheia a essas tarefas. À preocupação, Marta acrescenta a indignação de ver a passividade da sua irmã. Ela vê cada vez mais claramente que a solução para os seus problemas reside na ajuda de Maria.

E chega o momento em que Marta não aguenta mais e irrompe no meio da conversa dirigindo-se diretamente ao Mestre: «Senhor, não te importas que a minha irmã me deixe sozinha com todo o trabalho? Diz-lhe, então, que me ajude». Marta é uma mulher de carácter determinado e nobre. Ela manifesta os seus sentimentos claramente, sem rodeios. Noutra ocasião, ela não terá dúvidas em censurar o Senhor pela sua ausência: «Senhor, se tivesses estado aqui, o meu irmão não teria morrido» (Jo 11, 21). E agora ela não se importa de interromper e expressar ao Senhor o seu desagrado em frente de todos.

Marta poderia ter escondido a sua perturbação, o seu mal-estar; poderia ter-se aproximado discretamente da sua irmã, tentando que ninguém reparasse, e ter pedido a sua ajuda. Em vez disso, optou por se dirigir ao Mestre e sente-se «mesmo no direito de criticar Jesus»^[107] Em todo o caso, o seu pedido parece muito razoável. Qualquer um de nós o teria feito.

Talvez pudesse ter parecido aos espectadores uma intromissão inoportuna, um apelo a coisas de menor importância quando falavam de assuntos muito mais profundos. Mas para todos eles parecia ser uma reivindicação muito justa e possivelmente mais do que um deles se perguntou o que é que Maria estava a fazer ali parada sem ajudar a sua irmã.

Uma repreensão cheia de afeto

Ao pedido inquieto de Marta, a voz calma de Jesus Cristo respondeu: "Marta, Marta, preocupas-te e inquietas-te com muitas coisas. Mas apenas uma coisa é necessária: Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada". O Evangelho registou esta forma muito amável de responder, do Senhor. Quando alguém pronuncia numa conversa o nome do seu interlocutor está a dar um acento de especial confiança. Neste caso Jesus fê-lo duas vezes, o que indica o afeto que ele tinha por ela. O tom da sua voz foi uma crítica afetuosa, de um apelo para que ela reparasse em algo que tinha ignorado.

Porque Marta aceita esta repreensão se era ela que estava a servir os seus convidados? «Porque considerava essencial – explica o Papa Francisco – apenas o que estava a fazer, isto é, estava demasiado absorvida e preocupada com as coisas que precisavam de ser feitas". Num cristão, as obras de serviço e de caridade nunca estão separadas da fonte principal de todas as nossas ações: isto é, ouvir a Palavra do Senhor, estar – como Maria – aos pés de Jesus, com a atitude de um discípulo»^[108]. Jesus compreendia o problema de Marta. E por isso não lhe pediu que mudasse externamente, que deixasse tudo o que tinha entre mãos e se sentasse a escutar. Como poderiam os restantes companheiros ter comido e descansado da viagem? A mudança que lhe pediu foi principalmente interna, convidou-a a viver as suas tarefas com uma atitude diferente. Marta estava a fazer muitas coisas, mas tinha esquecido o mais importante: Jesus estava em sua casa e ela... ela não estava a ouvir as suas palavras!

O relato do evangelista termina aqui. Mas podemos imaginar como a cena continuou. Talvez Maria, sentindo-se apoiada pelo que Jesus tinha dito, continuasse sentada aos seus pés. O mais provável é que Marta continuasse a servir, mas com uma atitude diferente. Ela trabalharia sem

perder uma única palavra que viesse dos lábios do seu Mestre. Ela não esqueceria quem tinha a seu lado e para quem trabalhava. Tinha aprendido o verdadeiro significado das suas tarefas: «A pessoa humana deve trabalhar, sim; dedicar-se a ocupações domésticas e profissionais; mas acima de tudo precisa de Deus, que é a luz interior de amor e de verdade. Sem amor, mesmo as atividades mais importantes perdem valor e não dão alegria. Sem um significado profundo, toda a nossa ação se reduz a um ativismo estéril e desordenado. E quem nos dá o amor e a verdade se não Jesus Cristo?»^[109]. Essa mudança de atitude que Jesus pediu a Marta - e a cada um de nós - só é possível através do amor. Não é um simples esforço para ter mais atenção ou cuidado nas tarefas diárias: é trabalhar sentindo-se olhados pelo Senhor. Deste modo, o trabalho converte-se num ato de amor constante, um contínuo "amo-te" que vai para além do que podemos repetir com os nossos lábios ou com os nossos pensamentos. «As palavras são supérfluas, porque a língua é incapaz de se exprimir; o entendimento aquieta-se. Não se fala, contempla-se! E a alma começa a cantar novamente com um cântico novo, porque sente e sabe que também é olhada amorosamente por Deus, em todos os momentos»^[110].

Eduardo Baura

Fotografia: Thimoty Eberly
(Unplash)

ÍNDICE

18. “Abrçar a condição de filhos”

A parábola do filho pródigo. Jesus explica a força do amor divino usando uma imagem com um início surpreendente: dois filhos que desprezam o pai. Um, afastando-se dele e quebrando todos os vínculos de família; o outro, vivendo junto dele, mas com o coração na recompensa. Só quando começarem a redescobrir a sua verdade mais íntima, ficarão dispostos a acolher a felicidade que procuram.

13/04/2023



Os fariseus e os escribas estavam a murmurar entre eles. Começaram a fazê-lo quando Jesus tinha acolhido um publicano que queria falar com Ele. A primeira vez que viram algo assim devem ter pensado que, como Jesus não era daquela zona, podia não saber com quem se estava a encontrar; mas quando, depois de lho terem feito notar, foi almoçar a casa de outro pecador público, é fácil concluir que já não lhes ficou nenhuma dúvida: «Este não

pode ser um profeta, por muito que digam as pessoas». Por isso O criticavam: não entendiam que passasse tempo com essas pessoas. Como resposta, Jesus contou-lhes três parábolas para compreenderem como é realmente o amor de Deus.

Primeiro contou a do pastor que abandona o rebanho todo para recuperar a sua ovelha perdida (cf. Lc 15, 4-7). Seguidamente, a daquela mulher que revolve e varre a casa toda até encontrar a dracma desaparecida (cf. Lc 15, 8-10). E, por último, detém-se num relato mais longo e detalhado: a história de um pai que é rejeitado pelos filhos (cf. Lc 15, 11-32).

Uma vida que não é vida

«Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: “Pai, dá-me a parte dos bens que me cabe”. E o pai repartiu entre eles os bens» (Lc 15, 11-12). O filho mais novo reclama como um direito algo que ainda não lhe pertence. Não pretende esperar para receber o que no futuro será seu, e exige a herança imediatamente. Sem pôr qualquer objeção, o pai «repartiu os bens» (Lc 15, 12), o fruto do seu trabalho. E talvez o tenha feito porque os filhos tinham sido o motivo dos seus esforços, a razão pela qual tinha criado uma riqueza suficientemente grande para ter criados e campos em abundância.

«Passados poucos dias, o filho mais novo, juntando tudo o que era seu, partiu para uma terra distante» (Lc 15, 13). «É provável que fosse distante geograficamente, porque deseja uma mudança, mas também interiormente, porque quer uma vida totalmente diversa.

Agora a sua ideia é: liberdade, fazer tudo o que quero, ignorar estas normas de um Deus que está distante, não permanecer na prisão desta disciplina da casa, fazer tudo o que é bonito, aquilo que me agrada, levar a vida com toda a sua beleza e a sua plenitude»^[111].

Longe de casa, durante algum tempo talvez se sentisse “feliz” esbanjando «a sua fortuna vivendo dissolutamente» (Lc 15, 13). Finalmente tinha aquilo que tinha desejado durante muito tempo. Mas, depois, voltou a

experimentar uma sensação de saudade e aborrecimento como a que o tinha levado a deixar a casa do pai, mas desta vez muito maior. «Faz-se cada vez mais vivo o sentimento de que esta ainda não é a vida, ao contrário, continuando com todas estas coisas, a vida afasta-se cada vez mais. Tudo se torna vazio: também agora se repropõe a escravidão de fazer as mesmas atividades»^[112].

Aquele filho tinha posto como fundamento de toda a sua felicidade na área do dinheiro e dos prazeres. Por isso, quanto lhe acabou o património e chegou uma grande fome àquela região, «começou a passar necessidade» (Lc 15, 14). Assim tão rápida foi a transição da euforia para a amargura. Tão desesperado estava, que foi tomar conta de porcos e «desejava saciar-se com as alfarrobas que eles comiam» (Lc 15, 16). Foi nesse momento que se deu conta de que o seu nível de vida estava até abaixo do daqueles animais. «Tendo entrado em si, disse: “Quantos jornaleiros há em casa de meu pai que têm pão em abundância e eu aqui morro de fome!”» (Lc 15, 17).

Como se vê, ao filho mais novo, o que o move é o estômago. Não se detém a pensar na afronta que fez ao pai ao reclamar a herança antes da sua morte. Também não considera as consequências que o seu pecado teve para os outros: a dor causada à família, a indignação suscitada em tantos conhecidos, o mau exemplo que deu e o escândalo que provocou... Ou para si próprio: como chegou a estar na situação em que se encontra, quais foram os seus erros.... Somente se recorda do pão que comia em casa. E provavelmente lhe viriam à memória tantas recordações da sua casa: momentos da infância, o carinho do pai, as conversas com o irmão, a satisfação do dever cumprido depois de um dia de trabalho... Por isso toma uma resolução: «Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e dir-lhe-ei: “Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros”» (Lc 15, 18-19).

O anseio do pai

O pai não tinha voltado a ser o que era. Desde que o filho mais novo tinha abandonado o lar, certamente parecia triste e magoado; quem sabe o que lhe passaria pela cabeça e pelo coração. É muito provável que se perguntasse muitas vezes: «Que será feito dele? Onde estará agora? Estará

bem?». Não o preocupava tanto a afronta que lhe tinha feito e que tivesse infringido um dos mandamentos da lei: «Honrarás pai e mãe». Devia provocar-lhe dor pensar no dano que o seu filho se tinha causado e estaria a sofrer, as consequências que as ações do rapaz teriam na sua vida. Porque, ao fim e ao cabo, este era o verdadeiro drama daquela situação: o mal que se estava a fazer a si próprio.

Todos os dias subia ao terraço na esperança de ver o filho a regressar pelo caminho. Assim passaram os meses até que, a certa altura, viu ao longe uma pessoa que se aproximava da sua propriedade. Embora, devido à distância, parecesse impossível perceber quem era, o pai não duvidou: era ele. «E correndo ao seu encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos» (Lc 15, 20).

O pai desejava este momento do mais profundo do seu coração. Por isso foi incapaz de se conter. Quando o filho começa o discurso que tinha preparado para obter o perdão do pai – «Pai, pequei contra o céu e contra ti» –, parece que ele nem sequer o ouve. Não lhe interessam as palavras calculadas. A única coisa que deseja é festejar à grande este momento: «Trazei depressa o vestido mais precioso e vesti-lho, metei-lhe um anel no dedo e as sandálias nos pés. Trazei também o vitelo gordo e matai-o, vamos festejar com um banquete» (Lc 15, 22-23). Não quer que o filho viva amargurado ao recordar os pecados passados. Daí que lhe ofereça uma receção calorosa e confortável. «O pai podia dizer: muito bem, filho, volta para casa, volta para o trabalho, volta para o teu quarto, instala-te e vai trabalhar! E isso teria sido um bom perdão. Mas não! Deus não sabe perdoar sem festejar! E o pai festeja, alegra-se porque o filho regressou»^[113].

O filho sente-se comovido perante tal manifestação de amor. Apesar de se saber indigno de ser considerado e tratado como filho, nunca tinha deixado de reconhecer o pai como tal. Ao começar o discurso que tinha preparado – «já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros» –, não pode evitar começar a chamar aquele que tinha diante como quem realmente é: «Pai!» Nesse momento, deu-se conta de que, embora a fome o tivesse levado a mexer-se, era outro o motivo

profundo que o tinha levado a voltar para casa: o seu pai sempre era pai, por muito que ele não fosse digno de ser chamado filho.

Perante o abraço paterno, começa a desfazer-se a máscara de autossuficiência e independência que tinha posto ao deixar o lar. Reconhece que a felicidade de estar junto do pai é muito mais profunda que a que conseguiu obter de outros prazeres. E também é mais segura, porque nem sequer os seus pecados o impediram de a reconquistar: «Sim, tens razão: que profundidade, a da tua miséria! Por ti, onde estarias agora, até onde terias chegado?... “Somente um Amor cheio de misericórdia pode continuar a amar-me”, reconhecias. – Consola-te: Ele não te negará nem o seu Amor nem a sua Misericórdia, se O procurares»^[114].

Com o coração na recompensa

Alheio a este encontro, o filho mais velho passou, como sempre, o dia no campo. Desde que o irmão mais novo tinha ido embora, teve de trabalhar mais e assumir para si mais responsabilidades do que costumava ter. Os dias passam entre os trabalhos na quinta e as responsabilidades da casa. Muitas vezes, especialmente quando os dias são mais intensos e absorventes, não pode evitar que a imaginação voe para onde quer que esteja o seu irmão mais novo.

Talvez já tenha decidido há tempo esquecê-lo e é possível que até se aborreça quando o pai faz a mínima alusão a esse filho, reprovando-lhe que se atreva a continuar a recordar semelhante ingrato. Vê a tristeza nos olhos do pai, mas não está disposto a dedicar nem um segundo a quem, segundo ele, é a fonte dos desgostos em casa. Quem sabe se, apesar dos seus esforços para não pensar nele, muitas vezes não estará a imaginar como seria a sua vida se tivesse tomado a decisão de partir. Por vezes, sente-se culpado por desejar abandonar a casa paterna porque não devia fazê-lo: tem de cumprir as expectativas que agora recaem só sobre ele, o único filho. Podemos imaginar que andava imerso nesses pensamentos ao regressar a casa quando, ao aproximar-se, ouviu a música e o canto. Ficou surpreendido e chamou um dos criados para averiguar o se passava. «Teu irmão voltou e teu pai mandou matar o vitelo gordo, porque o recuperou com saúde» (Lc 15, 27).

Não acreditou no que estava a acontecer. Como podia voltar aquele que tinha causado tanta dor à família? E ainda por cima fazem-lhe uma festa! Recusava-se a participar em semelhante loucura. E quando o pai tentou convencê-lo a entrar, o filho indignou-se: «Há tantos anos que te sirvo e nunca transgredi nenhuma ordem tua» (Lc 15, 29). Tudo o que durante muito tempo tinha calado irrompeu da sua alma. Não pode chamar pai àquele homem porque não o reconhece como tal. Ele, que sempre obedeceu para poder ser digno de ser chamado filho de seu pai, para poder viver na fazenda familiar como filho do dono, não recebeu nada em troca da sua obediência: «Nunca me deste nem um cabrito para me banquetear com os meus amigos» (Lc 15, 29).

O filho mais velho vivia numa lógica diferente da do pai. Tinha-se portado bem e, portanto, merecia um prémio; pelo contrário, o irmão, que tinha agido mal – «devorou os teus bens com meretrizes» (Lc 15, 30) –, merecia um castigo, e não uma festa. No fundo, o seu coração não desfrutava do lar paterno: a sua única esperança estava posta na recompensa que iria obter. Por pensar em si próprio, nem sequer foi capaz de dar valor ao arrependimento profundo que estava na atitude do irmão.

A liberdade da casa

O pai ouve com crescente tristeza os amargos protestos do filho mais velho. Presta atenção a cada uma das suas recriminações. Dói-lhe que o seu amado filho entenda a sua relação com ele só em termos legais de estrita obediência e retribuição; que não veja o tempo passado em casa como fonte de alegria. Este «pode ser também o nosso problema, o nosso problema, entre nós e com Deus: perder de vista que Ele é Pai e viver uma religião distante, feita de proibições e deveres»^[115].

De qualquer modo, o pai decide não recriminar a sua perspetiva, nem criticar a sua visão legalista. Também não desvaloriza a sua dedicação e entrega, a sua fidelidade inegável e constante. Não lhe diz: «Não esperava menos de ti», nem «É o que tinhas que fazer». Pelo contrário, o que lhe propõe é um modo novo de ver a sua presença na casa paterna e de entender o que realmente vale a pena: «Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é

meu é teu» (Lc 15, 31). Viver com liberdade na casa do pai, desfrutar da sua condição de filho é muito mais do que qualquer vitelo gordo.

«Não é emancipando-nos da casa do Pai que somos livres, mas abraçando a nossa condição de filhos»^[116]. O filho mais velho, ao desejar a vida do irmão e menosprezar a sua própria fidelidade, desconhece a sua verdade mais íntima^[117]. Encontra-se, definitivamente, em conflito consigo próprio. «Por isso, como é libertador saber que Deus nos ama; como é libertador o perdão de Deus, que nos permite voltar para nós mesmos e para a nossa verdadeira casa. Enfim, ao perdoarmos aos outros, experimentamos também essa libertação»^[118].

* * *

Jesus conclui abruptamente a parábola. Os fariseus e os escribas olham-n’O intrigados, curiosos por saber como terminará esta história. Muitos aperceberam-se das coincidências entre as três parábolas: enquanto a ovelha e o filho mais novo se perdem longe do rebanho e do lar, a dracma e o filho mais velho, mesmo estando em casa, também estão perdidos. E Deus atua como o pastor, como a mulher, como o pai.

Alguns ouvintes percebem por que razão o Senhor não conta as reações dos filhos. Que fez o filho mais novo quando se viu vencido pela bondade do Pai? O filho mais velho teria entrada na festa ou afastado de casa? Os publicanos e pecadores já tinham respondido. Agora toca aos fariseus e escribas aceitar ou recusar o convite de Jesus.

Jaime Moya

ÍNDICE

19. Para além do enredo”

Parábolas como a do fariseu e do publicano surpreender-nos-ão ainda mais se soubermos mergulhar nas palavras de Jesus.

30/04/2021



Como no bom cinema, a riqueza das passagens evangélicas vai além do *enredo principal*. Existem outros *sub-enredos*, com significados profundos, que respondem a uma ampla variedade de circunstâncias e leitores. E muitas vezes o guião apresentará um resultado que deixará o *espetador* confuso.

A parábola do fariseu e do publicano (cf. Lc 18, 9-14) tem um enredo bem definido. S. Lucas expõe a sua interpretação de antemão: refere-se a «alguns que confiavam em si mesmos considerando-se justos e desprezando os outros». Ao princípio, pode-se pensar: “Este episódio não é para mim

porque os meus problemas agora são outros”. Mas o texto não oferece outros significados? Que surpresas trará a história? Somente se mergulharmos nas palavras de Jesus, descobriremos aqueles *enredos secundários* que ajudarão a guiar as nossas vidas.

Surpresas do Evangelho

As parábolas de Jesus são muito dadas a surpresas. Sempre há algo fora do comum nas histórias que conta. Muitas vezes os protagonistas e as ações desconcertam-nos: um patrão que fixa o salário sem proporção com o trabalho realizado, um servidor com uma dívida própria de uma multinacional, um pai que organiza uma festa para acolher um filho sem exigir justa reparação, um juiz e administrador corrupto... Mas não é o caso da parábola do fariseu e do publicano. Nesta, os protagonistas são bastante *normais*, conhecidos pelos ouvintes da época e por nós: um vive dedicado à causa de Deus e o outro é considerado traidor por arrecadar impostos para os estrangeiros. O enredo, portanto, não apresenta muitas surpresas à primeira vista.

Mas onde encontramos um elemento que quebra os nossos esquemas é na perspectiva. Jesus dá-nos uma abordagem insólita: torna-nos testemunhas do diálogo de duas pessoas com Deus, permite-nos entrar onde só o próprio Senhor e o interessado têm acesso. Numa situação normal, poderíamos julgar as ações visíveis, mas não as intenções, uma vez que elas não estão ao nosso alcance. É por isso que sempre podemos salvar a intenção de quem atua, porque para nós ela normalmente ficará oculta: «Enquanto interpretares com má fé as intenções alheias, não tens direito a exigir compreensão para ti mesmo»^[119].

Pelo contrário, nesta parábola que Jesus constrói é-nos permitido nada mais nada menos do que contemplar a competência divina para julgar. O nosso olhar não é apenas externo, mas ouvimos a oração de um e de outro.

A oração do fariseu é de ação de graças. Desde o início, não presume diante de Deus, mas agradece-Lhe, supondo que é o apoio divino que lhe permitiu comportar-se como se comportou: «Ó Deus, dou-Te graças porque não sou como os outros homens» (Lc 18, 11). Se atribui a Deus não ter

cometido furtos, injustiças ou adultérios de que tenha conhecimento, também dá a entender que sem a ajuda divina poderia ter caído em tudo isso. E certamente não é como um publicano, nem no trabalho, nem à luz dos seus concidadãos, nem no seu compromisso religioso. Quanto a este último, inclusivamente excede-se, pois descreve práticas religiosas que vão para além do prescrito para o israelita piedoso.

O publicano, por sua vez, limita-se: «Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador» (Lc 18, 13). É como um resumo que representa um verdadeiro arrependimento. A descrição dos seus gestos corporais –«batia no peito» (Lc 18, 13)– exprime que está sinceramente magoado por aquilo que não fez bem.

Uma não justificação insólita

Agora que fomos testemunhas duma oração e doutra, estamos em posição de fazer o nosso juízo. Mas, antes que possamos fazê-lo, Jesus adianta-Se e mostra-nos a segunda surpresa.

Primeiro, afirma que o publicano «desceu justificado para sua casa» (Lc 18, 14). Parece-nos bem e lógico. Bem, porque queremos apoiar o desejo divino: «Porventura me hei de comprazer com a morte do pecador –oráculo do Senhor Deus– e não com o facto de ele se converter e viver?» (Ez 18, 23). Lógico, porque a infinita misericórdia de Deus não espera mais do que o arrependimento sincero para operar essa maravilha da justificação.

Ora, o que quebraria os moldes dos ouvintes da época seria «aquele não» (Lc 18, 14), ou seja, a afirmação contundente de que o fariseu não desceu justificado para sua casa. A multidão, perplexa, começava a perguntar: O esforço do fariseu para cumprir com excesso os seus deveres para com Deus não conta para nada? Devemos entender que o que une a Deus é o pecado? O fariseu não pode ser perdoado por roubos que não cometeu. O que deveria ter dito? Qual é o problema?

Uma possível resposta a esta pergunta pode ser dada pela introdução de S. Lucas a esta parábola: é uma história sobre pessoas que desprezam os outros, considerando-se justas. Desconsiderar os outros é obviamente

errado. E facilmente se chega a essa situação por comparação. Pode parecer lógico que o fariseu se sinta em vantagem ao comparar-se com um pecador público. O problema não está nesse sentimento, mas na própria comparação. O fariseu define a sua vida em comparação com os "outros homens" e, aproveitando as circunstâncias, com o publicano que tem ao lado. Neste processo existe um erro de fundamento. O valor de uma vida é o que ela tem aos olhos de Deus e todas as comparações do mundo não são capazes de emular nem de longe o alcance do olhar divino. Por isso, evitar comparações é um conselho espiritual comum. Além disso, ao desprezar o publicano que está diante dele, está a descuidar o mandamento mais importante: amar a Deus e ao próximo.

A comparação serve como recurso para acalmar a consciência. Não porque revele motivos para estar serenos, mas porque esconde a luz que revelaria o que precisa ser redimido. Como explica S. Josemaria:

«O pecado dos fariseus não consistia em não verem Deus em Cristo, mas em encerrarem-se voluntariamente em si mesmos, em não tolerarem que Jesus, que é luz, lhes abrisse os olhos. Este ensimesmamento tem resultados imediatos na vida de relação com os nossos semelhantes. O fariseu que, por se considerar a si próprio como luz, não deixa que Deus lhe abra os olhos é o mesmo que trata soberba e injustamente o próximo: – “graças te dou, ó Deus, porque não sou como os outros homens: ladrões, injustos, adúlteros, nem como este publicano”»^[120].

Dessa forma, o fariseu não consegue definir por que precisará da misericórdia de Deus. E o problema não é pequeno, porque só a misericórdia de Deus nos pode conduzir à meta nos pode salvar e não as nossas próprias forças sozinhas.

A questão suscitada pela rejeição da oração do fariseu é suscitada também pelas conhecidas palavras de Jesus: «Não vim chamar justos, mas os pecadores» (Mt 9, 13). Mas alguém pode perguntar-se: e os justos? É preciso procurar positivamente pelo pecado para que Jesus o chame? Nada disso. Não só seria absurdo, mas perverteria a lógica do que o Senhor pretende. O pecado nunca é desejável, mas: «Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós» (1Jo 1, 8). E o mais importante não é o pecado em abstrato, mas o meu em

particular. Quer dizer, ou descubro a *minha indignação*, ou não me abrirei à misericórdia de Deus, que é a única que me pode salvar.

Desse ponto de vista, a vantagem que o publicano possui não é o pecado, mas o clamor geral do ambiente que o faz lembrar que ele é um pecador. A sua indignação é óbvia, pública, proclamada. O seu único recurso é «Ó Deus, tem compaixão de mim». O publicano apresenta-nos assim o caminho a seguir:

«Age com humildade, só está seguro de ser um pecador necessitado de piedade. Se o fariseu nada pedia porque já possuía tudo, o publicano só pode implorar a misericórdia de Deus. E isto é bonito: suplicar a misericórdia de Deus! Apresentando-se «de mãos vazias», com o coração despojado e reconhecendo-se pecador, o publicano mostra a todos nós a condição necessária para receber o perdão do Senhor. No final é precisamente ele, tão desprezado, que se torna um ícone do autêntico crente»^[121]

Um resultado inesperado

E finalmente, quando se quer tirar consequências de tudo isso, vem a *reviravolta* do *guião*, a surpresa final: o fariseu olha para o publicano e o despreza e eu percebo que estou a desprezar o fariseu por desprezar o publicano! Descubro, para minha surpresa, que a referência aos «que confiaram em si próprios, considerando-se justos e desprezando os outros» não visa apenas alguns indivíduos maus que estão por aí, mas sim a sua função é pôr de sobreaviso perante uma ameaça específica e contínua para aqueles que querem ficar da parte de Deus.

Aquele que habitualmente lê o Evangelho em princípio está vitalmente mais próximo do fariseu do que do publicano. Muito provavelmente, não é um criminoso, não comete ultrajes, não leva um estilo de vida desonesto ou contrário ao ideal cristão. Por isso é muito interessante lembrar que Jesus não enfrenta os fariseus porque os odeia, mas porque os ama. O amor infinito e concreto de Deus manifestado em Jesus Cristo não veio à terra para denunciar os malfeitores por despeito. Veio para nos revelar a altura e a profundidade de um Amor de que temos necessidade imperiosa. E às

vezes uma repreensão pode ser um bom instrumento para abrir os nossos olhos, para reconhecer que somos necessitados diante de Deus.

Não há razão para pensar que o fariseu seja mau, perverso e negador das suas misérias. É que simplesmente não as vê! E ao contemplarmos esta história que Jesus nos conta, surge a necessidade urgente de sermos humildes e pedirmos ao Senhor que nos faça ver as nossas misérias.

Carlos Jódar

Foto: Ben White
(Unsplash)

ÍNDICE

20. “Entrar na Vida”

O encontro de Jesus com o jovem rico. No Evangelho têm lugar acontecimentos que desconcertam. Aparecem pessoas com histórias que não são absolutamente perfeitas, mas que acabam com um travo de amargura. Um deles é o jovem rico. No entanto, é precisamente através da tristeza do relato que Deus consegue oferecer motivos para a esperança.

18/05/2023



A vida não é um filme. Não há um realizador que diga aos atores o que têm de fazer ou que altere o enredo para o ajustar ao final desejado. Deus quer que sejamos protagonistas do nosso filme.

Certamente que O andava a seguir há vários dias, observando em silêncio. Mas desta vez já não aguentou. Viu tantas coisas em tão pouco

tempo que o seu coração não conseguiu reprimir mais o desejo de se aproximar, de conseguir comprovar aquilo que desde há tempo começava a intuir.

Jesus tinha voltado a ir da Galileia até à Judeia, do outro lado do Jordão. E tal como era o seu costume, pôs-se a ensinar a multidão e a curar os doentes que se aproximavam. Muitas pessoas também começaram a trazer algumas crianças para as abençoar.

Talvez tenha sido este esbanjamento de carinho a gota que encheu o vaso da nossa personagem. Nunca tinha visto tanta coerência entre palavras e obras, tanto amor pregado e praticado. Tinha de falar com Ele, mas as oportunidades estavam a acabar porque não sabia se alguma outra vez o teria tão próximo. Deste modo, quando viu que Jesus «se punha a caminho, correu para Ele e ajoelhou-se» (Mc 10, 17).

À procura de uma resposta

Era um jovem distinto, que era rico. Pelas suas palavras e atitudes podemos intuir, além disso, que estava à procura do amor que desse sentido a tudo o que fazia. Não é usual que alguém rico e distinto se ajoelhe diante de outra pessoa. Mas a sede existencial que o consumia era tão ardente, que se importava muito pouco com os modos ou com aquilo que os outros pudessem pensar dele. Precisava de uma resposta satisfatória à pergunta da sua vida: «Bom Mestre, que hei de fazer para alcançar a vida eterna?» (Lc 18, 18). Ardia em desejos de encontrar o verdadeiramente bom. Soube dar o primeiro passo: ajoelhar-se diante de Deus. «Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem Tu enviaste» (Jo 17, 3).

É provável que a multidão ali presente tivesse ficado surpreendida ao contemplar a cena. Estariam expectantes por ver a reação de Jesus diante desse semelhante gesto de humildade. A primeira resposta do Senhor não coloca a ênfase no que faz o homem, mas no que faz o seu Pai: «Porque que me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus» (Lc 18, 19). É precisamente a bondade de Deus, não a do ser humano, que abre as portas. É a graça divina que transforma e permite habitar na sua casa. Mas viver na casa do

Pai requer, logicamente, abraçar as regras da casa: «Se queres entrar na vida eterna, cumpre os mandamentos» (Mt 19, 17).

A resposta de Jesus não foi uma descoberta, mas uma lembrança: «Tu sabes os mandamentos» (Lc 18, 20). Ao nosso desejo de procurar respostas originais, responde indicando-nos o caminho que já sabemos. É como se o Senhor nos indicasse: «O que disse antes é o que digo agora». Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e pelos séculos (cf. Heb 13, 8). Às vezes, podemos pensar que é preciso realizar algo extraordinário para encontrar a felicidade. No entanto, o Senhor mostra-nos que a plenitude se encontra de uma forma mais simples do que pensamos. «E tu estavas dentro de mim e eu fora e assim eu te procurava fora (...). Tu estavas comigo, mas eu não estava contigo»^[122].

Mas o jovem não ficou satisfeito. Jesus tinha-lhe dito algo que já sabia, mas ele precisava de mais: «Tudo isso tenho cumprido desde a minha juventude» (Lc 18, 21). Tinha uma forte familiaridade com as coisas de Deus, mas continuava inquieto. Talvez fosse essa proximidade que o fazia procurar a resposta definitiva, porque quem bebe da verdadeira fonte sempre quererá mais. «És como um mar profundo no qual quanto mais procuro, mais encontro, e quanto mais encontro, mais te procuro»^[123].

E então «Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele» (Mc 10, 21). O seu coração ardia por tornar sua essa alma. Reconheceu o seu desejo de plenitude e a inquietação que o tinha levado a ajoelhar-se diante de si. Não era um olhar qualquer: era um olhar do enamorado disposto a dar a própria vida por outra pessoa. Por isso os olhos de Jesus mudariam a existência desse jovem para sempre, porque soube ser amado infinitamente.

Finalmente, o Senhor decide-se a oferecer ao rapaz a resposta que poderia satisfazer os seus desejos de eternidade. «Falta-te apenas uma coisa: vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me» (Mc 10, 21). Trata-se de uma mudança radical de perspetiva. Não é uma questão de pensar em como merecer a eternidade, mas de imitar o Senhor vivendo sem ataduras na terra. «É a chamada a uma maior maturidade, a passar dos preceitos observados para obter recompensas para o amor gratuito e total. Jesus pede-lhe que deixe

tudo o que perturba o coração e bloqueia o amor. O que Jesus propõe não é tanto um homem despojado de tudo mas um homem livre e rico em relações. Se o coração está cheio de posses, o Senhor e o próximo convertem-se numa só coisa entre outras. O nosso ter e querer demasiado sufocam o nosso coração e tornam-nos infelizes e incapazes de amar»^[124].

A vertigem de voar

As palavras de Jesus ressoaram como um trovão no meio do coração do jovem. Era como se no seu interior o sol estivesse a aparecer e de repente surgisse a mais escura das noites. A sua vontade e a sua inteligência, desejosas de encontrar o sentido da existência, tinham ficado confusas. O seu espírito, derrotado.

Até esse momento tudo corria bem. Mas quando Deus lhe pediu o coração e, com ele, tudo o que levava dentro, não soube que dizer. Fez-se silêncio. Jesus continuaria a olhá-lo com carinho à espera de uma resposta. O jovem olhou para dentro desses olhos e viu ali tudo o que desejava: um futuro cheio de paz, de felicidade, de eternidade. Dentro desse olhar deu-se conta do quanto podia voar para longe, mas também sentiu com toda a força a vertigem de quem se eleva: adeus à terra firme, às seguranças. Em conclusão, tudo aquilo que lhe dava um certo bem-estar, mas que ao mesmo tempo o prendia. Em última instância, tudo aquilo não podia satisfazer os seus desejos de plenitude. Por isso Jesus convidou-o a soltar essas correntes, mas ele preferiu a segurança da cela.

Os olhos começaram a encher-se de lágrimas. O Mestre não acrescentou mais nada: simplesmente estendeu-lhe a mão para que se levantasse e fosse com Ele. Não lhe explicou para onde nem por quanto tempo. Só lhe disse «segue-Me». Pediu-lhe que confiasse n'Ele, que entendesse que isso é o mais importante.

O jovem não se tinha importado que os outros o vissem de joelhos, porque antes só tinha olhos para Jesus. Mas agora estava a começar a encher-se de vergonha. Baixou a cabeça, porque não queria assumir o que aquele olhar amoroso lhe propunha, e levantou-se do chão com tristeza. Não quis dar a mão a Jesus, porque tinha medo de que isso lhe exigisse

largar outras coisas. Olhou de lado uma última vez para o Mestre e, nesse último cruzar de olhares, notou, da parte de Jesus, uma confiança nele todavia incondicional; ele, por seu lado, já tinha tomado uma decisão. Deu a volta e «retirou-se pesaroso, pois tinha muitos bens» (Mc 10, 22).

Não quis voltar a cabeça. Se o tivesse feito, ter-se-ia dado conta de que Jesus o olhava até ao último instante, até ao momento em que o caminho virava e se perdia da sua vista. Como acontece em muitos filmes, o espectador conserva a esperança de que voltará a correr, de que abraçará Jesus, de que se dará conta de que «o que é preciso para conseguir a felicidade não é uma vida cómoda, mas um coração enamorado»^[125]. Mas não, não volta.

A promessa do Senhor

Enquanto Jesus o via a ir-se embora, os que presenciaram a cena ficaram em silêncio. Os apóstolos, que tinham escutado esse mesmo «segue-Me», perceberam com particular intensidade a dor que transparecia do rosto do Mestre. Então alegraram-se de ter deixado Jesus entrar nas suas vidas, de Lhe terem dito que sim. E também eram testemunhos da alegria que O embargava pela presença contínua dos Doze e das santas mulheres.

Finalmente, quando a figura do jovem rico, cabisbaixo e com o passo doloroso, se perdeu no horizonte, Jesus suspirou e disse: «Como é difícil para os que têm riquezas entrar no Reino de Deus!» (Lc 18, 24). O Senhor não tem nada contra os ricos; o seu lamento dirige-se pelo contrário aos que acreditam que só a abundância de bens pode dar a autêntica felicidade. «A verdadeira pobreza não consiste em não ter, mas em estar desprendido, em renunciar voluntariamente ao domínio sobre as coisas. Por isso há pobres que são realmente ricos. E vice-versa»^[126].

Pedro não conseguiu evitar intervir. Certamente, os apóstolos não tinham presenciado até esse momento um não tão rotundo à chamada de Jesus. De facto, tinham visto o contrário: pessoas que Lhe tinham manifestado o desejo de O seguir e que o Senhor tinha convidado para permanecer na sua casa (cf. Mc 5, 19). Por isso, notando o contraste entre o que o jovem tinha feito e o que eles próprios tinham decidido, Pedro quis

saber qual era a diferença entre dizer que sim e dizer que não: «Nós deixámos tudo e seguimos-Te. Qual será a nossa recompensa?» (Mt 19, 27).

Então, Jesus deu uma resposta que moveu corações ao longo de todos os séculos. Umas palavras que consolaram os discípulos, que foram o motor das loucuras de amor dos santos. Uma promessa como a que Javé fez a Abraão, a quem também pediu para abandonar tudo, inclusive o seu próprio filho: «Todo aquele que tiver deixado casa, irmãos ou irmãs, pai, mãe ou filhos ou campos, por causa do meu nome, receberá cem vez mais e terá por herança a vida eterna» (Mt 19, 29).

A vida eterna. Precisamente o que o jovem rico procurava. Em última instância, é aquilo a que todos aspiramos. Mas Jesus vai mais além: nunca ninguém poderá ter sonhos maiores do que os de Deus. As nossas aspirações e anseios mais elevados são pequenos em relação ao que o Senhor nos quer dar. Assim como Salomão pediu sabedoria e isso lhe foi concedido e também tudo aquilo a que renunciou (cf. 1Rs 3, 1-15), os que seguem Jesus recebem tudo a que aspiram e muito mais do que isso. «Quem deixa entrar Cristo não perde nada, nada – absolutamente nada – do que torna a vida livre, bela e grande. Não! Só com esta amizade se abrem as portas da vida. Só com esta amizade se abrem realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só com esta amizade experimentamos o que é belo e o que nos liberta. (...) Abri de par em par as portas a Cristo e encontrareis a verdadeira vida»^[127].

Luis Miguel Bravo

ÍNDICE

21. “Na Casa de Zaqueu”

Zaqueu ter-se-ia contentado em ver Jesus. Mas as suas expectativas foram superadas quando o Mestre lhe pediu alojamento. Existe maior alegria do que ter o próprio Deus em sua casa?

27/10/2020



Uma cena do Evangelho com a que é fácil correr com a imaginação como se fosse um filme é o encontro de Jesus Cristo com Zaqueu, na cidade de Jericó (cf. Lc 19, 1-9). Assim que o Senhor cruzou as portas de entrada, espalhou-se a notícia: «É o Mestre! Já chegou!». Todos queriam vê-l’O e ouvi-l’O. Além das pessoas modestas da cidade, havia um homem importante chamado Zaqueu que também queria conhecer Jesus. S. Lucas retrata-o com grande realismo: era rico e chefe de publicanos, pelo que podemos imaginar que não gozava de muita estima, porque com o seu ofício colaborava com as autoridades invasoras na cobrança de impostos. O

evangelista também menciona um pormenor sobre a sua aparência física: era de estatura pequena. Zaqueu queria ver Jesus, mas por causa da sua altura, não conseguiu encontrar lugar entre a multidão que cercava o Mestre para contemplá-l'O.

Desejo de Deus

Embora normalmente tivesse que manter as aparências correspondentes à sua posição, para ver Jesus, Zaqueu não hesita em realizar uma ação que poderia ser considerada ridícula. Corre à frente da comitiva e sobe a uma árvore. Tão grande é o seu desejo de encontrar o Mestre. Não está disposto a deter-se perante as dificuldades. Está disposto a sacrificar até mesmo a sua própria honra; ser visto a correr, com agitação, a trepar e espiar por entre os galhos. O seu interesse em ver Jesus vai muito além da curiosidade humana; o que Zaqueu procura, mais ou menos conscientemente, é a verdade. Ele procura, antes de tudo, a verdade da sua própria vida.

Quando Jesus chegou àquele lugar, «levantou os olhos e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje tenho de ficar em tua casa”» (Lc 19, 5). Este encontro de olhares deve ter sido um momento inesquecível. Já não era apenas ver o Mestre da árvore, como objeto de estudo, mas olhar um para o outro. Talvez, entre os que acompanhavam Jesus, alguém fosse irónico sobre a atitude dessa personagem: “Olha, é Zaqueu, o chefe dos publicanos, a subir a uma árvore”. Mas Zaqueu não se importa com o que as outras pessoas pensam. Sente-se observado por Jesus. Não tem medo de que o Senhor veja o interior da sua alma. É o início da sua conversão. Zaqueu, então, é uma alma que quer fazer oração: olhar para si mesma com os olhos misericordiosos de Jesus.

As expetativas de Zaqueu foram superadas. Teria ficado contente por ver o Mestre, mas nunca teria imaginado que Jesus iria parar, olhar nos olhos dele e pronunciar o seu próprio nome. Mas a felicidade vai ainda mais longe: pede alojamento na sua casa! Mais uma prova de que Jesus nunca se deixa vencer em generosidade. Ele sabe da ânsia perseverante de Zaqueu de vê-l'O e por isso Ele mesmo Se deixa ver: olha para ele, chama-o e diz-lhe que quer entrar na sua casa. Para Jesus, basta o desejo sincero de uma alma de procurá-l'O para Se aproximar dela: «Onde está o teu desejo de Deus?».

Porque «a fé é isto: ter o desejo de encontrar Deus, de O encontrar, de estar com Ele, de ser feliz com Ele»^[128].

Recebeu Jesus na sua casa

A resposta de Zaqueu ao pedido de Jesus foi rápida. S. Lucas diz-nos que «desceu imediatamente e acolheu Jesus, cheio de alegria.» (Lc 19,6). O clima de alegria, fruto da presença do Senhor tão procurada, causa felicidade.

Jesus então fez algo desaprovado por alguns judeus da época: entrar na casa de um chefe publicano. As primeiras críticas não se fizeram esperar: «Murmuravam todos entre si, dizendo que tinha ido hospedar-se em casa de um pecador.» (Lc 19, 7). Mas Jesus não se preocupa com preconceitos sociais. A Sua única preocupação são as almas, e é isso que vê em Zaqueu: uma alma a ser salva, uma alma com desejo de conhecer a verdade.

Como se esmeraria Zaqueu em receber o Senhor! Teria as expressões de respeito e apreço que ajudam a criar um clima de cordialidade e alegria. Também estaria pendente das palavras ditas pelo Mestre. E é que somente aqueles que buscam a verdade são capazes de aceitar os ensinamentos do Senhor e confrontá-los com as suas vidas. No decorrer da conversa, Zaqueu sentiu um profundo agradecimento a Jesus por querer entrar na sua casa e por iluminar a sua vida.

Tão clara é a verdade, tão amável foi o Senhor que se dignou entrar na sua casa, mesmo sem ser solicitado, que Zaqueu sentiu uma profunda sacudidela dentro de si. É o momento da conversão. E nesse clima de alegria declara: «Senhor, vou dar metade dos meus bens aos pobres e, se defraudei alguém em qualquer coisa, vou restituir-lhe quatro vezes mais.» (Lc 19, 8).

Uma conversão sem cálculos

Ninguém lhe tinha pedido um ato tão grande de generosidade. Decide dessa forma porque quer. Não se sente coagido: é ele quem livremente toma essa decisão. Não acha que está a fazer nada contrário ao que realmente

gostaria. Ele, acostumado a fazer cálculos económicos, não para em cálculos mesquinhos porque não se sente obrigado a responder a um pedido, mas simplesmente decide tomar uma iniciativa. E o que decide não lhe parece heroico, porque se maravilha com a bondade do Senhor e, portanto, tudo lhe parece pouco. Em suma, ele não se propõe dar, mas *dar-se*, porque o que decidiu é amar, isto é, corresponder ao amor do Senhor. Zaqueu, mais do que generoso, simplesmente começou a viver de amor.

«Livramento, sem qualquer coação, porque me apetece, decido-me por Deus. E comprometo-me a servir, a converter a minha existência numa entrega aos outros, por amor ao meu Senhor Jesus»^[129]. É evidente que um ato dessa natureza só pode ser feito se se estiver feliz por fazê-lo: Zaqueu fá-lo porque está feliz, grato e admirado, e fazê-lo enche-o de felicidade. Com razão se disse que a alegria «não é uma virtude distinta da caridade, mas um certo ato e efeito seu»^[130]. Por isso, *saber-nos* livres para amar «leva-nos a experimentar na alma a alegria e, com ela, o bom humor»^[131]. Quem optou pela entrega é feliz: «A palavra “feliz” ou “bem-aventurado” torna-se sinónimo de “santo”, porque expressa que a pessoa fiel a Deus e que vive a sua Palavra alcança, na doação de si mesma, a verdadeira felicidade»^[132].

Acaba de ouvir-se a surpreendente declaração do chefe dos publicanos. Trata-se de um propósito que ninguém lhe pediu. Vai além do que seria seu dever estrito. Talvez alguns dos convidados pensem que o que ele acabou de dizer não corresponde à lógica humana. Só conhecemos a resposta de Jesus. O Evangelho limita-se a captar as palavras do Senhor: «Jesus disse-lhe: “Hoje veio a salvação a esta casa, por este ser também filho de Abraão”».

A alegria de alegrar o Senhor

A resposta do Senhor não foi uma constatação fria de um facto. Jesus é verdadeiro homem e, como tal, tem sentimentos. Em várias ocasiões os Evangelhos nos narram: tem pena da multidão que está como ovelhas sem pastor (cf. Mt 9, 36), indigna-se perante os mercadores que negociam no templo (cf. Jo 2, 14, 17), tem pena da desgraça da viúva que perdeu o filho único (cf. Lc 7, 11-17), comove-Se com a que deita as suas duas moedas no

caixa de esmolas do templo (cf. Mc 12, 41-44), chora a morte do amigo Lázaro (cf. Jo 11, 35) e surpreende-Se com as maravilhas que o Seu Pai faz.

Também nesta ocasião, Jesus teve que ficar profundamente comovido. O Senhor viu a mudança na vida de Zaqueu, a sua generosidade, mas também viu como o Espírito Santo atuou na alma daquele pecador. Se Zaqueu é capaz de formular tal propósito, é porque o Paráclito o inspirou. Jesus vê a maravilha da ação divina que encoraja e ajuda o homem, respeitando a sua natureza livre. Parece que a iniciativa pertence ao homem que decide converter-se, mas na realidade o chamamento divino à conversão é anterior; era prévio esse trabalho silencioso do Espírito Santo na alma de Zaqueu, que o levou a trepar à árvore.

Jesus, que vê tudo isso, fica muito feliz. Tinha que notar-se no Seu rosto, no timbre da Sua voz, nos Seus olhos que brilhavam de emoção. E isso foi percebido por Zaqueu. À alegria de ter visto Jesus, de tê-l'O ouvido, de ter visto como o considerava até ao ponto de entrar na sua casa, soma-se agora a alegria de ter podido alegrar o Senhor. Alegrar Deus e alegrar-se com Deus: que mais se pode pedir?

Eduardo Baura

Foto: Luke Porter
(Unsplash)

ÍNDICE

22. “À beira do caminho”

Colocamo-nos na pele do cego Bartimeu no dia que supôs um antes e um depois da sua vida.

27/12/2020



Entre os muitos recursos técnicos de que o realizador de um filme dispõe, está o de adotar o ponto de vista de uma personagem, ou seja, apresentar cenas colocando-se no seu lugar e imitando a sua perceção. Por exemplo, se um diálogo entre duas pessoas é filmado, a câmara pode simplesmente oferecer uma perspectiva externa, mostrando os dois interlocutores de uma certa distância, ou alternar um primeiro plano de um ou do outro, para ver as suas reações, ou focar apenas um, mostrando os seus gestos e deixando que se oiça o que está a pensar.

Analogamente, o escritor de uma história pode narrá-la de forma externa, sem assumir a posição de nenhuma personagem, ou pode apresentar-nos as coisas como um deles as vê ou ouve. Quando S. Josemaria nos aconselhou a entrar no Evangelho «como uma personagem mais», encorajava-nos a ler os textos como se estivéssemos dentro da cena. Às vezes, a própria história ajuda-nos a entrar nela, justamente quando a ação é narrada a partir do ponto de vista de uma das personagens.

Há passagens do Evangelho que se prestam a considerá-las sob essas técnicas cinematográficas. Podemos imaginar a cura de Bartimeu (cf. Mc 10, 46-52) perguntando-nos: onde estaria a câmara? Que tipo de plano usaria? Quem iria focar? Que percurso faria? Desta forma, considerando esta cena como um filme, talvez descubramos alguns aspetos em que não tínhamos reparado antes.

Saindo de Jericó

São Marcos introduz o episódio dizendo que Jesus e os discípulos «chegam a Jericó», cidade localizada no vale do rio Jordão e a quinze quilómetros de Jerusalém, para onde Jesus está a dirigir-se. Sem nos dizer nada sobre o que faria nesta cidade, o evangelista imediatamente acrescenta: «Quando ia a sair de Jericó com os seus discípulos e uma grande multidão, um mendigo cego, Bartimeu, o filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho» (Mc 10, 46). Podemos imaginar esta situação como se fosse uma cena filmada a algumas dezenas de metros de distância, de tal forma que consegue enquadrar duas pessoas que não estão juntas: por um lado, o Senhor é visto a sair da cidade, rodeado de muitas pessoas; por outro, um cego que pede esmola na estrada. Jesus está em movimento; o cego, pelo contrário, está sentado. Também se pode pensar numa sucessão de imagens: primeiro vemos o Mestre e a multidão; em seguida, a câmara move-se ao longo do caminho até se deter para dar um primeiro plano do cego. A indicação do seu nome Bartimeu seguida da sua tradução filho de Timeu acentua a sua singularidade. Talvez haja também um toque de ironia, pois Timeu significa *honrado, estimado*.

A seguir, a câmara faz um primeiro plano do cego. Aproxima-se dele aos poucos, até que se possa distinguir a sua voz: «E ouvindo dizer que se

tratava de Jesus de Nazaré, começou a gritar e a dizer: “Jesus, filho de David, tem misericórdia de mim!”» (Mc 10, 47). Depois de perceber quem é o causador da agitação que capta, Bartimeu reage com um grito que não é apenas um pedido de misericórdia, mas também uma confissão: ouviu "Jesus Nazareno", mas proclama-O como "Filho de David", adiantando-se à agitação do povo quando o Senhor entrasse em Jerusalém.

Bartimeu continua a estar no centro da cena. A narração colocou-nos na pele da nossa personagem, de modo que agora não só o vemos de perto, mas também ouvimos o mesmo que ele. Encontrões. O tumulto da multidão que se aproxima. As pegadas na areia do caminho. Também começamos a ouvir os gritos de quem tenta silenciá-lo. «Cala-te! Para de incomodar o Mestre! Vai à tua vida!».

Não conseguimos entender por que é que as pessoas não queriam que Bartimeu abrisse a boca. Mas ele não recua, repetindo o mesmo grito, mais alto se possível: «Filho de David, tem misericórdia de mim!» (Mc 10, 48).

Não sabemos exatamente o que quer de Jesus, embora possamos intuí-lo. Também não sabemos porque O reconhece como o Messias. Em todo o caso, o seu modo de atuar mostra um homem que não é pusilânime nem covarde. Não se deixa arrastar pelo ambiente. Sabe que o Messias esperado está a passar diante dele, e não pode deixar escapar essa oportunidade. «As pessoas dizem-me para me calar? Não posso!». Bartimeu tinha mais vontade de gritar do que ficar calado por medo do que irão dizer. «Não te dá vontade de gritar, a ti que também estás parado na berma do caminho, desse caminho da vida que é tão curta; a ti, a quem faltam luzes; a ti, que necessitas de mais graça para te decidires a procurar a santidade? Não sentes urgência em clamar: *Jesus, Filho de David, tem piedade de mim?* Que bela jaculatória para repetires com frequência!»^[133]

Um tremor do coração

A câmara faz um movimento rápido para nos mostrar o Senhor, que ouviu os gritos e para de caminhar: «Jesus parou e disse: 'Chamai-o'» (Mc 10, 49). O Mestre ouviu aquele apelo cheio de fé e mandou que o trouxesse: quer falar com ele, ouvi-lo, saber o que quer. Quando a reação das pessoas

ao seu redor foi silenciar o cego, Jesus respondeu chamando-o. Ele não se importa que Lhe peçamos ajuda, porque veio precisamente para nos salvar.

Com mais uma rápida mudança de plano, voltamos ao lugar onde está sentado Bartimeu e ouvimos com ele o convite para ir até Jesus: «Chamaram o cego dizendo-lhe: 'Coragem! Levanta-te, que Ele chama-te'» (Mc 10, 49). O Papa ajuda-nos a imaginar o que Bartimeu sentiria naquele momento: «um frémito atravessa o coração, porque nos damos conta de ser contemplados pela Luz, por aquela Luz gentil que nos convida a não ficar fechados nas nossas cegueiras tenebrosas. A presença de Jesus perto de nós faz sentir que, longe d'Ele, falta-nos qualquer coisa importante: faz-nos sentir necessitados de salvação; e isto é o princípio da cura do coração»^[134].

Depois do chamamento de Jesus, a vivacidade da história aumenta e o ritmo da ação acelera-se ainda mais: Bartimeu diz , «atirando fora a capa, deu um salto e veio ter com Jesus» (Mc 10, 50). Para compreender a magnitude deste gesto, convém recordar um preceito da Lei de Moisés sobre os empréstimos: «Se penhorares o manto do teu próximo, devolver-lho-ás até ao pôr-do-sol, porque a capa é tudo o que ele tem para cobrir a pele. Com que é que ele se deitaria?» (Ex 22, 25-26). A capa era a casa desse cego, o lugar onde ele se deitaria para passar a noite. No entanto, ao chamamento do Senhor, não hesita em ficar sem a única coisa que tem. «Não te esqueças de que, para chegar até Cristo, é preciso o sacrifício. Deitar fora tudo o que estorva»^[135], diz São Josemaria. Este pormenor da capa, aparentemente pequeno, convida-nos a pensar: como reajo ao perceber que Jesus me pede algo?

Cara a cara

Não vemos o percurso feito por Bartimeu desde que se levanta até chegar ao Senhor. O seu movimento foi tão rápido que a câmara o mostra logo ao lado de Cristo. Jesus perguntou-lhe: «Que queres que te faça?» (Mc 10, 51). A pergunta é idêntica à que dirigira a Tiago e a João no episódio imediatamente anterior (cf. Mc 10, 36). Naquela ocasião, o pedido dos dois irmãos para se sentarem à direita e à esquerda no Seu reino não foi aceite, porque eles não sabiam o que estavam a pedir. Como reagirá o Mestre desta vez?

«“Mestre, que eu veja!”, respondeu o cego». Não pede dinheiro, como fazia no caminho, mas um presente muito maior e mais difícil. O pedido de Bartimeu, a misericórdia que clamou ao Filho de David, consiste em voltar a ver. De novo, sai-lhe com espontaneidade dirigir-se ao Senhor, falar com Ele, dizer o que pensa abertamente, com simplicidade. Com estas mesmas palavras, São Josemaria rezou várias vezes. «Não te aconteceu já, alguma vez, o mesmo que a esse cego de Jericó? Não posso agora deixar de recordar que, ao meditar nesta passagem há já muitos anos e ao compreender então que Jesus esperava alguma coisa de mim – algo que eu não sabia o que era! – compus para mim, umas jaculatórias: Senhor, que queres? Que me pedes? Pressentia que me procurava para uma realidade nova e o *Rabboni, ut videam* – Mestre, que eu veja – levou-me a suplicar a Cristo, numa oração contínua: Senhor, que se faça isso que Tu queres»^[136].

Um antes e um depois

Jesus Cristo escuta o pedido do cego e não o rejeita: «disse-lhe: “Vai, a tua fé te salvou!”. E logo ele recuperou a vista» (Mc 10, 52). A declaração de Jesus revela o ponto mais importante do episódio, porque interpreta com autoridade o comportamento de Bartimeu. A sua perseverança na oração, a sua prontidão para obedecer ao chamamento e o seu desprendimento de tudo o que possui não foram consequência de um carácter irrefletido, de ambições pessoais ou desejo de protagonismo, mas da sua fé. Por isso, não surpreende a frase com que São Marcos conclui a história: «e seguiu Jesus pelo caminho» (Mc 10, 52). A fé que moveu Bartimeu a pedir com insistência e a superar as dificuldades leva-o finalmente a transformar-se em discípulo, que parte atrás de Jesus no caminho que vai de Jericó a Jerusalém, o caminho que leva à cruz.

«Segui-l’O pelo caminho. Tu tomaste conhecimento do que o Senhor te propunha e decidiste acompanhá-l’O pelo caminho. Tu procuras seguir os Seus passos, vestir-te com as vestes de Cristo, ser o próprio Cristo: portanto, a tua fé fé nessa luz que o Senhor te vai dando deverá ser operativa e sacrificada. Não te iludas, não penses em descobrir novas formas. É assim a fé que Ele nos pede: temos de andar ao Seu ritmo com obras cheias de generosidade, arrancando e abandonando tudo o que seja estorvo»^[137].

Como seria a vida de Bartimeu após esse encontro! O Evangelho não nos fala sobre isso novamente, mas podemos imaginar que terá sido um antes e um depois. Já não estaria à beira do caminho a pedir esmola, mas iria ao encontro das pessoas para contar o que aquele momento com Jesus significou na sua vida. Se antes não podia ficar em silêncio ao saber que o Messias estava próximo, que não faria depois de ser chamado e curado pelo Mestre? «Também nós diz o Papa quando nos abeiramos de Jesus, vemos de novo a luz para olhar o futuro com confiança, encontramos a força e a coragem para nos pormos a caminho»^[138].

Juan Carlos Ossandón

Foto: Egor Myznik
(Unsplash)

ÍNDICE

23. “Um perfume com valor de eternidade”

Maria, na unção em Betânia, quis despedir-se de Jesus e manifestar-Lhe o seu carinho de um modo que iria perdurar através dos séculos.

24/03/2024



A Paixão do Senhor está iminente. Jesus encontra-se em Betânia, em casa de Simão, o leproso (cf. Jo 12, 1-11 e Mt 26, 6-13). Lázaro, morto e ressuscitado, está com Jesus desfrutando do que talvez fosse o último encontro com o seu bom amigo. Marta e Maria também estão presentes, bem como uns quantos discípulos. Marta, como noutras ocasiões, procura receber bem Jesus, embora desta vez não fosse ela a anfitriã. Maria, pelo seu lado, dá uma ajuda à irmã, mas o seu coração e a sua imaginação estão a ponderar muitas questões que tinha vivido ultimamente. Com uma intuição aguda, talvez compreenda nas palavras de Jesus que este encontro é diferente de todos os outros.

Um amor sem cálculos

Nessa tarde, os pensamentos de Maria deviam girar à volta de Jesus. Tudo nela era agradecimento. Se a amizade faz sempre brotar um sentido de gratidão, quanto mais a amizade com Deus! Tantas horas de conversas, de consolo e de companhia lhe tinha brindado o Senhor, e recentemente tinha-lhe devolvido da morte o seu irmão, Lázaro. «Como agradecer tanta bondade? Que mais poderia Deus fazer por mim?». Estas e outras perguntas estariam a pairar na sua cabeça e, finalmente, decide-se. Vai fazer algo especial por Jesus para Lhe manifestar a sua gratidão e o seu amor.

Os outros convidados nem imaginavam o que, dentro de poucos minutos, iam presenciar. Maria pensa no que tem de maior valor, não quer dar uma coisa meramente material. Não, o que quer é entregar-se, adorá-lo, dar-Lhe graças e, desse modo, manifestar a Jesus todo o seu amor. O seu semblante esboça um sorriso. Esse perfume, de nardo puro, está guardado num elegante frasco de alabastro, possivelmente de colo estreito, feito assim para que o perfume se desprenda, gota a gota, e aromatize o ambiente. É uma fragrância que podia custar uns trezentos denários – o salário de quase um ano inteiro –, e que passará a ter valor de eternidade.

Maria abre caminho entre os convidados e, com determinação, realiza um gesto magnânimo. Antes de Simão oferecer água a Jesus para se lavar, como era costume, Maria adianta-se, pega no perfume, unge os pés de Jesus e seca-os com o seu cabelo (cf. Jo 12, 1-11 e Mt 26, 6-13). Parte o frasco: é todo para o seu Deus, não reserva para si nem uma única gota. Oferece o que tem, com profunda devoção. Não calcula, não mede, não se reprime. Com esse gesto reconhece a alta dignidade de Jesus. Esse perfume já não é só o seu perfume de nardo de trezentos denários. Maria ungiu o Messias com o perfume da sua liberdade, que «só se pode entregar por amor»^[139].

Este momento assemelha-se a outro da vida do Senhor, já distante no tempo, há mais de trinta anos. Não é em Betânia, é em Belém. Não estão aí nem Marta, nem Maria, nem Lázaro, nem os outros discípulos. Só estão Maria e José. Jesus não tinha feito milagres nem se tinha manifestado como Deus, mas tinha nascido como Salvador do mundo. Nessas circunstâncias, uns reis do Oriente também lhe reconhecem uma dignidade sublime,

deixam a seus pés o que têm de valor e, com profunda veneração, adoram esse Menino-Deus. Os pais de Jesus comovem-se com esse gesto, admirados com a maravilha que estão a viver. Certamente, passado tempo, recordarão a Jesus essa magnânima expressão de adoração. Esses reis poderosos não só tinham dado uns bens materiais, mais ou menos valiosos, mas ao ajoelhar – pelo menos assim podemos imaginá-los enquanto oferecem os seus dons – manifestaram a vontade de O amar acima de qualquer outra realidade terrena.

«Queridos jovens, – escrevia, em certa ocasião, São João Paulo II – ofereci também vós ao Senhor o ouro da vossa existência, ou seja, a liberdade de O seguir por amor respondendo fielmente à sua chamada; fazei subir para Ele o incenso da vossa oração fervorosa, o louvor da sua glória; ofereci-lhe a mirra, isto é, o afeto repleto de gratidão por Ele, verdadeiro Homem, que nos amou até morrer como um malfeitor no Gólgota»^[140]. Como aqueles reis, Maria, com o seu perfume, oferece a Jesus a sua liberdade, a sua gratidão e o seu desejo de O amar de todo o coração.

Como Ele ama

Maria continua de joelhos junto de Jesus. O perfume banha os pés do seu Senhor e, sem hesitar, começa a secá-los com os cabelos. Maria só se apercebe da presença de Cristo. Não repara nos outros convidados, nem na sua irmã Marta. Está diante do Senhor dando-lhe a conhecer o carinho que lhe tem e a sua imensa gratidão.

Jesus também a contempla sem palavras. Deixa fazer. É o momento de Maria, e quer necessitar dessas delicadezas. Sabe que se aproxima a sua Paixão e morte, e vem-lhe ao pensamento tudo o que padecerá por cada um e por cada uma, porque veio ao mundo para nos atrair ao seu amor, para nos ensinar a amar. E vê nesse movimento afetuoso de Maria um consolo para o sofrimento que já se aproxima. Maria projeta nesse gesto tantos milhares de atos de amor a Deus que cristãos de todos os tempos lhe vão oferecer. O coração de Jesus é particularmente sensível às manifestações de carinho que recebe. Por isso agradece a Maria e, nela, a todos os que vão continuar a ungir Deus com o perfume da sua vida corrente: «Onde quer que seja

proclamado este evangelho em todo o mundo, também o que ela fez será contado em sua memória» (Mt 26, 13).

Como terá Jesus vivido esse momento? Que estaria a considerar no seu interior? Talvez examinasse entre os seus pensamentos o que ia realizar com os apóstolos durante a última ceia. Vai lavar os pés aos seus discípulos, e Maria adiantou-se com aquele gesto. Jesus estava, provavelmente, a pensar no ato de entrega maior que teria lugar poucos dias depois com a instituição da Eucaristia, a entrega total de si que culminaria na cruz. Quem sabe se também estava a considerar a sua presença em cada sacrário, e em tantas almas que se iam aproximar d'Ele e recebê-l'O com as mesmas disposições com que Maria, nesse mesmo momento, o fazia. «Se alguém me amar, guardará a minha palavra e o meu Pai o amará; viremos a ele e junto dele faremos morada» (Jo 14, 23).

Em toda esta cena, podemos pensar que Jesus é quem mais recebe com este gesto de Maria: ela ungiu-Lhe os pés e secou-os com o seu cabelo, mas, na verdade, Maria é quem ganha nesta história. Excede-se com Jesus, mas Ele «não se deixa vencer em generosidade»^[141] e abre-lhe um horizonte de amor ainda mais dilatado: manifestando com esse gesto o seu afeto e comprovando que era bem acolhido, o coração de Maria aprende a dilatar-se para amar como Jesus.

O ambiente fica repleto

São João descreve que a casa ficou impregnada com a fragrância do perfume (cf. Jo 12, 3). Entre os presentes, àqueles que não se tinham apercebido do generoso ato de Maria, o sentido do olfato mostrou-lhes que algo se tinha passado naquele lugar.

Uma manifestação de piedade não engrandece somente a alma de quem a realiza. O amor é difusivo, expande-se, impregna com o seu bom aroma os que estão em redor. Também o que se deixa de fazer, as omissões, deixam a sua marca e afetam esta economia de salvação. A piedade, que nasce do desejo de agradar ao nosso Pai Deus, «é uma atitude profunda da alma, que acaba por informar toda a existência: está presente em todos os pensamentos, em todos os desejos, em todos os afetos»^[142].

Dentro da naturalidade do dia a dia de todos os cristãos, apresentam-se muitas ocasiões para impregnar o ambiente de amor a Deus: no trabalho, na vida em família, com os amigos e colegas... É o *bonus odor Christi*, o bom odor de Cristo, que se manifesta no «amor abnegado, diário, feito de mil e um pormenores de compreensão, de sacrifício calado, de entrega silenciosa»^[143]. Ungir o Senhor, encher com o perfume da caridade o ambiente em que cada um se encontra, abre um panorama imenso à própria existência: permite-nos olhar para Deus, e sentir-nos olhados por Ele, através de tudo o que fazemos.

Não é de estranhar que os convidados prestassem atenção à cena que Maria discretamente protagonizava. O foco das conversas deve ter mudado e terá havido uma troca de olhares. Cada um, na intimidade do seu coração, daria valor a esse gesto. João, tal como Pedro e Marta, soube, provavelmente, apreciar o gesto de Maria. Pelo contrário, Simão, o dono da casa, estaria surpreendido, pensando como não se tinha lembrado de ter mais algum detalhe com Jesus. São João refere a reação de Judas: «Por que razão não se vendeu esse bálsamo por trezentos denários e se deu aos pobres?» (Jo 12, 5). Maria deve ter feito ouvidos moucos a estas palavras. O cálculo não entrava no léxico sobre o amor que tinha aprendido com o Mestre. Jesus olha para Judas e para Maria; percebe-se nos seus olhos o carinho com que trata de reconduzir os pensamentos e com voz clara diz: «Deixai-a!» (Jo 12, 7).

«Jesus sabia que se aproximava a sua morte e viu nesse gesto a antecipação da unção do seu corpo sem vida antes de ser colocado no sepulcro. Esta visão vai para além de qualquer expectativa dos convidados. Jesus recorda-lhes que Ele é o primeiro pobre, o mais pobre entre os pobres, porque os representa a todos. E é também em nome dos pobres, das pessoas sozinhas, marginalizadas e discriminadas, que o Filho de Deus aceitou o gesto daquela mulher. Ela, com a sua sensibilidade feminina, demonstrou ser a única que compreendeu o estado de espírito do Senhor»^[144].

Esta foi a despedida de Maria a Jesus. Quis manifestar-lhe o seu carinho de uma maneira única, que irá perdurar no tempo. E conseguiu. O seu amor não chegou somente ao coração do Senhor: também alcança o de todos os

que – presentes em casa de Simão ou leitores desta passagem – reconhecem a sua magnanimidade e o seu desejo de jamais se separarem d’Ele.

Sofía Massmann

ÍNDICE

24. “A nova força de Pedro”

Depois da ressurreição, Pedro percebeu qual era a chave da sua grandeza. Neste primeiro texto da série "Como num filme", entramos na sua conversa com Jesus que o fez descobrir essa realidade.

11/01/2021



Talvez todos tenhamos uma lista de filmes favoritos, aqueles que ao longo da nossa vida nos impressionaram especialmente. As razões podem ser muito variadas: um enredo cativante, as emoções que nos provocaram, uma personagem com a qual nos sentimos identificados... Outras vezes a principal razão será porque os associamos a um certo momento. Quem não guarda com grande recordação um filme visto numa ocasião especial?

O mesmo poderia ser dito do evangelho. Temos algumas passagens que nos ajudaram em certos momentos ou com as quais é mais fácil para nós

rezar. Algo semelhante aconteceria com os Apóstolos: cada um teria algumas memórias das suas relações com Jesus que meditaria com frequência. «Fará bem a todos nós pedir a graça de preservar a memória, conservar a memória de tudo o que o Senhor realizou na minha vida»^[145]. Se nos colocarmos no lugar de São Pedro, é fácil imaginar que ele gostaria de voltar repetidamente ao episódio da sua conversa com o Senhor após a Ressurreição (cf. Jo 21).

Um passeio pela costa

Os apóstolos passaram a noite toda a trabalhar e não apanharam nada. Não era a primeira vez que lhes acontecia. Anos atrás, quando Jesus os chamou, tinha acontecido exatamente a mesma coisa. E agora estavam a ter uma experiência semelhante.

Quando estão a regressar, de repente veem uma figura à beira do lago. Não podem distingui-la claramente. Essa personagem misteriosa dá-lhes uma indicação: «Lançai as redes à direita do barco.» É o mesmo conselho que Jesus lhes tinha dado no início da Sua vida pública. *Flashes* desses momentos vêm à sua memória. Do mesmo modo que isso lhes tinha feito ver que tinham o Messias ao lado, agora percebem que a pessoa que não podiam distinguir era o mesmo Senhor. O mais jovem é o primeiro a adverti-lo.

Pedro imediatamente se lança à água. Não pode esperar: quer alcançar o Mestre o mais rapidamente possível. Os outros apóstolos tentam chegar à costa com o barco. Quando chegam a terra firme, assim que pisam a areia, «veem que há algumas brasas preparadas, um peixe em cima e pão». Jesus indica-lhes que tirem alguns dos peixes que tinham pescado e convida-os a sentarem-se com Ele. Ao terminar de comer, podemos imaginar Jesus a pedir a Pedro para acompanhá-lo a caminhar junto ao lago. Os dois sozinhos. Um momento de intimidade com o Senhor que Pedro nunca esquecerá.

Jesus provavelmente deixara um pouco de silêncio no início. Iam devagar. Pedro sabe que está com Jesus Cristo. Mas o que pode dizer-Lhe? Ainda tem a memória recente das três negações: «Não conheço este

homem, não sei do que está a falar...». É o Senhor que se adianta e lhe pergunta: «Simão, filho de João, amas-Me mais do que estes?». Pedro recorda então a experiência do seu pecado, do seu abandono. É uma experiência que todos temos, e por isso é fácil para nós colocarmo-nos nessa perspectiva: sentir que o Mestre nos dirige essa pergunta com o nosso próprio nome. Pedro, armando-se de coragem, responde de uma maneira diferente do que tinha feito antes da Paixão: «Sim, Tu sabes que eu Te amo.» E então ouve do Senhor esta inesperada demonstração de confiança: «Apascenta os meus cordeiros».

A mudança em Pedro

Continuam a caminhar. A única coisa que quebra o silêncio é o ruído dos seus passos e o som do mar. Novamente é Jesus quem toma a palavra, depois de algum tempo: «Simão, filho de João, tu amas-Me?». É a segunda vez que faz a mesma pergunta em poucos minutos. Talvez Pedro pensasse que antes, na sua primeira resposta, não tinha soado muito convincente ou que agora teria que se afirmar mais fortemente. Poderia ter-se complicado e enchido de dúvidas, mas arma-se novamente de valor: «Sim, Senhor, Tu sabes que eu Te amo». Jesus responde da mesma forma, dando-lhe a entender novamente que confia nele: «Apascenta as minhas ovelhas».

Eles continuam ao longo do lago no mesmo silêncio de antes. Quando Jesus lhe faz a mesma pergunta pela terceira vez, Pedro fica desarmado. Provavelmente lembra-se naquele momento de outra conversa que teve com o Mestre pouco antes da Paixão. O Evangelho de São Marcos conta que quando foram para o horto das oliveiras, Jesus previu o abandono dos Seus discípulos: «Todos ides abandonar-Me, pois está escrito: “Ferirei o pastor e as ovelhas hão de dispersar-se”». Pedro foi quem saltou mais rapidamente: «Mesmo que todos venham a abandonar-Te, eu não.» Mas o Senhor tinha-lhe feito ver que também estava a dizer isso para ele: «Em verdade te digo, que hoje, esta noite, antes de o galo cantar duas vezes, tu me terás negado três vezes». E Pedro, teimoso, insistiu: «Mesmo que tenha de morrer contigo, não Te negarei.» Certamente tê-lo-ia dito de forma convencida: não era uma declaração ingénuo ou um afã de aparentar. Na verdade, alguns minutos depois tiraria a espada e tentaria defender o Senhor de toda aquela multidão que iria prendê-l’O.

No entanto, apesar desse ímpeto, sabemos o que aconteceu. Ao dizer «Eu nunca Te negarei», Pedro tinha-se fiado mais na sua própria palavra do que na do Senhor. Acreditava que, para ser fiel, eram suficientes a sua própria força e convicções. Foi por isso que agora, quando o Mestre lhe pergunta uma terceira vez se o ama, responde confiando apenas em Jesus: «Tu sabes tudo, Tu sabes que Te amo». De algum modo, é como se dissesse: «Se agora tenho a certeza de que Te amo, não é porque tenha uma enorme confiança nas minhas possibilidades, mas simplesmente porque aprendi que Tu és o apoio do meu amor, de como sou bom. Descobri que tenho que confiar em Ti».

A resposta do Senhor às palavras de Pedro enchê-lo-iam de alegria, pois provam que não perdeu a confiança em quem seria a Rocha da Igreja: «Apascenta as minhas ovelhas». Os bons propósitos de Pedro não se baseiam mais nas suas qualidades ou capacidades, mas na sua contrição. É por isso que Pedro agora é muito mais forte, porque está muito mais consciente da sua fraqueza: sabe com mais realismo quem é ele e quem é o Senhor.

Pedro dá-nos, assim, uma lição. Porque às vezes, quando as coisas correm bem, podemos pensar que estamos a ser brilhantes. Mas depois, quando se começam a torcer, quando nos enganamos, talvez nos pareça que não servimos para nada e deixamo-nos invadir por um sentimento de tristeza. Pedro ensina-nos precisamente a encontrar no Senhor a nossa estabilidade, a deixar-nos ser amados, não confiar em nós mesmos, mas em Jesus. E por isso poderemos afirmar que O amamos: porque Ele sabe disso.

Um amor *porque sim*

O fundador do Opus Dei definiu a humildade como «a virtude que nos ajuda a conhecer, simultaneamente, a nossa miséria e a nossa grandeza»^[146]. Pode ser paradoxal, porque às vezes pensamos que a humildade nos leva a descobrir as coisas que fazemos mal e a não dar importância às nossas qualidades. Em vez disso, São Josemaria ressalta que o conhecimento dos nossos defeitos e das nossas fortalezas deve andar lado a lado: Deus ama-nos sempre.

«Não te assustes nem desanimes, ao descobrires que tens erros... e que erros! Luta por arrancá-los. E, desde que lutes, convence-te de que é bom que sintas todas essas debilidades porque, se não, serias um soberbo: e a soberba afasta de Deus»^[147].

A humildade não consiste em dizer coisas ingénuas sobre nós mesmos, mas em saber e assumir a verdade sobre nós mesmos, à luz do amor de Deus. Ele não nos ama pelas coisas boas que possamos fazer, mas simplesmente porque somos nós: Ele ama-nos *porque sim*.

A partir desta conversa à beira do lago, Pedro aprende a aceitar o amor que Jesus lhe oferece de graça. Não tem que fazer grandes coisas para conquistá-lo ou merecê-lo: basta que se deixe amar como é. A partir daí a sua vida será diferente, começará a ver os sucessos e os fracassos sempre da perspetiva do amor de Deus. Será realmente a Rocha na qual a Igreja será fundamentada. E, como num bom filme, não se cansará de recordar repetidamente aquela cena em que redescobriu a chave da sua grandeza: que Deus o ama *porque sim*.

Julio Diéguez

Foto:De Wet Cilliers
(Unsplash)

ÍNDICE

25. “Corações de Fogo”

A espetacular cena do Pentecostes marca o início da vida pública da Igreja. E, com ela, mostra-nos a sua Cabeça, Pedro, num discurso que reflete o amor que sente por Jesus Cristo e pelas almas.

13/05/2021



Costuma-se dizer que o início de um filme é fundamental: tem de prender a atenção do público desde o primeiro momento. Mas além disso, nos bons filmes, o resultado já é antecipado na primeira cena. Não é que digam como acaba, o que estragaria tudo. É que, quando se acaba de o ver, diz-se: "Claro! É por isso que aquela personagem estava lá no início" ou "aquele quadro na primeira cena foi a pista para resolver todo o mistério, porque não percebi isso antes?".

De certa forma, isso acontece no Pentecostes (cf. At 2). É a primeira cena da *vida pública* da Igreja e tem de prender a atenção. É espetacular e convida-o a continuar até ao fim, para que queira fazer parte da história. Além disso, o episódio de Pentecostes esconde, nas suas breves linhas, a essência da ação apostólica da Igreja em todos os tempos.

Com Maria e os apóstolos

Mas comecemos pelo princípio, colocando-nos na cena: «E quando chegou o dia de Pentecostes, estavam todos juntos no mesmo lugar». Mas quem são todos eles? Já foi dito antes. Costumavam-se reunir os apóstolos – que mais uma vez eram doze por escolha de Matias – e algumas das mulheres que acompanhavam Cristo no Seu ministério. Aquelas que permaneceram ao pé da cruz na hora difícil do Calvário. Entre elas destaca-se uma, «Maria, a mãe de Jesus». Este é o núcleo da Igreja. Reúnem-se em torno da Santíssima Virgem em oração, como nos diz o livro dos Atos noutro ponto: «Perseveravam unidos em oração» (At 1, 14). A tradição coloca estas reuniões no Cenáculo, onde Nosso Senhor celebrou a Última Ceia.

Podemos representar, perante os olhos da alma, a cena inteira. A sala, que é ampla. Algumas janelas, através das quais se pode ver o resto da cidade. Imaginamos os rostos de cada um dos apóstolos. Conhecemos o seu carácter e o temperamento de cada um porque lemos as suas intervenções ao longo dos Evangelhos. É certo que não temos muita informação sobre alguns deles, mas sabemos muito sobre outros. Estão a rezar. Talvez Pedro esteja a meditar atentamente naquela conversa com Cristo ressuscitado na margem do lago e na missão de pastor que lhe tinha confiado. Sem dúvida que alguns estão a rezar o Pai Nosso, saboreando cada uma das suas petições.

E, no meio deles, Maria. Todos a olham com grande afeto e com um respeito inigualável. Ela é a Mãe de Deus, mas também nossa. Talvez esteja sentada, absorvida em oração, naquele diálogo contínuo com o Senhor que manteve ao longo da sua vida. Como seria a oração de Maria? Sublime, simples, fervorosa... muito difícil de descrever com palavras humanas. No

seu rosto talvez ainda pudéssemos ver o cansaço devido à dor da Paixão e o reflexo do sorriso da manhã de Páscoa.

Um calor que não queima

«De repente, veio do céu um estrondo, como de um vento a soprar forte [...]. Viram aparecer línguas, como chamas, que se dividiram e pousaram sobre cada um deles». Quebra-se a calma, o barulho assusta todos. Esta é a parte espetacular da cena. Podemos aplicar os nossos sentidos: aguçar o ouvido da alma e ouvir o rugido do vento dentro daquela sala, na qual, no entanto, nada se move. As caras de surpresa dos que estavam reunidos devem ter sido enormes. Uma explosão. De repente, algo como fogo incendiou o teto. Misteriosamente, *aquilo* divide-se em línguas e repousa delicadamente sobre as cabeças dos que se encontram reunidos. Também sentimos o calor na nossa testa. Dá calor, mas não queima. Como o arbusto que Moisés viu, as testas dos apóstolos «ardem sem se consumirem».

«Encheram-se todos do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas». Estavam cheios de Deus. Sem ter de se manifestar num afeto sensível, desfrutámos igualmente do que significa estar cheio de Deus. Ser um templo do Espírito Santo, carregar a Sua chama ardente no nosso seio. Os apóstolos viram-se então como se fossem varridos, como se possuídos pelo amor divino. Os que os veem sair do cenáculo assim o pensam: «Estão bêbados». Pareciam bêbados ou loucos! Algo semelhante aconteceu a São Josemaria: «Há muitos anos atrás diziam de mim: está louco! Tinham razão. Nunca disse que não estava louco, estou louco perdido, mas de amor de Deus! E desejo-vos a mesma doença»^[148]. Aquele fogo ardia dentro deles: os apóstolos não podiam permanecer em silêncio. Vão lá para fora e encontram uma multidão ali reunida. Pessoas que tinham lá ocorrido atraídas pelo forte ruído que tinha ressoado por toda a cidade. Quando viram os apóstolos, ficaram perplexos: «Como é que cada um de nós os ouviu falar na nossa própria língua?»

Juntamo-nos agora a essa multidão heterogénea de pessoas expectantes. Há pessoas de todo o lado: partos, medos e elamitas... é como uma aula de geografia antiga. Norte, sul, este e oeste. De dentro e de fora do Império Romano. Cada um com os seus trajes típicos. Há pessoas vestidas com a

elegância e sobriedade de Roma, outras com túnicas pobres, há também turbantes exóticos. Peles de todas as cores, sotaques de todos os tipos. Estes homens, entre os quais tu e eu nos encontramos, representam o mundo inteiro. Pois a pregação apostólica deve ser dirigida a todo o mundo. De todas as regiões da terra, então e agora, vêm ouvir o ruído que se faz na Igreja. Perguntam quem somos, estão interessados na nossa fé. Alguns vêm com uma intenção sincera; há aqueles, talvez, que procuram Deus sem se aperceberem; e há também aqueles que troçam ou trazem todo o tipo de preconceitos. Não importa. A mensagem do Evangelho é para todos: «Ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo». Nós, no meio desta multidão heterogénea, parecemos ouvir o grito do nosso Padre: «Pequeno amor é o teu se não sentes zelo pela salvação de todas as almas. – Pobre amor é o teu se não tens ânsia de pegar a tua loucura a outros apóstolos»^[149]. Queremos ter um amor grande! Um amor que contagie todos os homens!

O discurso de um pescador

As pessoas aglomeram-se na rua estreita em frente à casa de onde saem os apóstolos. São homens e mulheres com fome de Deus, como muitos dos nossos amigos, vizinhos ou colegas de trabalho. Estamos muito chegados a eles. Viramos os nossos olhos para cima, para o topo do telhado daquela casa à nossa frente. Trata-se de Simão Pedro. Para muitos é um estranho. Alguém o reconhece pelo seu sotaque como galileu. Alguns dizem que é um pescador, e que foi um dos primeiros a seguir o Nazareno. O facto é que Pedro, cheio do Espírito, vê a gigantesca avalanche de todo o tipo de pessoas e comove-se com ela. Não pode deixar de recordar as palavras do Mestre: "Far-vos-ei pescadores de homens". O olhar de Pedro espelha o do seu Senhor quando, ao desembarcar, viu aquela multidão e "teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor". Pedro tem vontade de gritar, de falar bem alto: «Não vos dá vontade de gritar à juventude buliçosa que vos rodeia: loucos! Deixai essas coisas mundanas que amesquinham o coração... e muitas vezes o aviltam..., deixai isso e vinde connosco atrás do Amor?»^[150].

E é então, não antes, que Pedro começa a falar: «Homens da Judeia e todos vós que residis em Jerusalém, ficai sabendo isto e prestai atenção às

minhas palavras» (At 2, 14). E segue-se um discurso que pode ler por si próprio (cf. At 2, 14-36). Que efeito teve? Quando o ouviram, «ficaram emocionados até ao fundo do coração, e naquele dia, juntaram-se a eles cerca de três mil pessoas». Sim. Tinha funcionado. Não foi o discurso de um orador brilhante ou de um filósofo erudito: foi o discurso de um pescador, de um judeu piedoso que conhece as Escrituras e ama Cristo. Foi o discurso daquele homem que, de coração nas mãos, disse: «Senhor, Tu sabes tudo, Tu sabes que eu Te amo». Deus está a começar a fazer o seu trabalho no mundo. Para isso não precisa de pessoas especializadas, mas sim de corações apaixonados.

O apostolado vivido pelos primeiros cristãos, nos quais devemos sempre fixar-nos, não consistia na elaboração de planos complexos ou em estar na vanguarda do *marketing*. A *receita* do sucesso apostólico dos primeiros cristãos é a mesma de hoje: «Santidade pessoal: isto é que é importante, minhas filhas e meus filhos, a única coisa necessária. A sabedoria está em conhecer Deus e amá-l'O»^[151]. Obviamente, isto não significa que não se deva dar lugar a uma preocupação lícita pela forma mais atrativa de apresentar o Evangelho aos homens de hoje. Mas nunca devemos perder de vista a prioridade: a nossa própria vida interior.

É assim que o fruto virá. Assim, doze homens incendiaram o mundo antigo. Assim, vamos incendiar os corações das pessoas de hoje.

Miguel Forcada

Foto: Rhand McCoy

ÍNDICE

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Caminho*, n.145.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 241.

[3] cf. S. Josemaria, *Santo Rosário*, primeiro mistério gozoso.

[4] Francisco, Audiência, 18/11/2020.

[5] S. João Paulo II, *Redemptoris Mater*, n. 8.

[6] Francisco, *Angelus*, 15/08/2021.

[7] Fernando Ocáriz, Notas de uma meditação, 25/3/2023.

[8] *Lumen gentium*, n. 56.

[9] Sto. Agostinho, Sermão 293, PL 38, 1327.

[10] Um texto que recolhe de modo belíssimo este momento foi escrito por S. Bernardo de Claraval, grande devoto de Santa Maria: *Homilias sobre as excelências da Virgen Mãe* (Homilia 4, 8-9: *Opera omnia*, edição cisterciense, 4 [1966], 53-54). Está incluído na Liturgia das Horas de 20 de dezembro.

[11] *Lumen gentium*, n. 55.

[12] S. Josemaria, *Santo Rosário*, comentário ao primeiro mistério gozoso.

[13] Fernando Ocáriz, Notas de uma meditação, 25/03/2023.

[14] Das Orações de Santa Catarina de Sena, virgem e doutora (OR, XI, Anunciação 1379; ed. G. Cavallini, Roma 1978, p. 123-129).

[15] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 140.

- [16] Francisco, Mensagem, 15/08/2022.
- [17] Bento XVI, Discurso, 31/05/2010.
- [18] São Josemaria, *Sulco*, n. 566.
- [19] Bento XVI, Angelus, 23/12/2012.
- [20] Francisco, Angelus, 19/09/2021.
- [21] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 144.
- [22] *Ibid.*, n. 172.
- [23] Francisco, Angelus, 15/08/2021.
- [24] São Josemaria, *Entrevistas a São Josemaria*, n. 91.
- [25] São Josemaria, *Forja*, n. 1027.
- [26] Francisco, Homilia, 24/12/2018.
- [27] São Josemaria, Meditação, 06/01/1956.
- [28] Francisco, Homilia, 06/01/2018.
- [29] Fernando Ocáriz, 19/03/2022, n. 7.
- [30] Bento XVI, *Spe salvi*, n. 31.
- [31] Bento XVI, Homilia, 06/01/2013.
- [32] Francisco, Homilia, 06/01/2022.
- [33] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 32.
- [34] Bento XVI, Homilia, 06/01/2013.
- [35] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 35.

- [36] Bento XVI, Homilia, 06/01/2010.
- [37] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 44.
- [38] Francisco, Encontro com trabalhadores em Génova, 27/05/2017.
- [39] cf. Flavio Josefo, Antiquidades judaicas, 17.289.
- [40] cf. *Ibid.*, 18, 27.
- [41] cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 517-518.
- [42] São Josemaria, numa reunião familiar, 18/08/1968.
- [43] Fernando Ocáriz, Congresso Interdisciplinar do Trabalho, Universidade Pontifícia da Santa Cruz, 20/10/2017.
- [44] Dante, *Divina Comédia*, Paraíso, canto XXXIII, v. 145
- [45] cf. São Josemaria, *Santo Rosário*, V mistério gozoso.
- [46] *Ibid.*
- [47] São Josemaria, Meditação, 02/10/1956.
- [48] Francisco, Homilia, 27/01/2015.
- [49] *Ibid.*
- [50] São Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 172.
- [51] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 41.
- [52] Francisco, *Patris Corde*, n. 5.
- [53] São Josemaria, *Forja*, n. 591.
- [54] Francisco, *Patris Corde*, n. 4.
- [55] São João Paulo II, *Redemptoris custos*, n. 8.

- [56] Bento XVI, Homilia, 13/01/2013.
- [57] Francisco, *Angelus*, 10/01/2021.
- [58] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 65.
- [59] Francisco, Audiência, 09/05/2018.
- [60] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 306.
- [61] Francisco, *Angelus*, 06/03/2022.
- [62] São Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 75.
- [63] Bento XVI, Audiência, 13/02/2013.
- [64] São Josemaria, *Caminho*, n. 762.
- [65] *Ibid.*, *Sulco*, n. 860.
- [66] Bento XVI, Audiência, 07/11/2012
- [67] Francisco, Homilia, 08/05/2018.
- [68] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 539.
- [69] Teodoreto de Ciro, *Interpretatio ad Hebraeos*, *ad loc.*
- [70] São Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 141.
- [71] São Josemaria, *Caminho*, n. 11.
- [72] Bento XVI, Homilia, 11/09/2006.
- [73] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 163.
- [74] Francisco, *Angelus*, 16/01/2022.
- [75] São Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 144.

[76] Santo Afonso Maria de Ligório, *Sermones abreviados*, 48, 2, 1.

[77] Francisco, Angelus, 06/02/2020.

[78] Bento XVI, Audiência, 17/05/2006.

[79] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 260.

[80] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 159.

[81] São Josemaria, Carta 6 de maio de 1945, n. 42.

[82] Fernando Ocariz, Deixar-se surpreender por um bom Pai , publicado no *Observador* de 29/01/2019.

[83] Bento XVI, Colóquio com sacerdotes da diocese de Roma, 26/02/2009.

[84] Francisco, Discurso, 06/07/2013.

[85] São João Paulo II, Discurso, 25/07/2002

[86] Bento XVI, Angelus, 29/07/2012.

[87] Francisco, Angelus, 02/08/2020.

[88] São Josemaria, *Forja*, n. 659.

[89] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 2.

[90] Francisco, Meditação matutina de 18/02/2014.

[91] *Ibid.*

[92] São Josemaria, *Forja*, n. 1.

[93] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 77.

[94] Francisco, Angelus, 28/02/2021.

- [95] *Ibid.*
- [96] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 114.
- [97] Francisco, Angelus, 28/02/2021.
- [98] Bento XVI, Angelus, 04/03/2012.
- [99] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 213.
- [100] Francisco, *Fratelli tutti*, n. 224.
- [101] Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré I*, p. 238.
- [102] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 172.
- [103] Francisco, *Fratelli tutti*, n. 78.
- [104] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 70.
- [105] Bento XVI, *Deus caritas est*, n. 15.
- [106] São Josemaria, Meditação, 22/07/1964.
- [107] Bento XVI, Audiência Geral, 18/07/2010.
- [108] Francisco, Audiência Geral de 21/07/2013.
- [109] Bento XVI, Audiência Geral de 18/07/2010.
- [110] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 307.
- [111] Bento XVI, Homilia, 18/03/2007.
- [112] *Ibid.*
- [113] Francisco, Angelus, 27/03/2022.
- [114] São Josemaria, *Forja*, n. 897.

- [115] Francisco, *Angelus*, 27/03/2022.
- [116] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 09/01/2018.
- [117] cf. São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 26.
- [118] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 09/01/2018.
- [119] São Josemaria, *Sulco* n. 635.
- [120] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 71
- [121] Francisco, *Audiência* 01/06/2016.
- [122] Santo Agostinho, *Confissões* Livro 7, 10. 18, 27.
- [123] *Do Diálogo de santa Catalina de Siena sobre a divina Providência*, Cap. 167.
- [124] Francisco, *Mensagem*, 29/06/2021.
- [125] São Josemaria, *Sulco*, n. 795.
- [126] São Josemaria, *Caminho*, n. 632.
- [127] Bento XVI, *Homilia*, 24/04/2005.
- [128] Francisco, *Meditações matutinas*, 12/03/2018.
- [129] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 35.
- [130] São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, II-II, q. 28, a. 4.
- [131] Fernando Ocáriz, *Carta Pastoral*, 09/01/2018, n. 6.
- [132] Fransico, *Gaudete et exsultate*, n. 64.
- [133] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 195.
- [134] Francisco, *Homilia*, 04/03/2016.

- [135] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 196.
- [136] *Ibid.*, n. 197.
- [137] *Ibid.*, n. 198.
- [138] Francisco, Homilia, 04/03/2016.
- [139] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 31.
- [140] São João Paulo II, Mensagem, 06/08/2004.
- [141] São Josemaria, *Forja*, n. 623.
- [142] *Ibid.*, *Amigos de Deus*, n. 146.
- [143] *Ibid.*, *Cristo que passa*, n. 36.
- [144] Francisco, Mensagem, 14/11/2021.
- [145] Francisco, Homilia, 07/03/2019.
- [146] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 94.
- [147] São Josemaria, *Forja*, n.181.
- [148] cf. Salvador Bernal, *Apontamentos sobre a vida do Fundador do Opus Dei*, cap. 6.
- [149] São Josemaria, *Caminho*, n. 796.
- [150] *Ibid.*, n. 790.
- [151] São Josemaria, *En Diálogo con el Señor*, 20, 2a.